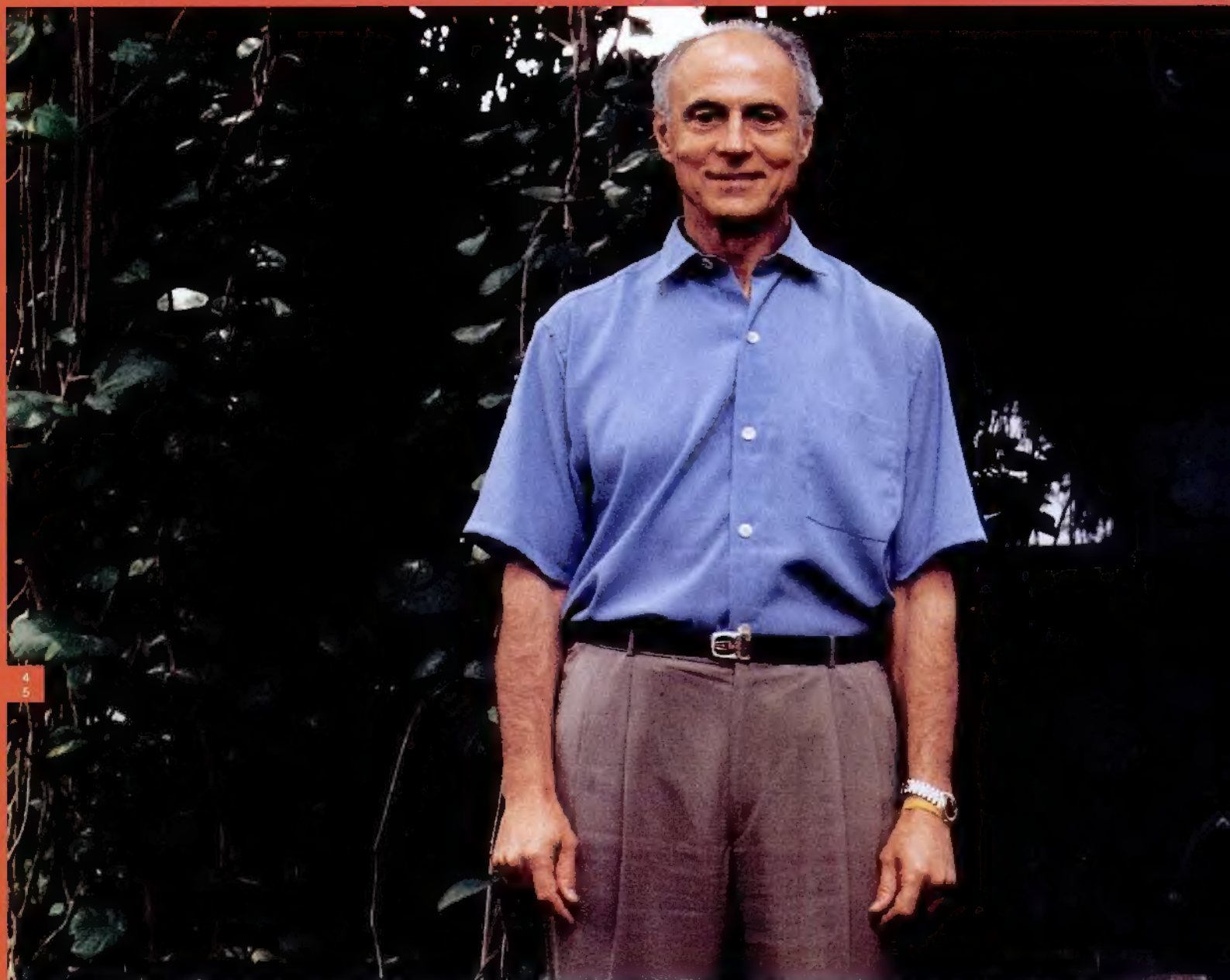
TPM
Trip.para.mulher
6
R$ 6,50
ENSAIO SENSUAL E ENTREVISTA
MARCELO D2,
DO PLANET HEMP:
MEIO CAFA, MEIO PRÍNCIPE
JEÍSA
J.R. DURAN PÕE
O FOCO NA TOP
RAÍ! RAÍ! RAÍ!
UMA SELEÇÃO SÓ COM ELE
REPORTAGEM ESPECIAL
BETO, 36 ANOS: A HISTÓRIA
DO HOMEM QUE NASCEU MULHER
AGORA SEM MARTA
EDUARDO SUPLICY FALA SOBRE
SOLIDÃO, SEPARAÇÃO E AMOR
TEST DRIVE
SUTIÃ DE SILICONE
FUNCIONA?
MAIS
SEXO, MODA, ESPORTE,
DECORAÇÃO E COMIDAS AZUIS
ISSN 1519 - 4035
9 771519 403002 00006
www.revistatpm.com.br
Novembro 2001. Ano 01. Nº 06
Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição
TRIP
Materiał chroniony prawem autorskim

rua oscar freire 1041   www.einsteinjeans.com.br   show room (11) 3333 5000
paulo mancini_artur lescher

EDUARDO MATARAZZO SUPLICY NASCEU MILIONÁRIO, MAS NUNCA DEIXOU DE SE INDIGNAR COM O QUE SE PASSAVA DO OUTRO LADO DO MURO. AOS 60 ANOS, É O CANDIDATO A PRESIDENTE QUE FAZ DE SUA SENSIBILIDADE SEU PRINCIPAL ATIVO POLÍTICO. UM HOMEM QUE OLHA NO OLHO E NÃO SE IMPORTA EM CHORAR AO FALAR DA EX-ESPOSA – "A PESSOA MAIS PRECIOSA NA MINHA VIDA"

EDUARDO SUPLICY, NO JARDIM DE SUA CASA EM SÃO PAULO, QUE FOI POSTA À VENDA DEPOIS DE SUA SEPARAÇÃO

SIN PERDER LA TERNURA

por Paulo Lima
foto Rui Mendes

Eduardo Suplicy está em boa forma. É bonito, está solteiro, teve um casamento que durou 36 anos, gerou três filhos e espera o primeiro neto. É o senador mais querido do país e, agora, prepara-se para disputar a presidência do Brasil. Tem, antes, de vencer Lula nas prévias do Partido dos Trabalhadores, que acontecem em março do ano que vem. Está confiante.

Mas Eduardo Suplicy é muito mais que isso. É um homem. Uma pessoa de 60 anos que conseguiu manter-se ereto, digno e inquestionavelmente íntegro, mesmo passando a maior parte de sua vida num ambiente que não é exatamente conhecido pela limpeza, a política. Mais ainda, Eduardo olha nos olhos das pessoas. Não se envergonha ao demonstrar seus sentimentos. Parece ter entendido que a imperfeição é a verdadeira condição humana. Não tenta, por isso, escondê-la. Ao contrário. Convive com ela e a transforma em seu principal ativo.

Sua casa, onde aconteceu a entrevista que você lê nas próximas páginas, diz muito sobre o dono. Tem cara de casa vivida. Os livros, as fotografias, as plantas do jardim, a cor dos tapetes. Nenhum decorador passou por ali. O tempo e as emoções das cinco existências que lá conviveram, sem contar todos os outros que estiveram por perto, se encarregaram de formar as camadas de vida que compõem o ambiente. O imóvel está à venda. Talvez uma demonstração clara de que um ciclo está se encerrando. E outro começando. A maneira como se expressa, olhando de verdade, refletindo sobre o que dirá em vez de disparar toscos rascunhos verbais movidos a ansiedade, é interpretada pelos tolos como defeito – como se o mundo devesse ser habitado por eloqüentes locutores de FM.

Enquanto Paulo Maluf negava com toda a eloqüência as várias acusações que pesam sobre ele em depoimentos à polícia, Eduardo confessava publicamente sua dor pela perda da mulher que amava. Quem disse que todos os políticos são iguais?

Tpm. **Uma coisa que fez muita gente se interessar por você nos últimos tempos foi essa demonstração de sensibilidade e de falibilidade que você deu durante o episódio da sua separação. A gente está vendo o mundo se defrontar com a própria fraqueza nesse episódio do ataque a Nova York; um país que sempre se arvorou à condição de indestrutível, superpotência, de repente tem de vivenciar a própria vulnerabilidade. Você é uma pessoa que, apesar de ser um político, sempre demonstrou muito a emoção, não escondeu a fraqueza nem o seu lado humano. Por quê?**

Eduardo Suplicy. Bom, a *Tpm* então me escolheu porque eu haveria admitido alguma falibilidade e fez um paralelo disso com o que ocorreu com os EUA diante do episódio dos ataques ao WTC e ao Pentágono. Minha separação realmente foi uma situação muito difícil, porque precisei refletir em profundidade sobre as razões que me levaram a perder uma pessoa que era a mais preciosa na minha vida, e da qual nunca tinha planejado me separar. Se isso ocorreu, foi em decorrência de algumas falhas minhas. Quando a Marta me transmitiu que queria se separar, eu conversei com meus filhos. Fiquei pensando, afinal, o que eu poderia fazer.

Tpm. **A que conclusão você chegou?**

Suplicy. Fiquei pensando que, talvez, eu pudesse ser um pouco diferente. Podia aprender a fazer coisas que eu não sabia. Mas os três filhos então disseram: "Não, pai. Seja do jeito que você é, nós gostamos assim..." *[Fica muito emocionado, a voz embargada e os olhos marejados. Interrompe por alguns segundos a entrevista].*

Tpm. **O que você pensou em fazer de diferente?**

Suplicy. Quem sabe eu vou aprender a tocar piano, quem sabe eu vou... Dei diversos exemplos e eles falaram "não, não, não é isso que vai adiantar". Então procurei compreender. Meu desejo é que a Marta seja muito feliz, porque gosto dela. Então, embora seja difícil a separação, achei que a melhor forma era simplesmente respeitar o caminho dela e pronto. Agora, você tinha falado sobre o que está acontecendo com os EUA. Vejo que há um erro de procedimento, como se os EUA não tivessem até agora aprendido suficientemente com a própria história e com a história dos povos do mundo. Outro dia, o *[teólogo]* Leonardo Boff fez um manifesto sobre a paz e ressaltou que nós precisamos pensar que não vai se construir um mundo melhor com base no ódio. Que não podemos combater o ódio simplesmente com o ódio, e que a humanidade não terá outra vez a chance que Deus deu a Noé de construir uma arca para separar os bons que vão se salvar diante de uma eventual catástrofe no mundo. Eu e outros senadores apresentamos um requerimento, que foi aprovado pelo senado, para que o Brasil dissesse aos EUA que não tomasse qualquer atitude de retaliação precipitada contra populações inocentes. O Brasil se encontra um tanto passivo, como que só torcendo para que a violência não chegue aqui. Acho que o governo deveria estar mais ativo.

"PRECISEI REFLETIR EM PROFUNDIDADE SOBRE AS RAZÕES QUE ME LEVARAM A PERDER UMA PESSOA QUE ERA A MAIS PRECIOSA NA MINHA VIDA, E DA QUAL NUNCA TINHA PLANEJADO ME SEPARAR"

Tpm. **De acordo com uma pesquisa publicada na *IstoÉ Gente*, você é o senador mais querido do Brasil. Qual a explicação?**

Suplicy. Procuro fazer jus à confiança dos meus eleitores na busca do que mais acredito. Primeiro, dedicar o meu mandato à realização da justiça, à luta pelo aperfeiçoamento da democracia no Brasil, à luta pelos direitos da cidadania em todas as formas. Isso significa batalhar em todo lugar e momento para que nunca sejam desrespeitados os direitos fundamentais da pessoa humana. O que observo é que, para cada ação concreta que faço, mais trabalho chega para mim. Há inúmeros casos de pessoas que me procuram para aquilo que constitui um anseio muito forte e, às vezes, são problemas difíceis de serem resolvidos... Se me dedico a atender, procuro fazer bem-feito. Mas, mal termino, e só por ter feito bem aquele trabalho, surgem pelo menos mais três. Então vamos dar exemplos...

Tpm. **Deixa eu interromper um pouquinho... Toda a sua resposta fica completamente restrita ao plano racional, certo? Você não atribui o sucesso à forma mais humana como olha para as pessoas, ou à maneira como beija um filho num programa de televisão, ou ao fato de andar de mão dada com a sua mulher. Você não acha que é isso que te torna mais querido? Será que você não está esquecendo um pouco esse lado humano que as pessoas estão procu-**

rando hoje, e que você tem? Será que esse não é o seu principal ativo político?

Suplicy. *[Ri, tímido]* Eu não sei bem...

Tpm. A própria forma como você reflete antes de falar...

Suplicy. *[O mesmo sorriso]* Aí são as outras pessoas que poderiam interpretar... Eu sou da maneira como... *[ainda sem graça]* Eu ia contar um fato, acabei não contando...

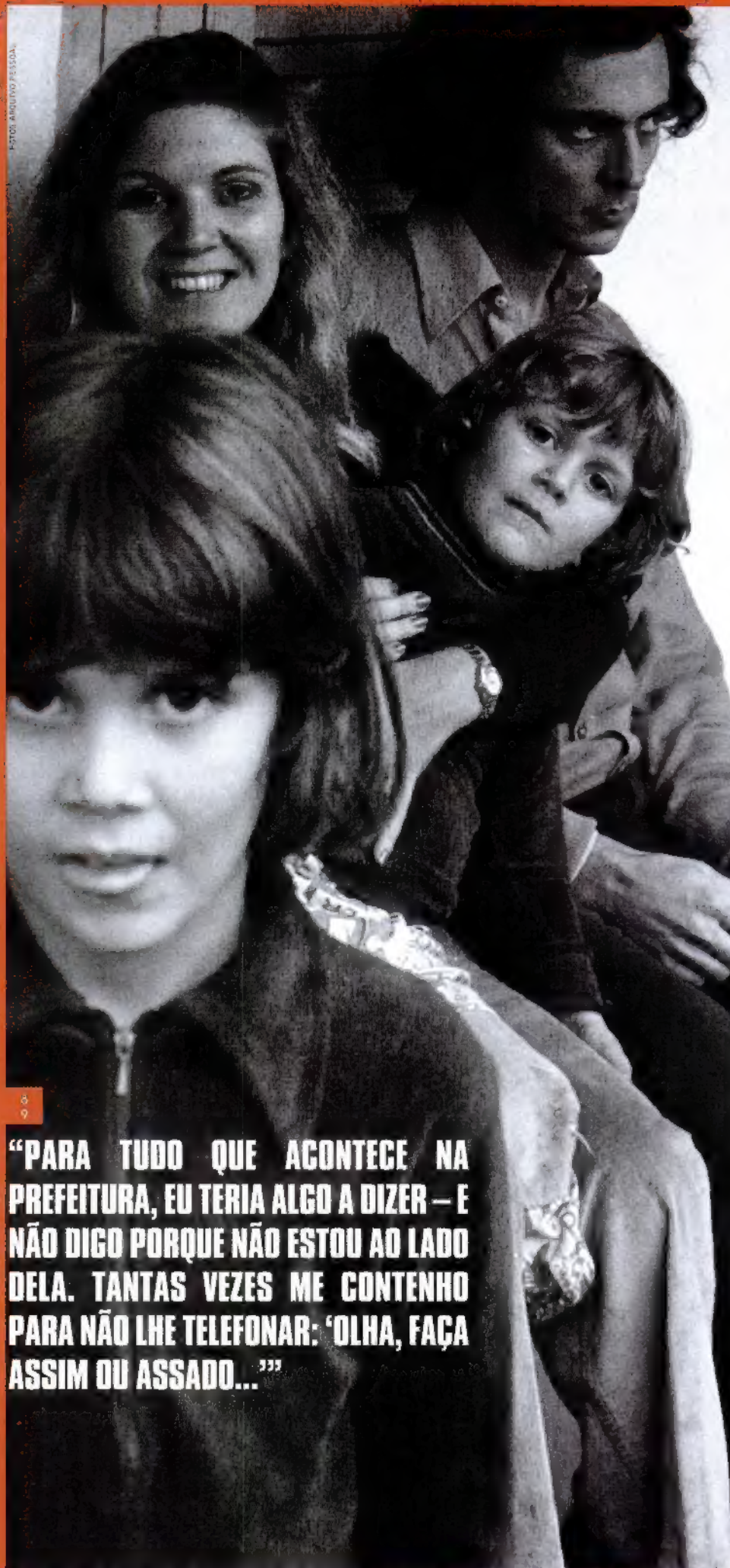
Tpm. Por favor...

Suplicy. Poderia citar inúmeros exemplos do que nem sempre todas as pessoas conhecem do que se constitui o trabalho parlamentar. No primeiro semestre deste ano, por exemplo, uma senhora – Ana Maria Rose – procurou-me, porque seu marido havia contraído uma doença e precisava do transplante de fígado. Ela me disse: "Olha, o médico falou que ele vai ter três meses de vida se não puder realizar a operação. E o fato é que há uma sistemática de filas de pessoas para terem o fígado e, se ele for esperar, não se salvará". Comecei a estudar o assunto e me dei conta de que a legislação, que tem o aspecto bastante democrático da fila, provoca um alto índice de mortalidade. Já se considerou a hipótese de introduzir o critério de gravidade da doença, mas alguns médicos avaliam que pessoas com maior poder aquisitivo teriam maior possibilidade de demonstrar que os seus casos são mais graves. Infelizmente, para a senhora Ana Maria Rose, seu marido veio a falecer há cerca de dois meses. Só que ela continuou a se dedicar ao assunto e tem insistido comigo para que continue também. Esta semana fomos informados de que foi constituído um comitê de debate e discussão para a possível mudança nos critérios da fila. Citei esse exemplo porque é um assunto sobre o qual eu nem conhecia até seis meses atrás... Posso citar outro exemplo de demanda completamente diferente que vem dando um trabalho muito intenso nas últimas semanas?

FOTO ARQUIVO PESSOAL

O CASAL SUPLICY NO MÉXICO EM 1972

O QUE É ISSO, COMPANHEIRA?

Com olhos azuis e sotaque que passeia entre o espanhol e o francês, o argentino Luiz Favre, 51, aproximou-se de Marta Suplicy no ano passado, quando integrou a campanha da petista à prefeitura de São Paulo. Acabaram se apaixonando. Numa atitude corajosa, sobretudo para quem integra a classe política, ela se separou de Eduardo em abril de 2001, depois de um casamento de 36 anos.

"PARA TUDO QUE ACONTECE NA PREFEITURA, EU TERIA ALGO A DIZER – E NÃO DIGO PORQUE NÃO ESTOU AO LADO DELA. TANTAS VEZES ME CONTENHO PARA NÃO LHE TELEFONAR: 'OLHA, FAÇA ASSIM OU ASSADO...'"

OS FILHOS SUPLA (À FRENTE) E JOÃO, MARTA E EDUARDO NA CASA DA MÃE FILOMENA EM MEADOS DOS ANOS 70

Tpm. Sim, por favor.

Suplicy. Uma senhora chamada Maria Célia Vargas apareceu dizendo que procurava pelo filho há 14 anos. Ela trabalhava na embaixada brasileira em Paris no início dos anos 80 e se apaixonou por um francês, com quem teve a criança. Certo dia, vivendo os dois em Miami e tendo seu filho 1 ano ou menos, ouviu seu marido combinar com amigos a prática de um assalto. E se deu conta de que ele era membro de uma máfia. Separou-se e veio com o menino para o Rio. O marido os visitou por três vezes, só que, na terceira vez, levou o filho embora dos braços da mãe. A criança tinha apenas 3 anos. Desde 86 ela o procura de forma desesperada. Por muitos esforços, conseguiu saber que o marido estava em Nice. Trata-se de um caso que, se o governo quisesse fazer como Fidel Castro fez para que o Elian voltasse a Cuba, poderia. Mas ela não conseguiu isso. Foi então que comecei a acompanhar o caso. Pedi ajuda ao ministro da Justiça, ao ministro Luis Felipe Lampreia, ao embaixador na França, Marcos Azambuja. Nesse meio tempo, um amigo de Maria Célia enviou pela internet uma mensagem para a seção de pessoas perdidas, e eis que, de um colégio de Budapeste, surgiu a resposta. Uma mensagem com uma foto de um jovem que pode ser ele e uma música do Police, cuja letra fala da aspiração de um rapaz... "I'm watching you"... Acho que é "Break the breath"...

Tpm. "Every breath you take".

Suplicy. Talvez seja isso... A letra fala da busca de um rapaz. Desde agosto último, tenho conversado com o embaixador do Brasil na Hungria e com o diretor da Polícia Federal. A Interpool já está envolvida e observou que o pai da criança, que hoje tem 18 anos, teria outras identidades. Escrevi para a direção da escola em Budapeste, fui ao consulado húngaro aqui em São Paulo. Um dia, o filho responde aos nossos chamados. Diz que ficou estupefato com a história e pede para saber quem é Maria Célia Vargas. Ela respondeu por uma carta muito bonita, mas aí veio uma resposta dizendo "sinto muito, mas não sou seu filho". Estamos averiguando a hipótese de não ter sido o próprio quem respondeu. E você imagine... esse é o estágio em que está essa história! Quando esteve aqui o primeiro-ministro francês Lionel Jospin, entreguei uma carta minha e outra da Maria Célia pedindo a ele todo o empenho para ajudar a encontrar seu ex-marido e o filho. Eu poderia lhe contar mais dez casos que não param de acontecer comigo...

Tpm. Engraçado que os dois casos que você escolheu para ilustrar o tipo de trabalho que

DONA FILOMENA E O FILHO FAMOSO, SÃO PAULO, 1979

MÃE MENININHA

Dona Filomena Matarazzo Suplicy, 93, é a matriarca à frente do clã de dez filhos, 39 netos e 42 bisnetos

Assim que se separou de Marta, Eduardo bateu na porta do apartamento da mãe e hospedou-se por alguns dias num escritório convertido em quarto. "Ainda não acredito na separação definitiva", diz dona Filomena, que, aos 93 anos, acompanha de perto a vida dos dez filhos, 39 netos e 42 bisnetos. Tanto que, em época de eleição, ela sobe no palanque de Eduardo, distribui folhetos e conta histórias nos comícios. "Não sei se ele vai conseguir *[ser presidente]*", diz, "mas eu o ajudo no que puder."

Filha do conde Andrea Matarazzo e de Amália Cintra Ferreira, a primeira brasileira a se casar com um imigrante italiano, Filomena nasceu no casarão da família que ficava na avenida Paulista. Sorrindo, lembra-se dos passeios no Parque Trianon sob os olhares da babá alemã. "Eu só con-

versava em alemão", conta. Casou-se pela primeira vez aos 19 anos e já era viúva quando teve a segunda filha, aos 21. Três anos depois, uniu-se ao

segundo marido, Paulo Cochrane Suplicy, que também faleceu, há 24 anos. Era do tipo que, aos 70 anos, ainda levava flores num dia comum.

Dona Filomena reza o terço todo dia. "Passei por coisas intensas, boas e ruins", descreve. "No geral, tive uma vida feliz." Só se abate quando fala do filho Luís, o caçula que morreu ano passado com um tumor na cabeça. "Desde que isso aconteceu, ela se fechou", diz a neta Roberta, 28 anos. Morando com a empregada, não passa um dia sem ter em casa a presença de pelo menos uma dúzia de parentes. Às quartas, organiza o tradicional jantar com os herdeiros. Acostumada à folia – até os 90 anos, era habituê dos desfiles da banda pré-carnavalesca Guéri-Guéri, em São Paulo –, está muito bem de saúde, à exceção da audição fraca e a visão prejudicada pela catarata. De manhã e à tarde, caminha no vizinho Shopping Iguatemi. "Senão atrofia tudo, até a cabeça".

Neta de Francisco Matarazzo, um dos pioneiros da indústria paulista, ela assiste hoje à ex-nora administrar a cidade que seu avô ajudou a construir. "São Paulo é muito heterogênea, tem muitos problemas", diz. "Mas tenho confiança na Marta."

faz tratam de histórias de amor, não é? A mulher que estava com seu marido doente, provavelmente sofrendo muito com isso; e essa segunda mulher, que teve o caso de amor com o marido e o filho interrompido bruscamente...

Suplicy. Esta diz que já se casou novamente... Teve dois filhos, mas se separou há oito anos do segundo marido...

Tpm. Pois é... Uma sensação muito comum nas pessoas é de que os políticos não parecem gente, não olham como gente, não falam como gente – falam como entidades, ou porta-vozes de entidades. Talvez não tenham muitos outros senadores com os quais pudéssemos ter um papo que passasse por essas histórias todas de amor que você acaba de relatar...

Suplicy. Não, não... Tenha certeza de que todos os senadores são seres humanos...

Tpm. Vou aproveitar o gancho das histórias de amor: quando falamos da sua separação, você disse que havia "perdido" uma pessoa. E disse também que ficou avaliando quais teriam sido as suas falhas, o que pressupõe um fracasso. Olhando de fora, parece que não houve a perda de uma pessoa, porque a Marta está viva, nem um fracasso – afinal, vocês ficaram casados 36

minho de tantas coisas que, na minha cabeça, iríamos fazer juntos. Mas, de alguma maneira, vamos prosseguir porque estamos no mesmo partido, exercendo cargos públicos. Tudo aquilo que a prefeita me pede, tenho a maior disposição em ajudar. Mas sinto que, tivesse o companheirismo cotidiano continuado, a situação seria completamente diferente. Porque, para tudo que acontece no âmbito da prefeitura, eu teria algo a dizer – e não digo porque não estou ao lado dela. Tantas vezes me contenho para não lhe telefonar e dizer: "Olha, faça assim ou assado..."; ou: "Que raio de declaração é essa que você fez?!".

Tpm. Vocês têm tido conversas pessoais?

Suplicy. Sim, inclusive é mais do que natural que conversemos sobre os nossos filhos... Da minha parte, sempre haverá a disposição de conversarmos bastante. Mantermo-nos amigos é muito importante.

Tpm. Se você tivesse se interessado por outra mulher e pedido a separação, teria sido diferente a reação da Marta em relação à sua? Pelo fato de ela ser mulher, como reagiriam as outras pessoas e a opinião pública?

Suplicy. No último fim de semana, estive em Belém do Pará e conheci a primeira prefeita indí-

sável deixar um companheiro... Eu sei perfeitamente que, para algumas mulheres, a decisão da Marta de se separar é um ato de coragem que precisa ser admirado. E, já que esse é o sentimento dela, que não valeria ficar presa a mim sem vontade, eu respeito. Quero que ela seja feliz.

Tpm. Em algum momento você se sentiu traído, com raiva?

Suplicy. O que posso dizer é que não me senti bem, com certeza. Mas como qualificar esse sentimento?... Prefiro não me estender sobre isso...

Tpm. Em geral, quando as pessoas se separam, elas começam a se cuidar mais. Uma coisa natural de aumentar a estima em outros campos da existência. Aconteceu isso com você? Estou vendo, por exemplo, que está com um terno superbonito...

Suplicy. Esse terno comprei quando estava casado, ano passado. Aliás, comprei poucas roupas depois que me separei. Com respeito à parte física, resolvi fazer ginástica regularmente com uma personal trainer em novembro de 2000, portanto quando ainda estava casado também.

Tpm. Como é essa ginástica?

Suplicy. Hoje de manhã corri 20 minutos segui-

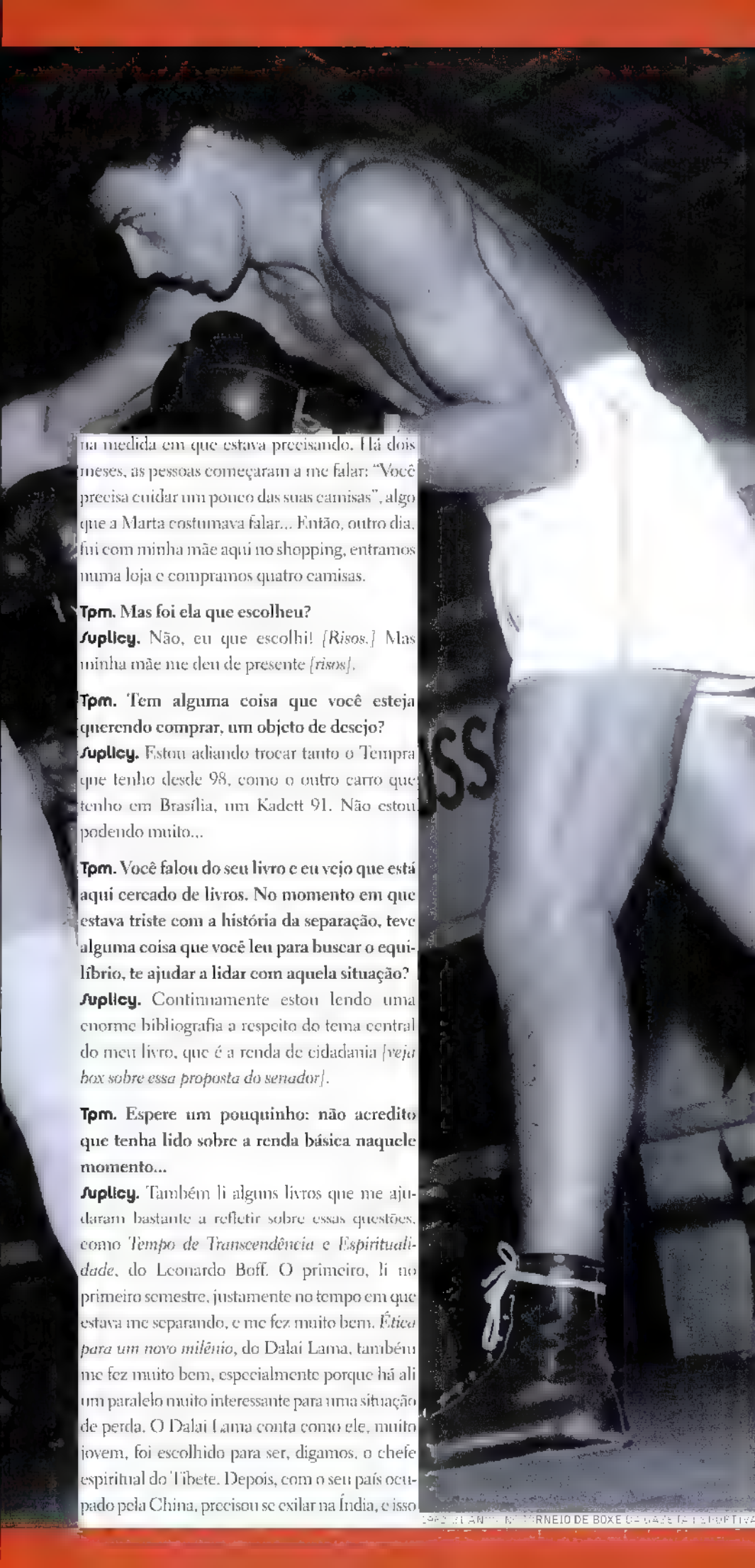
MÍNIMA OBSESSÃO

Suplicy tem uma idéia: distribuir dinheiro para fazer justiça e minimizar a desigualdade social do Brasil

Eduardo Suplicy é reconhecido como um sujeito persistente e obstinado. De fato, desde os anos 70 ele estuda a proposta de um programa social que institua uma renda mensal mínima para todos os brasileiros, empregados ou não. Em 91, apresentou o projeto de Renda Mínima no Senado, que aprovou e enviou para a Câmara dos Deputados, onde não foi votado até hoje – apesar de passados dez anos. O assunto é subtítulo e tema central de seu próximo livro, *A saída é pela porta – em direção a uma renda de cidadania*. De acordo com seu plano, cada cidadão maior de 25 anos terá direito a receber mensalmente de 30 a 50% do montante que falta em seu salário para atingir o valor de R$ 320. Hoje, 37 milhões de brasileiros ganham menos que isso e, portanto, estariam aptos para o crédito. Não se trata de assistencialismo, diz o senador, mas "do direito de partilhar a riqueza da terra onde vivem". A idéia de Suplicy difere do programa Fome Zero, lançado em outubro por Lula, que prevê a complementação da renda com cupons-

"VOU FAZER AQUILO QUE FIZ EM 31 DE DEZEMBRO DE 1988, 13 ANOS DEPOIS: VOU CORRER A SÃO SILVESTRE"

conseguir progressivamente correr 15 quilômetros até o final de dezembro, vou fazer aquilo que fiz em 31 de dezembro de 1988, 13 anos depois: vou correr a São Silvestre.

Tpm. Você está se sentindo melhor hoje, fisicamente, do que estava na mesma época do ano passado, mesmo com esse drama todo?

Suplicy. Estou melhor fisicamente. O que modificou com a separação é que acabei dedicando muito mais tempo ao trabalho e ao objetivo de ser candidato à presidência da República. Como surgiram ponderações de que talvez fosse melhor eu desistir para que houvesse consenso em torno do nome de Lula, então, muito intensamente, resolvi percorrer os mais diversos estados e municípios brasileiros para conversar com os filiados e simpatizantes do PT.

Tpm. Você disse que tem comprado pouca roupa, só o necessário. Está se sentindo confortável financeiramente?

Suplicy. Tenho a remuneração de senador, que é R$ 8 mil. Está sem reajuste, como todos os servidores, desde janeiro de 1995, tendo havido uma inflação já de 70%. E tem o desconto da Previdência, do Instituto Congressista, do imposto de renda, os 22% do líquido que mandamos para o partido... O que sobra é relativamente pouco. Continuo professor na Fundação Getúlio Vargas, mas, como dou apenas um curso às sextas-feiras, é um acréscimo modesto. Tem o aluguel de uma loja que tenho na avenida São Luiz. Esta é a remuneração que tenho. Portanto, preciso sim me preocupar com a situação financeira. Espero que possa haver uma contribuição adicional se o meu livro for bem vendido [A saída é pela porta, *a ser lançado em fevereiro de 2002 – leia trecho em box desta matéria*].

Tpm. Como você escolhe as suas roupas? Tem

1962 [illegible] TORNEIO DE BOXE DA GAZETA ESPORTIVA

na medida em que estava precisando. Há dois meses, as pessoas começaram a me falar: "Você precisa cuidar um pouco das suas camisas", algo que a Marta costumava falar... Então, outro dia, fui com minha mãe aqui no shopping, entramos numa loja e compramos quatro camisas.

Tpm. Mas foi ela que escolheu?
Suplicy. Não, eu que escolhi! *[Risos.]* Mas minha mãe me deu de presente *[risos]*.

Tpm. Tem alguma coisa que você esteja querendo comprar, um objeto de desejo?
Suplicy. Estou adiando trocar tanto o Tempra que tenho desde 98, como o outro carro que tenho em Brasília, um Kadett 91. Não estou podendo muito...

Tpm. Você falou do seu livro e eu vejo que está aqui cercado de livros. No momento em que estava triste com a história da separação, teve alguma coisa que você leu para buscar o equilíbrio, te ajudar a lidar com aquela situação?
Suplicy. Continuamente estou lendo uma enorme bibliografia a respeito do tema central do meu livro, que é a renda de cidadania *[veja box sobre essa proposta do senador]*.

Tpm. Espere um pouquinho: não acredito que tenha lido sobre a renda básica naquele momento...
Suplicy. Também li alguns livros que me ajudaram bastante a refletir sobre essas questões, como *Tempo de Transcendência* e *Espiritualidade*, do Leonardo Boff. O primeiro, li no primeiro semestre, justamente no tempo em que estava me separando, e me fez muito bem. *Ética para um novo milênio*, do Dalai Lama, também me fez muito bem, especialmente porque há ali um paralelo muito interessante para uma situação de perda. O Dalai Lama conta como ele, muito jovem, foi escolhido para ser, digamos, o chefe espiritual do Tibete. Depois, com o seu país ocupado pela China, precisou se exilar na Índia, e isso representou a sua enorme perda. No livro ele mostra como é que, a partir da solidariedade, compaixão, compreensão e dedicação ao próximo, ele conseguiu se fortalecer e ao mesmo tempo poder dar tanto de si.

Tpm. Qual foi a última vez em que chorou?
Suplicy. *[Sorri.]* Este ano teve alguns momentos em que fiquei muito triste e... foram diversos até... Houve momentos de emoção forte, de alegria, como quando soube que o *[filho]* André e a Fernanda, que estavam muito querendo ter filhos, ficaram esperando um... Eu e a Marta ficamos muito contentes então. Agora sabemos que vai ser homem, também ficamos contentes. Quer dizer, ficaríamos do mesmo jeito se fosse mulher.

Tpm. As mulheres em geral falam muito da sua beleza, inclusive dizem que está ficando mais bonito com o tempo. Você já fez alguma plástica? Está feliz com a forma como o tempo tem te tratado fisicamente?
Suplicy. A única plástica que fiz, faz uns quatro anos, foi para tirar o excesso de gordura embaixo da pálpebra. O médico assinalou que se eu não retirasse iria se tornar cada vez mais pesado, e isso iria me cansar. A Marta tinha recomendado muito e resolvi fazer. Fora isso, na minha adolescência, tinha uma série de pequenas pintas na mão que precisei retirar. Ontem tirei uma nas costas, em cinco minutos... Foi só isso.

Tpm. Você tem feito esforço para se tornar melhor em algum aspecto da sua vida?
Suplicy. Há uns dois anos, o *[professor de oratória]* Reinaldo Polito deu uma entrevista para a *Veja* dizendo que, se por ventura pudesse ter a oportunidade de dar-me seis horas de aula, ele me ajudaria muito. Então, no segundo semestre de 2000, eu o procurei, tive as seis horas de aula e um pouco mais e, de vez em quando, ainda o procuro.

Tpm. E melhorou muito a sua oratória?
Suplicy. Ah, com certeza... Pode perguntar para ele. As pessoas têm me dito em toda parte...

Tpm. Você acha que é um defeito falar devagar, pausadamente?
Suplicy. É minha maneira de falar, de ser, mas...

Tpm. Por que mudar se tem tido sucesso assim?
Suplicy. Quanto mais puder aperfeiçoar, melhor, não é? Tenho a convicção de que hoje exponho as idéias muito melhor do que antes. Mas posso ainda melhorar. Vou ter um objetivo de enorme responsabilidade nos próximos meses: sou pré-candidato à presidência da República, então... para estar em uma disputa dessa importância, é preciso aprimorar. Muito.

POBRE MENINO RICO

A infância e a adolescência numa família rica de São Paulo. A pobreza que cercava a sua casa à medida que a cidade crescia. Em seu novo livro, *A Saída é pela porta* (a ser lançado em fevereiro de 2002 pela Fundação Perseu Abramo), Suplicy conta como levou uma moradora da favela para almoçar na casa dos pais no mesmo dia em que eles recebiam um embaixador – ao lado, este trecho da obra

Desde menino, e sobretudo na minha adolescência, sentia um desejo muito grande de descobrir a verdade e a razão das coisas. Eu, que vivia numa família harmoniosa e próspera, questionava o que havia para além dos muros da nossa casa, em São Paulo. De dia, via trabalhadores em sua luta pela sobrevivência, mendigos estendendo a mão, crianças perambulando nas ruas. À noite ouvia os gritos das prostitutas no parque Siqueira Campos, quando vinha a polícia dar uma batida e distribuir borrachadas. As mulheres eram levadas para pernoitar na delegacia, mas alguns dias depois estavam de volta, condenadas ao *trottoir*. Nos subúrbios da cidade, migrantes vindos de todo o Brasil, especialmente do Norte e do Nordeste, fugidos da seca e da miséria, amontoavam-se em casas provisórias, vagavam em busca de emprego fazendo filas nas portas das fábricas e dos escritórios. Surgiam as primeiras favelas paulistanas, um prelúdio do que se tornaria a cidade tão pouco tempo depois. Lembro-me de acompanhar meu pai, um bem-sucedido corretor de café, algodão e outros bens, quando participava de reuniões do movimento de desfavelização e se falava de 10 mil favelados em São Paulo, havendo hoje quase dois milhões.

(...)

Os contrastes para além dos muros de minha casa, de tanta pobreza em meio a abundância para poucos, só aumentaram desde aquele período. O Brasil crescia aceleradamente e, como quase todas as pessoas, eu me entusiasmava com isso. No início dos anos 1960, tive um demorado e comovente encontro com a escritora Carolina Maria de Jesus, que acabara de publicar o seu romance *Quarto de despejo*, em que narra como se intensificou seu sofrimento, numa favela de São Paulo, naqueles anos do governo Juscelino Kubitscheck (1955-60), de crescimento dinâmico da nossa riqueza e da nossa inflação. O livro, narrado em forma de diário, com uma simplicidade e uma sabedoria fabulosas, começa no dia do aniversário da filha de Carolina. A mãe deseja dar-lhe um par de sapatos de presente, mas não tem dinheiro para comprá-los. Encontra sapatos no lixo, lava-os e remenda-os para a filha calçar. E prossegue, de forma natural e dramática: "Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei três litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se". Depois da manhã de autógrafos numa livraria na rua Augusta, em São Paulo, comecei a conversar com Carolina e resolvi convidá-la para almoçar em minha casa. Meus pais estavam recebendo um embaixador, num almoço de cerimônia, e deram as boas-vindas à escritora que viera da favela. Esse encontro entre pessoas com vidas tão diversas e opostas poderia simbolizar uma confraternização, um contato para conhecimento mútuo, a constatação das brutais diferenças que, no entanto, nos irmanam, o que é um primeiro passo para a construção de uma sociedade mais humana e justa.

De meus 8 aos 12 anos, por quatro vezes passei férias no Acampamento Paiol Grande, em São Bento do Sapucaí (SP), onde praticava quase todos os esportes. Foi lá que conheci o pugilismo, ao qual me dediquei, tornando-me campeão de meu peso. (...) Foi uma época em que aprendi bastante sobre a dificuldade daqueles que faziam, com grande dedicação, um esporte tipicamente praticado pelos pobres, e que representa a vontade de aquelas pessoas lutarem por sua sobrevivência, por sua identidade, por seus valores. Uma luta diferente de muitas daquelas que ocorrem fora dos ringues, feita de técnica, arte, dança, regras e coragem. Percebi, entretanto, que nas horas decisivas, não importa a origem de quem lá esteja, a necessidade de sobrevivência o leva a ser para além de contundente com seu adversário. Tornei-me amigo de pessoas que me ajudaram a compreender vidas muito diferentes das que eu até então conhecia.

À PRAIA DO DANÚBIO, 1962, NOS PRIMEIROS DIAS DE UMA VIAGEM A VIENA, ÁUSTRIA

[illegible] 1997

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

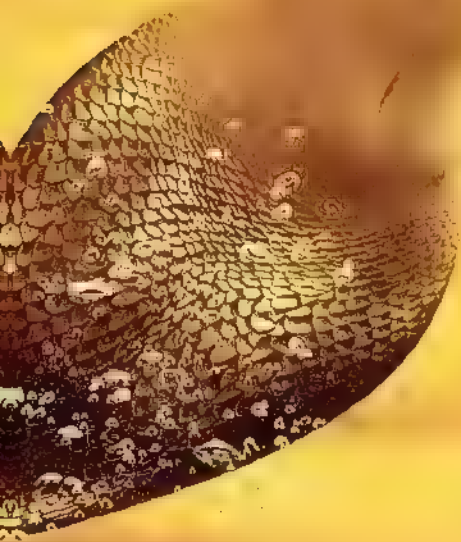
DONA FILOMENA (1); O PAI, PAULO COCHRANE (2); EDUARDO (3), E NOVE DOS DEZ IRMÃOS. ANOS 50

Nestlé

Novo Crunch Cereal.
Pra começar o dia detonando.
A vizinhança inteira vai saber a que horas você acorda.

(anúncio de Skol para mulheres)

A grandona deve ter mau hálito.
A loirinha da esquerda tem celulite.
E a morena lá do fundo tem joanete.
A única coisa gostosa aqui é a cerveja.

Editorial

MUITO PRAZER

Acabo de receber o resultado da pesquisa que encartamos na *Tpm* #4. Você deve se lembrar daquele questionário de perguntas impresso em papel cor-de-rosa. Certamente se lembra e, possivelmente até, foi uma das 4 mil garotas que dedicaram tempo e carinho ao nosso projeto.

Terminei de ler ontem às quatro da manhã. Era impossível parar de olhar para os dados e principalmente, para as cartas escritas por dezenas de garotas que, não contentes em responder a essa infinidade de questões, ainda nos presentearam com cartas incríveis, que vinham presas por clipes ou, em alguns casos, escritas no verso da própria pesquisa.

Não foi só a emoção de ver o primeiro boletim do filho mais novo. Mais do que isso, fiquei feliz ao constatar que não estávamos sonhando quando projetamos uma revista para as mulheres que não vieram ao mundo para fazer regimes e se descabelar no desesperado intuito de descobrir "vinte maneiras infalíveis para segurar o marido".

São milhares de mulheres dispostas a construir suas existências com base num sentido amplo e contemporâneo para a palavra "realização". Mulheres que querem construir carreiras profissionais sólidas, relacionamentos verdadeiros, cuidar do corpo e da saúde sem que isso se torne uma obsessão doentia; mulheres que não precisam mais perseguir e exigir igualdade, pois já vieram ao mundo no próximo capítulo; que gostam sim de roupas, acessórios, coisinhas e badulaques, mas não têm o consumo como razão de vida; que gostam dos homens sem disputar nada com eles, muito menos ter de fazer força para "segurá-los"; gente que ama incondicionalmente e é sensível desde o DNA; que respeita o diferente, que quer tudo o que o mundo tem; quer expandir seus limites, conhecer outras culturas, outros modelos de vida, até mesmo para validar os próprios. Pessoas cujos valores certamente vão fazer o mundo caminhar para um cenário muito mais colorido e arejado do que ilustra os jornais ultimamente.

É muito bom conhecer vocês.

Paulo Lima
Editor

CADA NÚMERO DA *TPM* TEM DUAS CAPAS. PEÇA AO JORNALEIRO PARA VER AS OPÇÕES E ESCOLHA A SUA.
MARCELO D2 FOI CLICADO POR CHRISTIAN GAUL; JEISA BY J.R. DURAN

PEÇA PELO NÚMERO QUE A GENTE MANDA A REVISTA. ENVIE UM CHEQUE NOMINAL OU VALE-POSTAL NO VALOR DE R$ 7,50 PARA A TRIP EDITORA E PROPAGANDA S/A E RECEBA A EDIÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHER PELO CORREIO, NA SUA CASA. ENVIE TAMBÉM UM TELEFONE PARA CONTATO. NOSSO ENDEREÇO: RUA LISBOA, 78, CEP 05413-000, SÃO PAULO, SP, AOS CUIDADOS DO DEPTO. DE CIRCULAÇÃO.

Índice

4 **Páginas vermelhas:** Eduardo Suplicy é entrevistado por Paulo Lima. Quem disse que todo político é igual?

19 **Badulaque:** Test drive de sutiã de silicone. As comidas azuis. Homens grátis. A última vez de Rogério Flausino. A sempre tão aguardada não-entrevista do mês. E outras pérolas do jornalismo investigativo em 16 páginas de papel especial

36 **Capa 1:** As fotos mais sensuais de Marcelo D2. E a entrevista mais reveladora

48 **Moda+viagem:** As meninas de Porto Alegre exibem o guarda-roupa e indicam as melhores baladas da capital do Rio Grande do Sul

60 **Verticália:** O esporte é andar sobre as árvores

64 **Reportagem especial:** Beto, a mulher que virou homem

80 **Capa 2:** Jussa não liga para beleza. Mas a gente liga para a beleza dela

83 **Coluna:** Milly Lacombe – mentir é mais aceitável do que ser homossexual?

84 **Salada:** As decorações de um loft, um apartamento e um sobrado. Cineclube. Cabeceira. Discoteque. E outros serviços e produtos

98 **Coluna:** Mara Gabrilli – adversidade é para contemplar

Assine a *Tpm* pelo site
www.revistatpm.com.br
Ou ligue para (11) 3038-1480, de 2ª a 6ª, das 9 h às 20 h
Atendimento ao Assinante: (11) 3038-1480, de 2ª a 6ª, das 8 h às 20 h
e-mail: trip@teletarget.com.br

A FOTO DESTAS PÁGINAS, DE MARLOS BAKKER, É PARTE DO ENSAIO DE MODA PUBLICADO NA EDIÇÃO DA *TRIP* QUE ESTÁ NAS BANCAS. NA AREIA DE IPANEMA, UMA "PELADA" ENTRE O TIME DE BERMUDA E O TIME DE SUNGA

Editor Paulo Lima revistatpm@uol.com.br
Diretor Superintendente Carlos Sarli sarli@revistatrip.com.br
Diretor de Negócios Marcos de Moraes mmoraes@revistatrip.com.br
Diretor Editorial Fernando Luna fluna@revistatrip.com.br

PLANEJAMENTO E GESTÃO
Diretores Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona

REDAÇÃO
Diretor de Redação Fred Melo Paiva fred@revistatrip.com.br
Repórter Especial Nina Lemos nina@revistatrip.com.br
Subeditor Miguel Icassatti miguel@revistatrip.com.br
Reportagem Giuliana Tatini giuliana@revistatrip.com.br e Renata Leão Bavaresco renataleao@revistatrip.com.br
Revisão: Maria Fernanda Álvares
Estagiários de Redação Eduardo Marçal e Thalia Moreira
Colunistas Mara Gabrilli e Milly Lacombe
Correspondente no RJ Christian Gaul christiangaul@uol.com.br

ARTE
Diretora de Arte Paola Bianchi paola@revistatrip.com.br
Chefe de Arte Sergio Brandão Cury sergio@revistatrip.com.br
Diagramador Gus Bozzetti gus@revistatrip.com.br
Estagiária de Arte Camila Cannavale Pacheco
Projeto Gráfico Beth Slamek e Paola Bianchi (Rafic Farah Estudio)

EDITORIA DE MODA
Editora de Moda Lara Gerin laragerin@revistatrip.com.br
Assistente Bibiana Kamimura bibiana@revistatrip.com.br

PRODUÇÃO GRÁFICA
Walmir S. Graciano walmir@revistatrip.com.br
Monica Yamamoto monicay@revistatrip.com.br

PRODUÇÃO
Coordenação Geral Renata Grynszpan renata@revistatrip.com.br
Coordenação de Produção Angela Caçapava angela@revistatrip.com.br
Assistente Anita Castanheira anita@revistatrip.com.br
Estagiário Daniel Deaki

INTERNET
web@revistatrip.com.br
Coordenação e Design Eva Oviedo eva@revistatrip.com.br
Assistentes de Arte Danilo Tamega [illegible] e Eduardo Fernandes
Editor de Texto Luiz Cesar Pimentel cesar@revistatrip.com.br
Produtora Jadi [illegible] jadi@revistatrip.com.br

DEPARTAMENTO DE MARKETING
Gerente Ana Paula Wehba anapaula@revistatrip.com.br
Supervisora [illegible] Basile
Atendimento ao Leitor [illegible] 3081 4511

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Diretora Superintendente Debora Liotti dliotti@revistatrip.com.br
Gerente Comercial Rogério Rocha rogerio@revistatrip.com.br
Executivos de Contas Antonio Bonfa Junior (Totó)
[illegible] Mello
Gabriella [illegible] Balance
[illegible]
Flavio Fernandes (mídia [illegible])
Assistente do Comercial Carla Arakaki
Representantes RJ Sandra Cortez (21) 9122 8294 e [illegible] (21) 9974 6064
Representante Sul Ado Henrichs ado@terra.com.br (51) 3330 5091
Representante Minas Gerais Gustavo Ziller (31) 3286 1435

NOVOS NEGÓCIOS
Diretor Eduardo [illegible]
Projetos Especiais Eduardo Rezende

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO
Gerente Fabio [illegible] fabio@revistatrip.com.br
Circulação e Analista Financeiro Rodrigo Luiz
Recursos Humanos/Administrativo Maria Nelly Melloni (Tati)
Assistente Administrativo/Financeiro Vanessa Marçal
Assistente Financeiro Ricardo Braga
Recepção Bárbara Didio, Cibele Peres Horta
Serviços Externos Felicio Oliva Neto e Nivaldo Ferreira Alves
Manutenção e Apoio Cristian Bertholet, Francisco dos Santos Silva, Luciana Gisele Alves

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto: Antonio Prata, Bia Labate, Carlos Gerbase, Eduardo Loquio, Gabriela Mellão
Fotos: Ado Henrichs, Christian Gaul, Cristiano Máscaro, Douglas, J.R. Duran, Kiko Ferrite, Leo Ferreira, Manoel Marques, Nino Andrés, Rui Mendes, Tadeu Fessel

BANCO DE IMAGENS
Mariana Sampaio imagem@revistatrip.com.br (11) 3898 8200
Estagiário Gustavo Scatena

ENDEREÇO
[illegible]
PABX (11) 3898 8200

ASSINATURAS
Tel.: (11) 3038 1480
2ª a 6ª, das 9 h às 18 h
trip@teletarget.com.br

FALE COM A GENTE
E-mail: revistatpm@uol.com.br

VISITE NOSSA COZINHA
TRIP Para Mulher na internet: www.revistatpm.com.br

IMPRESSÃO
[illegible]

A *TRIP* Para Mulher não aceita publicidade de cigarros. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP Para Mulher, uma publicação mensal da TRIP Editora e Propaganda S/A (ISSN [illegible])
Nós vendemos espaço, mas não vendemos opiniões.
Filiado ao IVC

DISTRIBUIÇÃO
Em todo território nacional [illegible] Fernando Chinaglia S/A
R. Teodoro da Silva, 907 - Rio de Janeiro, RJ

edição e reportagem Nina Lemos

1. JABURU FUTEBOL CLUBE **2.** A NÃO-ENTREVISTA DO MÊS **3.** MAIS UMA DE MICKEY **4.** MINHA ÚLTIMA VEZ **5.** PEITO DE LARA **6.** HOMENS GRÁTIS **7.** BURACO NEGRO **8.** A VERDADE SOBRE OS DREADLOCKS **9.** OS EUROPEUS SÃO MENOS MACHISTAS **10.** PAGAMENTO EM ESPÉCIE **11.** IGNORÂNCIA ARTIFICIAL **12.** NÃO EXISTEM COMIDAS AZUIS **13.** QUEIMANDO O LIVRO **14.** PONTO DE VISTA **15.** RAÍ FUTEBOL CLUBE

1. Jaburu Futebol Clube

A FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL DEFINIU A BELEZA E A JUVENTUDE COMO CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS ATLETAS DO CAMPEONATO PAULISTA DE FUTEBOL FEMININO. SE É ASSIM, QUEREMOS DIREITOS IGUAIS: PELO FIM DOS HOMENS FEIOS EM CAMPO!

Inspirada pela coragem e pelo pioneirismo da Federação Paulista de Futebol – que sugere beleza e juventude como critérios de seleção das atletas que participam do novo campeonato paulista de futebol feminino –, a *Tpm* decidiu fazer a sua parte nessa campanha tão nobre. Nossa colaboração, claro, refere-se ao futebol masculino: por que não estender a eles as mesmas condicionais? Afinal, as torcedoras de todo o Brasil estão cansadas de ver tanto jaburu com vaga garantida nos gramados.

Nossa causa é dirigida especialmente à seleção brasileira, representante internacional da beleza masculina do país, e que, embora tenha suado a camisa amarela para não ficar de fora da próxima Copa do Mundo, não tem a menor chance de levar o troféu Vinicius de Moraes – aquele para o qual a beleza é fundamental. Levantamos o cartão vermelho para Edmilson(5), Cafu(2), Juan(4), Emerson(7), Marcos(1), Lúcio(3), Vampeta(8) – cujo apelido, muito apropriado, é a mistura de vampiro com capeta –, Marcelinho Paraiba(9), Rivaldo(10), Roberto Carlos(6) e Edilson(11).

Veja escalação que consideramos ideal na última página deste Badulaque. *(por Giuliana Tatini)*

A BELEZA E A (DES)GRAÇA DA SELEÇÃO CANAR

AGÊNCIA ESTADO

2. A não-entrevista do mês

O mundo pode estar quase acabando, mas uma pessoa namorar outra por um tempinho de nada parece ser um assunto muito importante! Isso se as pessoas forem famosas e gostarem de aparecer em revistas, claro. Por isso, elegemos o ex-casal (até o fechamento desta edição eles estavam separados, mas nunca se sabe) Deborah Secco e Maurício Mattar os nossos não-entrevistados desta edição. Os dois ficaram juntos por um mês e assumiram o namoro nas páginas das revistas. Eles tinham acabado de se separar e foi aquela fofocalhada! Aproveitaram o tempo em que estavam juntos para aparecer em festas "vips" pelo Brasil e se separaram. Normal. Todos os dias milhares de pessoas se separam! Mas não, Maurício Mattar, um cara que muitas revistas chamam de galã (tudo bem, tem gosto para tudo), que vai lançar um disco, aparece na capa da *Contigo* como novo solteiro cobiçado (por quem?). Deborah posa de surfista na *Caras*. As declarações sobre essa notícia importantíssima foram inacreditáveis. "Eles não estão mais juntos, mas ainda são amigos", disse a mãe de Deborah, em um momento de incrível originalidade. Esse fim de namoro relâmpago não nos interessa. Os motivos também não. O problema é que isso não deveria importar para ninguém, só para os dois. Por isso, realmente, não vamos entrevistá-los! Nós queríamos mesmo era entrevistar o Bin Laden e ganhar o prêmio de melhores jornalistas do mundo. E a recompensa, claro. Deborah? Que Deborah?

DEBORAH SECCO E MAURÍCIO MATTAR

O EX-CASAL PROTAGONISTA DE UM "DRAMA" DO TAMANHO DO WTC

3. Mais uma de Mickey

O DRAMATURGO GERALD THOMAS LANÇA UM VÍDEO SOBRE O ATENTADO AO WORLD TRADE CENTER E PROVA QUE NÃO HÁ LIMITES PARA O MICO-BOMBEIRO DOURADO

A guerra continua. E Gerald Thomas continua fora de si. O nosso não-entrevistado do mês passado aprontou mais uma. Ele lançou um vídeo sobre a sua tragédia "pessoal" – o atentado terrorista ao World Trade Center, em Nova York. Um lançamento da *Caras*, claro, seu veículo "oficial". A fita, narrada por Gerald, mostra os conflitos no Oriente Médio e culmina com imagens e mais imagens das torres gêmeas sendo "estupradas" pelos aviões, como já disse o nosso dramaturgo. Temos de confessar que não resistimos e compramos a bizarria na banca – só para ter certeza de que não era uma pegadinha do Sérgio Malandro. Infelizmente, para o bom senso mundial, era verdade. A apresentação diz: "Relato de uma testemunha *in loco*". Vale lembrar que Gerald não estava no WTC. Na verdade, estava no Brooklin, que fica a pelo menos um rio de distância das torres. O vídeo vem com uma revistinha que traz um texto de Gerald e, o mais inacreditável, fotos dele posando no cenário da tragédia. Em uma delas, ele está em frente a uma ambulância; em outra, ao lado dos seus queridos bombeiros, com ar semelhante aos dos atores de suas peças. A já clássica imagem de Gerald andando com roupa amarela de voluntário também está presente. Detalhe imperdível copiado da revista: "Gerald Thomas doou o cachê referente a este trabalho ao Corpo de Bombeiros de Nova York, Os Anjos, como ele chama.". O vídeo é vendido como um "documento histórico". Disso, não temos dúvida. Trata-se, de fato, de um mico histórico!

CAPA DA NOVA OBRA DE ARTE DE MICKEY

A última vez de... Rogério Flausino*

"Vamos fazer sexo?"

"EU E MINHA NAMORADA ACORDAMOS AGARRADOS ÀS SETE DA MANHÃ"

"Sempre viajo com a banda no fim de semana. Por isso, fico com a minha namorada segunda e terça. Na última vez que nos encontramos, fomos para a minha casa e pedimos uma pizza e um vinho. Ficamos vendo aquele filme da Björk, *Dançando no Escuro*, e acabamos dormindo. Acordamos lá pelas sete da manhã e eu disse para ela: "Vamos fazer sexo?". Falei assim mesmo, desse jeito. Estamos juntos há sete anos e temos toda intimidade. Sabe como é, a gente estava dormindo agarrado, acordando um pouco, dormindo de novo. Estava um dia de chuva, a gente ouvia as gotas. E o meu apartamento tem uma vista muito legal de Belo Horizonte. Então, foi uma transa romântica. Depois a gente ficou deitado abraçado por mais um tempão. Agarrado mesmo. Foi muito bom."

*Rogério Flausino é vocalista do Jota Quest

Test Drive

Peito de Lara

NOSSA EUFÓRICA EDITORA DE MODA TROCA O SUTIÃ 38 POR UM OUTRO, SILICONADO, TAMANHO 42. DESFILANDO PELAS RUAS DE SÃO PAULO, ELA RECEBE O ESPÍRITO DE GISELE BÜNDCHEN – E PÁRA OS JARDINS

fotos Leo Ferreira

Que Feiticeira, que nada! Nossa editora de moda, Lara Gerin, experimentou por um dia um peito portátil e fez mais sucesso que qualquer musa rebolativa. Os peitões são disponíveis em duas categorias: os recheados de água e óleo ■ os de silicone mesmo (tipo uma geleca). Eles são colocados por baixo do sutiã e aumentam o peito em valores consideráveis. "Meu Deus, estou parecendo uma vaca leiteira", disse ela, que nesse dia trocou o manequim 38 de modelo magrela por um 42. Aos poucos, foi se acostumando "com as duas jarras". "É tipo incrível, virei uma Gisele Bündchen", bradava ela, enquanto desfilava seu corpinho pela rua Oscar Freire, nos Jardins, a Beverly Hills de São Paulo.

Em cada loja que entrava, um pequeno tumulto era criado. Todas as moças presentes queriam botar a mão, apertar o peito de Lara, experimentar. "Virei a Gisele", repetia de cinco em cinco segundos, meio que tomada por uma sensação de êxtase mamário. O seu primeiro encontro na rua, veja só, foi com a apresentadora de TV Babi. "Você não está percebendo nada de diferente em mim?", perguntou Lara. Babi percebeu e saiu apertando o peito de nossa despudorada editora, despertando olhares assustados dos transeuntes. Só de apertar, Babi já aprovou o produto: "Que comissão de frente incrível! É muito melhor que operar. E, de noite, é só você jogar embaixo da cama e abraçar o bofe logo, antes que ele perceba".

R$ 325 de busto

Logo, logo, a criativa Lara descobriu várias utilidades para o peitão. "É ótimo para apoiar ■ braço enquanto falo ao telefone celular." Os peitos literalmente pararam os Jardins. Na loja Doc Dog, a euforia foi tanta que uma vendedora declarou: "Vou sair correndo ■ comprar um para mim na hora do almoço!". Lara gostou tanto do acessório peitoral que passou, no total, 10 horas de seu dia carregando o silicone. Despertou comentários de Rogério Flausino, do Jota Quest, com quem encontrou no cabeleireiro. "Lara, desculpa a indiscrição, mas que peitão ■ esse?", perguntou ■ observador pop star.

Conclusão: o sutiã de silicone é caro, mas vale a pena. O maior, tamanho 42/44, custa R$ 260. O recheado de óleo, tamanho B/C (existe também o A/B), custa R$ 65. Os dois são da grife americana Fashion Forms. No dia do teste, Lara usou um por cima do outro. Ou seja, peitos de R$ 325.

Vá lá:
Daslu: (11) 3842 3785
Depósito de meia Jorge Ansara: (11) 228 4144

LARA E BABI FAZENDO O TESTE DO TOQUE

LARA EM SEU TRABALHO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

"OPEROU????", PERGUNTAVAM OS AMIGOS NOS JARDINS

Homens grátis

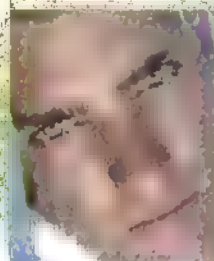
SE VOCÊ VIVE DIZENDO QUE FALTAM RAPAZES DISPONÍVEIS, MUDE DE ASSUNTO IMEDIATAMENTE. ENTRE NO SITE WWW.TOFACINHO.COM.BR E ENCONTRE ESSES GAJOS QUE APRESENTAMOS NESTA PÁGINA E MAIS CERCA DE 1500 CARINHAS. ELES PODEM SER LOCALIZADOS PELO NUMERINHO QUE ESTÁ AO LADO DE SEUS NOMES.

LUCAS - 1601

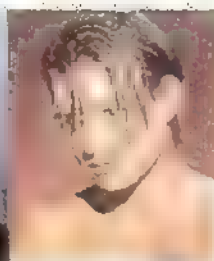
JOÃO - 1544

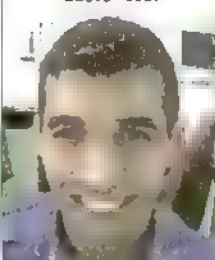
RAMON - 1617

PAULO - 1594

WILSON - 1585

RAFAEL - 1586

ELSIO - 1587

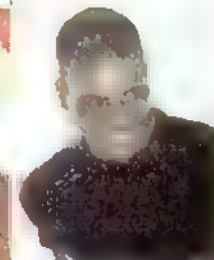
CAE.C - 1163

JARDEL - 1517

SANDRO - 1016

FELIPE - 1709

ROBERTO - 1595

ALBERTO - 1610

ADELSON - 1186

ALEXANDRE - 1696

LEONARDO - 1539

CHRISTIAN - 1566

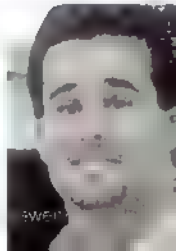
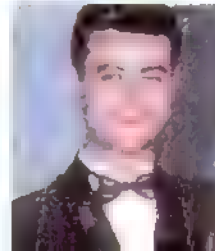
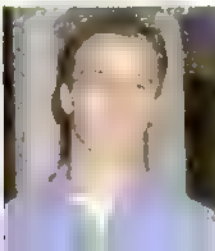
LEONARDO - 1082

FILIPE - 1272

THIAGO - 1674

WAGNER - 1055

RODNEY - 1357

TONY - 1675

ANDRÉ - 1264

Antes e depois
Buraco negro
OU 01 MANEIRA DE PERMANECER CELULÍTICA

M.G. TENTOU A SORTE COM O CELLESSE. SORTE DA SUA CELULITE (ACIMA, O RESULTADO DO TRATAMENTO)

A produtora M.G., de 31 anos, é uma mulher fanática por celulites. Tão maníaca que se recusa a revelar sua identidade para não passar a ser conhecida como: "a celulítica". Ela é daquelas que vive apertando o próprio braço para ver se acha buraquinhos na pele. Há cerca de um ano, pensou que tinha encontrado a solução para seus problemas. Descobriu em um anúncio na TV o Cellesse, um aparelho elétrico que "acabava com a celulite em poucos meses". O objeto é tipo um massageador que promete, através da fricção, "fazer uma drenagem linfática" e destruir os buraquinhos do corpo. Foi um fiasco. Ela usou o produto poucas vezes. E nada funcionou. "Quando vi o anúncio, fiquei maravilhada, pois parecia tudo de bom, tipo a melhor invenção do homem depois da roda. Era muito caro, mas achei que valia a pena." Hoje, o aparelho custa R$ 180 no Shoptime.

M.G. resolveu que ia comprar o produto, mas nem isso foi uma operação fácil. "Eu não achava e fiquei maníaca, indo em todas as lojas, uma peregrinação. Tipo o Caminho de Santiago das portadoras de celulite!". Quando finalmente encontrou, a produtora ainda pagou um mico. "Fui a uma megaloja de departamentos e encontrei o estande às moscas, e o Cellesse estava trancado em uma redoma de vidro! Aí, uma outra vendedora foi no microfone da loja e falou: 'A funcionária que vende aparelho para celulite, favor comparecer, pois tem uma pessoa querendo comprar'. Foi ridículo, ainda bem que ela não falou o meu nome."

Depois de conseguir fazer a compra, ela descobriu que o aparelho é uma chatice. "É um saco de passar, morro de preguiça. Já tentei usá-lo na hora na novela, porque dessa forma a minha perda de tempo seria amenizada. Também desisti." Ela tentou apelar: "O aparelho tem cinco velocidades, sempre escolho a máxima para que tenha mais efeito." E... nada aconteceu! "Não deu certo, as celulites continuaram no mesmo lugar."

Agora, M.G. resolveu trocar o Cellesse pela ginástica. "Fiquei amiga das professoras e compro fiado na cantina da academia! E, agora, renego pessoas que não vão em academia! São os efeitos da endorfina... Mas não cortei os doces, porque também não sou louca."

A verdade sobre os dreadlocks

DEBAIXO DOS CARACÓIS DAQUELE CABELO PODEM ESTAR MUITA POEIRA, FERIDAS ABERTAS E BICHOS ESCROTOS. SAIBA COMO SE PREVENIR

Sabe aquele bonitinho que usa dread e é uma graça? Você não imagina o que passa pela cabeça dele. Ele pode estar com o cabelo mofado, há meses sem lavar e (arght) cheio de piolhos, baratas, enfim, bichos escrotos de variada estirpe. Claro que nem sempre é assim, mas, para manter o emaranhado, algumas pessoas ficam até um ano sem lavar a cabeça. Pelos salões, correm histórias nojentas, como a dos cabelos que apodrecem e a de pessoas que criam ninhos de bichos (eca!).

"Se a pessoa não trata direito, o couro cabeludo pode criar feridas. E os dreads ficam cheios de poeira por dentro", conta Carlos Henrique, do salão Mundorama, em São Paulo, que já tratou muitos dreads em estado de coma. Mas calma! Não é para você sair correndo sempre que encontrar um cara com cabelo assim! O importante é saber se a pessoa cuida de seus rolos com cuidado. E olha que dá trabalho. A cabeleireira Silvana Gurgel, especialista em dreads e portadora de uns há sete anos, diz que quem quiser ter cachos lindos e saudáveis deve estar preparado para muito trabalho e paciência (veja box com as suas dicas).

A percussionista Simone Soul, que tem dreads há três anos, concorda. "Eles demoram uns anos para ficarem realmente bons. No início, ficam meio caóticos. Já pensei em cortar os meus várias vezes, mas consegui resistir." Ela lava o cabelo uma vez por semana e usa um fixador da Lanza para cuidar dos fios. O DJ paulistano Rodrigo P Funk passou seis anos da sua vida portando dreads. Acabou desistindo. "Não tinha paciência para cuidar e ficou meio mofado." Recorde de Rodrigo: seis meses sem lavar a cabeça. Eca...

Como cuidar dos seus dreads em 6 lições

1. Lave o cabelo de uma a três vezes por semana com xampu neutro.

2. Na hora de lavar, enxágüe os dreads com vontade, como se estivesse lavando roupa.

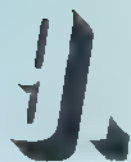
3. Depois de lavar, seque completamente com um secador.

4. Após a secagem, passe um creme fixador.

5. Depois de um ano com dreads, você já pode usar condicionador à base de silicone.

6. Se sentir que o cabelo está muito seco, passe um pouco de óleo de amêndoa, mas só uma vez por semana.

Vá lá:
Mundorama: (11) 3063 9434
Silvana Gurgel: (11) 9182 0117

UM DREAD PODE VIRAR UM ZOOLÓGICO DE INSETOS. VIDE O COURO CABELUDO DE BOB MARLEY

O primeiro gringo de... Priscila Barp*

"Os europeus são menos machistas"

POR QUE AS GAROTAS ADORAM OS CARAS QUE FALAM OUTRA LÍNGUA (LITERALMENTE)?

ARQUIVO PESSOAL

PRISCILA COM YAN, O INGLÊS SENSÍVEL

"Não sou fanática por gringos. Nunca fui atrás de um cara só por ele ser estrangeiro. Mas já namorei três e acho que eles são diferentes dos brasileiros. O europeu não tem essa coisa machista. Eles são educados de uma forma diferente. Mas também são mais frios, um pouco distantes. Uma vantagem é que você pode conhecer outras culturas, outro tipo de povo. E eu sempre fui aberta para coisas novas. Sempre gostei disso. O primeiro gringo era californiano e eu o conheci no Japão. Era o Gary, barman e modelo nas horas vagas. Ficamos seis meses morando juntos. Depois namorei o Steve, que era australiano. Fiquei mais seis meses com ele. O namoro mais sério foi com o Yan, inglês. Ficamos juntos por dois anos, viajamos muito e moramos em Milão. Ele ficou aqui no Brasil um tempão e conhecemos vários lugares do mundo."

* Priscila Barp é modelo

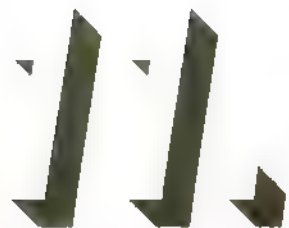
Mondo macho

Pagamento em espécie

DESCOBRIMOS UM TIPO DE DINHEIRO QUE SÓ OS MENINOS RECEBEM

Sinal (ou farol) fechado. Pessoas vendendo bala, entregando folhetos, fazendo malabarismo. Uma mulher, em trajes mais ousados, se aproxima da janela do carro, sorri e entrega um dólar para o mocinho do carro ao lado. Nunca aconteceu com você, né? Nem vai. Os "dólares", populares nas esquinas de São Paulo, são propagandas de casas de massagem e fazem parte do submundo exclusivamente masculino.

Tpm conseguiu dois desses raros exemplares. Um deles é do Éden Estetic Center, um serviço de moças de fino trato que atendem em endereço próprio e também em hotéis e flats. Eles oferecem "massoterapia tailandesa" e "maxtailandesa" (???). O outro é do Amazon, que começa oferecendo massagens antiestresse, relaxantes, estimulantes e... delirantes e sensuais. Fale para um amigo seu que você sabe o que é dólar de farol. E perceba a sua cara de susto. *(por Giuliana Tatini)*

11.

Mondo Macho 2

Ignorância Artificial

PARA TENTAR DECIFRAR A ALMA MASCULINA, ENVIAMOS NOSSO CORRESPONDENTE (O ANTONIO) À GUERRA DOS ROBÔS, UM EVENTO REALIZADO NA UNICAMP POR ESTUDANTES DE ENGENHARIA. SUA CONCLUSÃO: "AINDA TEMOS UM LONGO CAMINHO A PERCORRER NA COMPREENSÃO E NO USO DA INTELIGÊNCIA NATURAL"

por Antonio Prata
fotos Manoel Marques

As arquibancadas do anfiteatro estão lotadas. Enquanto aguardam o início do combate, todos olham curiosos para o palco vazio, cercado por uma tela protetora de arame e acrílico – garantia contra eventuais parafusos, porcas e demais detritos voadores provenientes da batalha. Os alunos de Engenharia da POLI, ITA, EFEI e UNICAMP rufam seus tambores e entoam gritos tribais: "ITA sem mulher!", "Pau no cu da POLI!" ■ outros versos de beleza e profundidade poética semelhantes. O clima não devia ser muito diferente há uns 2000 anos, no Coliseu: ■ povo todo gritando, querendo ver as cabeças rolando e o sangue escorrendo. Dois milênios depois, na arena pós-moderna da Universidade Estadual de Campinas, convenhamos, a coisa era mais sem graça: no lugar dos cristãos, uns robozinhos. E em vez de sangue, na melhor das hipóteses, veríamos fluido de bateria.

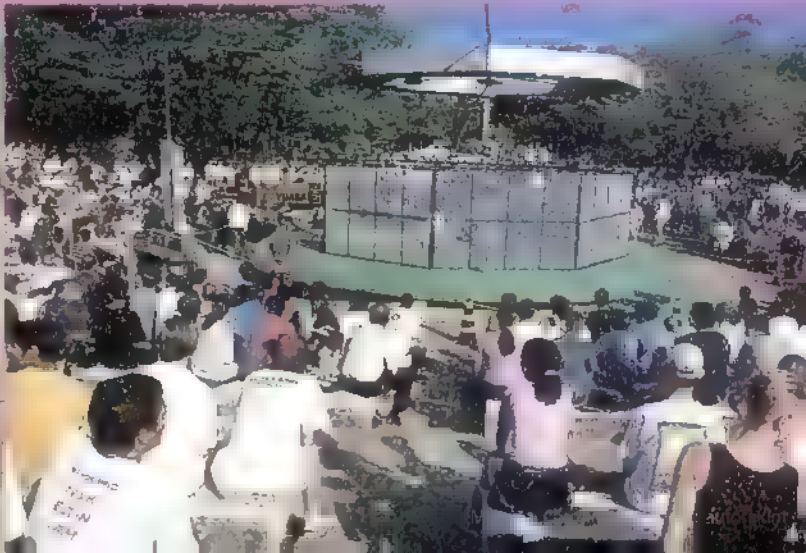
Deslocada no meio da moçada ensandecida, uma garota meio hippie, de calça colorida de Bali e sandália de couro, pergunta para alguém ao seu lado: "Quer dizer que está todo mundo aqui para ver robôs brigarem? Só para isso? Por quê?". Sua dúvida era a mesma da *Tpm*: por que *catzo* uns caras gastam tempo e dinheiro fazendo máquinas, para depois vê-las se destruindo? Parece idiota... e é idiota, mas uma parcela de nós homens costumamos gostar de coisas idiotas. Diante delas, as mulheres geralmente vêm com questões do tipo: qual é a graça de ver 22 homens correndo atrás de uma bola? Ou: o que há de interessante em assistir a esses brutamontes trocando socos dentro de um quadrado cercado por essas cordinhas? Talvez a Guerra de Robôs seja um evento interessante para se tentar entender algumas coisas sobre homens. A idéia é mais ou menos a seguinte: olhe atentamente para as maiores cretinices a que os homens são capazes de assistir – tais como Vale-Tudo, Guerra de Robôs – e aprenderá algo sobre eles.

Confraternização (ou *sem*fraternização)

Diante de tantas dúvidas sobre a Guerra de Robôs e os profundos segredos da alma masculina, resolvo pedir ajuda aos universitários. Chego a um deles e uso a velha tática do pica-pau diante de alienígenas: "Leve-me ao seu líder". Sou apresentado ao professor Pastore, do EFEI: "A idéia é que ■ aluno, fazendo os robôs, tenha que usar a criatividade para aplicar os conceitos aprendidos em sala de aula. Além disso, é um evento cultural e tecnológico que visa a confraternização entre escolas". Enquanto ele fala, na arquibancada continuam ecoando frases que não me parecem nada confraternizantes, muito menos culturais: "Pau no cu do ITA! Pau no cu do ITA!" ou: "Viado da POLI/ toma surra de pau mole! Viado da POLI/ toma surra de pau mole". ■ professor Pastore, no entanto, não parece muito consternado pelas odes.

De repente, correria na arquibancada. Os robôs acabaram de chegar. Vou, eu também, conferir as estrelas do evento. Para quem cresceu assistindo a *Robocop*, as máquinas não eram a coisa mais empolgante do mundo. Para se ter idéia, fiquei algum tempo próximo aos alunos, esperando que tirassem o robô da caixa, até perceber que a tal da caixa já era o próprio robô! Um retângulo de metal que se movia sobre duas lagartas (aquelas esteiras de tanque de guerra). Feitos os últimos

NÃO É UMA ENCERADEIRA, É UM DOS ROBÔS CONCORRENTES

PLATÉIA SEXUALMENTE ANIMADA: "PAU NO CU DO ITA!" "PAU NO CU DO RUBENS"

ajustes, quatro ciborgues *made in* Brasil são postos no ringue. A porta é fechada e, com seus controles remotos, quatro alunos, um de cada faculdade, aguardam o sinal do juiz. Começa a guerra: um conflito no estilo dos que travam os carrinhos de bate-bate nos parques de diversões, só que pior: em miniatura e sem aquelas faíscas que saem do teto.

A ambição do evento: sexo anal

Na arena a tática era o empurra-empurra, na arquibancada ela não era muito mais elaborada. Cada faculdade, por meio de suas espirituosas rimas, pretendia mostrar que os adversários estavam carentes do sexo feminino ou eram gays. "ITA sem mulher / Só na punheta!", dizia um grupo. "Coreano virgem!", gritava outro. E não podemos nos esquecer dos sodomitas do fundão, um grupo cuja única ambição no evento parecia ser a divulgação do sexo anal: começaram gritando "Pau no cu do ITA!!"; depois, chegou o reitor: "Pau no cu do Rubens"! Apareceu um professor, retomaram: "Pau no cu do Alberto"! A Globo começou a entrevistar alguém, lá foram eles: "Pau no cu da Globo!". Quem seria esse pessoal? Algum grupo radical revolucionário gay? Uma célula *rainbow flower* do Bin Laden? Quais suas crenças? Algo do tipo: pelo sexo anal, contra a repressão? Ou: contra a mídia, pelo sexo anal? Ou ainda: pela democratização da universidade e do sexo anal?

Seria cômico se não fosse trágico, mas ali percebia-se que a questão fundamental para aqueles pequenos gênios da eletrônica, o objetivo de vida dos caras que entraram nas faculdades mais concorridas do Brasil, para onde deságuam milhões em pesquisa, era única e simplesmente mostrarem que não eram "bichas"! Deu vontade de chegar lá e falar: "Cara, tudo bem, a UNICAMP inteira já sabe que vocês não são, de maneira nenhuma, nem um pouquinho, sem chance, muito longe disso. E mesmo se fossem, tudo bem, sabe? Não te deram Marta Suplicy para ler aos 12 anos de idade? Relaxa!". Temendo retaliações, como ser jogado na arena para ser comido vivo pelos robôs, fiquei na minha.

Homens inseguros batendo tambores

Percebo então que tanto fazia se aquilo era guerra de robôs, campeonato de bocha, futebol de botão ou briga de galo: a única finalidade do encontro era o berro, a descarga de energia: infelizmente, talvez a única maneira que muitos homens têm de compartilhar afeto e companheirismo. O pior é que aqueles homens inseguros, batendo tambores e gritando como são machos, um chamando o outro de viado são, de certa maneira, o modelo ideal para muitos jovens da nossa sociedade: topo da pirâmide social, ocupando as vagas mais concorridas das faculdades mais respeitadas. No entanto, que carência! Talvez as faculdades devessem tirar uma parte das verbas destinadas às pesquisas e investi-la em terapia de grupo, sei lá...

Em tempo: o vencedor foi o robô da EFEI. O da UNICAMP pegou fogo e os outros dois pararam sozinhos. Abraçados em círculo, no palco, os alunos pularam e gritaram: "Cerveja! Cerveja! Cerveja!". Sem dúvida, antes de passarmos para a inteligência artificial, ainda temos um longo caminho a percorrer na compreensão e no uso da inteligência natural.

PÂNICO: O ROBÔ DA UNICAMP PEGA FOGO. AO FUNDO, OLHARES PERPLEXOS

OS VENCEDORES COMEMORAM AOS URROS: "CERVEJA, CERVEJA, CERVEJA"

As grandes teorias da humanidade

Não existem comidas azuis!

VOCÊ JÁ PENSOU NISSO? SE A SUA RESPOSTA É SIM, SAIBA QUE O MUNDO SE DIVIDE EM DOIS: DE UM LADO, ESTÃO VOCÊ, O VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CORES [illegible] UM CERTO "FUNDAMENTALISTA DAS COMIDAS AZUIS" – DO OUTRO LADO, CLARO, ESTÃO AS PESSOAS NORMAIS

Laranja é laranja. Alface é verde. Chocolate é marrom. A lua é Flicts. E azul? Você já comeu uma comida dessa cor? Não, porque elas não existem! Sempre conversamos sobre isso. Papo de maluco... Mas, agora, o artista plástico Nelson Bavaresco, vice-presidente da Associação Brasileira de Cores, confirmou as nossas teses. Segundo ele, não existe, de fato, nenhum legume, carne ou grão que seja azul. Há apenas um corante natural azulado, o anil, mas ele é pouquíssimo utilizado.

Por quê? A natureza é sábia, queridas. Segundo Bavaresco, o azul é uma cor que pouco estimula as glândulas ligadas ao paladar. Ao contrário de outras cores, como o laranja, o amarelo, o marrom. Quer uma prova? "As crianças sempre preferem comidas amareladas. O verde a gente come porque racionalmente sabemos que faz bem."

O tema não ocupa apenas a cabeça de Nelson. AA, jornalista de um importante órgão de imprensa de São Paulo, é um dos maníacos pelo assunto. Ele se define como "o fundamentalista das comidas azuis" e gasta boa parte do seu tempo pensando nisso. É certamente um dos grandes divulgadores da teoria. "Deus não quis que ingeríssemos azuis", diz. Outra dúvida que povoa a cabeça dele: "Quem coloca os fios nos postes que vemos nas estradas?". Humm, essa questão importantíssima vai ter de ficar para outro Badulaque...

6 perguntas para AA, o fundamentalista das comidas azuis

[illegible] existiam

AA. Balas Banda. Tinha a de abacaxi (amarela), a de tangerina (laranja), a de hortelã (verde), a de morango (cor-de-rosa) e a tutti-frutti (vermelha). Bandinha azul? Nem sinal. A partir daí, só fiz confirmar minha observação infantil. Hoje, graças à evolução tecnológica do Ocidente, podemos encontrar várias coisas comestíveis (ou bebíveis) azuis. Só que são todas artificiais. E artificial não conta. Ok, você dirá que, para chegar à minha conclusão, utilizei produtos também artificiais. É verdade, mas naquele tempo ainda vivíamos – o mundo e eu – uma espécie de inocência naturalista. A indústria não ousava ultrapassar certos limites. Não fabricava nada azul porque sabia que, se o fizesse, estaria contrariando os desígnios da natureza e do Criador.

2. [illegible]

AA. Não quero que essa entrevista enverede pelo tentador, mas inócuo, caminho da provocação. Você, com ares de expert, insinua que blueberry é azul. Só posso tomar isso como bravata. Você sabe bem o que significa azul? Azul, minha cara, é a-zul! Não é roxo, não é preto-beirando-o-azul. É azul e ponto. Blueberries, apesar do nome enganoso, habitam a seara do preto-beirando-o-azul. Não são azuis. Quanto ao anis... Bem, você já viu anis? Certamente não. Já viu bala de anis, licor de anis, docinho de anis, mas nunca viu o anis em si. Nem você nem ninguém. Por quê? Porque [illegible] anis em si não existe. Se não existe, não tem cor. [illegible] se existisse, não seria azul, porque comidas azuis não existem.

3. Em sua opinião, por que não existem [illegible]

AA. Não se trata de opinião. É um fato. E fatos são como decisões judiciais: não se discutem. Aceite-os ou não, pouco importa. Eles continuarão a nos assombrar com a força de sua realidade.

4. O senhor já sonhou com [illegible] tema?

AA. Sonhei, sim. Estava sentado numa mesa enorme [illegible] só me serviam comidas azuis, muito gostosas. Achei o máximo e quis saber quem era o cozinheiro. Era o Papai Smurf. Na verdade, tratava-se de um banquete antropofágico. Ou melhor: smurfofágico. Papai Smurf estava cozinhando seus próprios pares – incluindo as Smurfetes. Um sonho barra-pesada. Não ousei desvendar o significado dele.

5. O mundo se divide [illegible] dita em comidas azuis e quem não acredita?

AA. Não, o mundo se divide entre quem nunca pensou nisso [illegible] eu. Quer dizer: até ontem à tarde, imaginava que só eu tinha refletido sobre o assunto. Mas aí você me apresentou esse sensato senhor, o vice-presidente da Associação de Cores do Brasil, que também se dedicou ao tema. Portanto, o mundo se divide entre nós dois e os outros.

[illegible]. Azul é a sua cor favorita?

AA. Não. Azul é minha causa.

FOTO NINO ANDRÉS

Denúncia

Queimando o livro

COMPARAMOS DUAS OBRAS DIRIGIDAS PARA MOÇAS. *O LAR DOMÉSTICO*, DE 1910, E *CASE COMIGO*, QUE ACABA DE SER LANÇADO. A FRUSTRANTE PORÉM ESPERADA CONCLUSÃO: 91 ANOS SE PASSARAM E, EM SE TRATANDO DE CINISMO E SUBMISSÃO, POUCA COISA MUDOU

INÍCIO DO SÉCULO 20

***O Lar Doméstico*, 1910, Laemert & Cia. Editores**

"Dizem que o amor vive de ilusões, nada mais verdadeiro. Muitos casamentos já acabaram porque mulheres não souberam preservar estas ilusões necessárias ao egoísmo masculino." Antes que você comece a gritar, lembre que isso foi escrito em 1910 e que as mulheres ainda não tinham queimado sutiãs. *O Lar Doméstico* é um livro de auto-ajuda (de uma época em que nem existia esse termo), que queria preparar as moças inocentes para as agruras do casamento. Recuperamos essa pérola em um baú da infelicidade e descobrimos que as moças do início do século passado deviam estar habituadas a mentir. Coitadas! Elas tinham de lavar, passar, deixar a casa sempre arrumada e estar sempre lindas esperando os maridos chegarem do trabalho. "É dever do homem provir o lar, é dever da esposa mantê-lo organizado." Ainda bem que essa época já passou, né? Mas parece que, para alguns, pouca coisa mudou. Leia o texto ao lado e comprove essa triste e indignante realidade.

INÍCIO DO SÉCULO 21

***Case Comigo*, 2001, editora Best Seller**

"Se o total de homens com quem você já dormiu exceder a dez, então reduza esse número de parceiros para um máximo de dez. Isso mesmo, minta! Você precisa mentir." Não vamos desculpar os autores Bradley Gerstnam, Cristopher Pizzo e Rich Selds por terem escrito isso em outubro de 2001! Pérolas desse tipo estão espalhadas pelas 288 páginas que os odiáveis autores escreveram. As pobres coitadas do século passado tinham de esperar os homens chegarem do trabalho frescas e felizes. No início do século 21... "você pode reparar que o seu relacionamento está indo bem quando o trabalho está indo bem para o SEU NAMORADO". Outra dica deles: "Não vá para a casa dele para um último drink nem convide para um café. Você estará destruindo qualquer chance de um relacionamento duradouro". Nós, da *Tpm*, achamos que o que deve ser destruído é esse livro, que acaba de ir para o lixo da nossa redação!

Não vá lá:
Case Comigo, Editora Best Seller, R$ 31

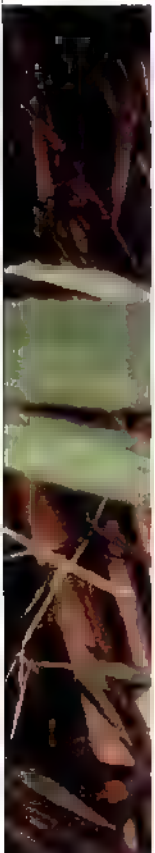
COLAGEM SOBRE FOTO: PRISCILA PRADE E ALEXANDRE VIDAL

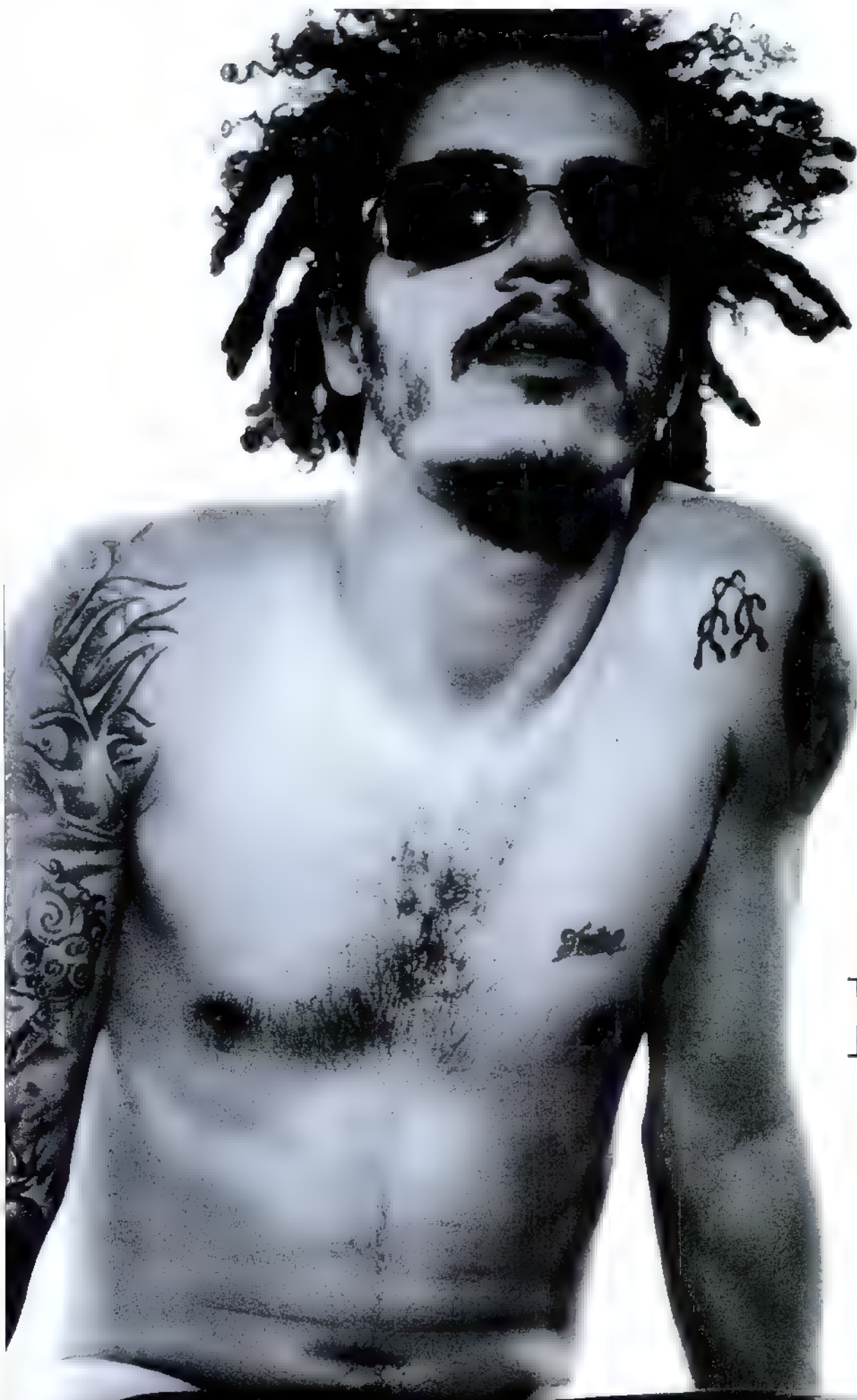
A BELEZA E A GRAÇA DE RAI E RODRIGO

15. Raí Futebol Clube

SE O CRITÉRIO FOR BELEZA, A SELEÇÃO BRASILEIRA TERÁ DE FAZER USO DAS MODERNAS TÉCNICAS DE CLONAGEM...

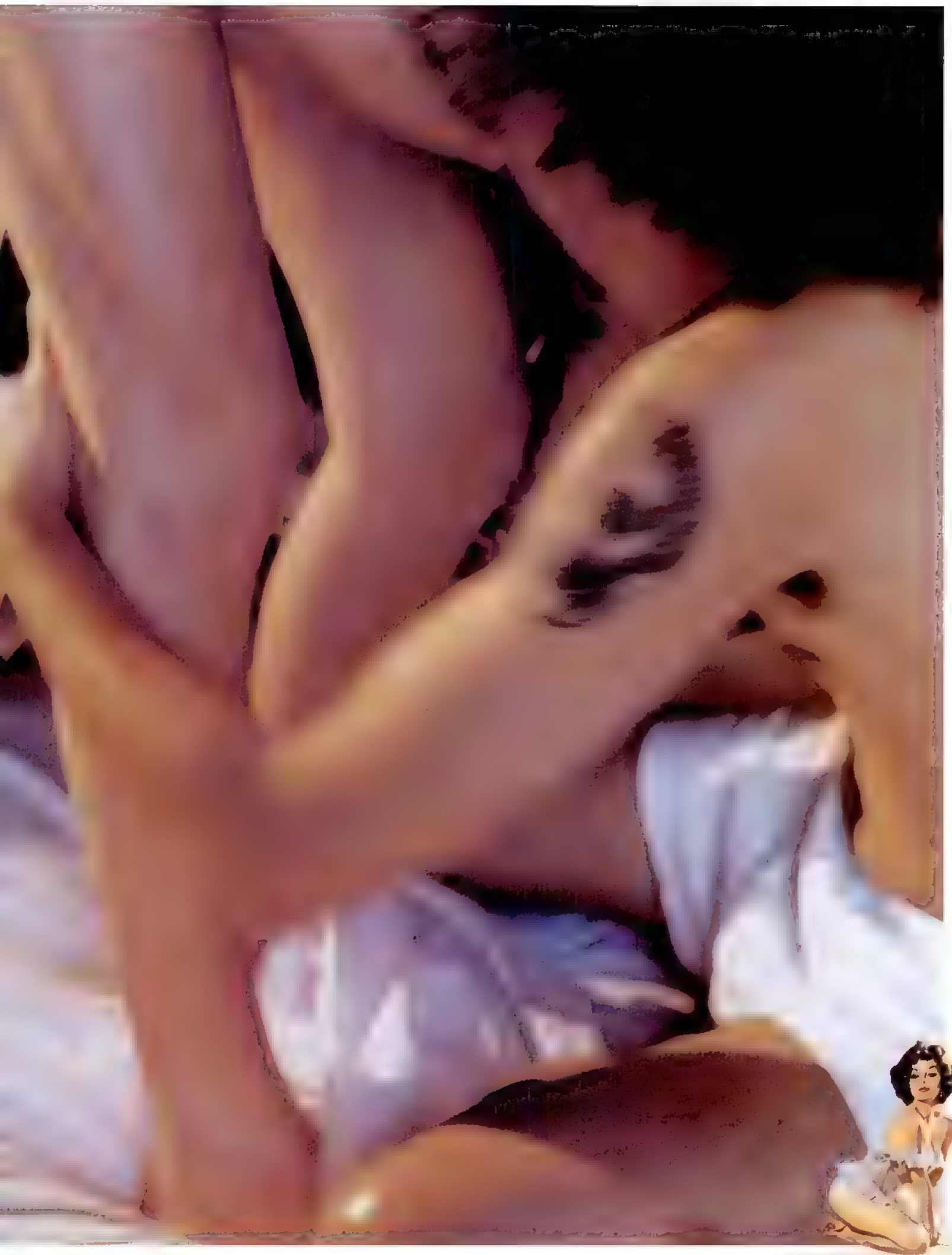
Diante da atual falta de beldades nos campos, solicitamos a contratação urgente de reforços. Da safra de craques já revelados, escalamos apenas o artilheiro Rodrigo, que faz dos jogos do Botafogo-RJ os mais interessantes do campeonato brasileiro. De resto, chamamos urgentemente o Raí, claro, nosso herói mesmo fora dos campos e o jogador brasileiro mais bonito de todos os tempos. Ah! Aproveitamos a oportunidade para pedir também a saída de cenário dos juízes, gandulas, narradores, comentaristas, torcedores e vice-presidentes de federações que, mesmo competentes, estejam fora dos padrões de beleza. Sem falar daquele pessoal que compõe as mesas-redondas de domingo à noite, estilo homens de pochete que fazem churrascos na laje.

)) Fotos **Christian Gaul** Entrevista **Nina Lemos**

DDD
(ou dilemas de D2)

O líder do Planet Hemp já traiu e já foi perdoado, mas não perdoaria quem o traísse. Jura que sempre quis sossegar, só que acha difícil não cair em tentação. Quando cai, fica se sentindo culpado. Apaixonado e fiel como nunca, Marcelo D2 se pergunta: "Será que estou virando mulher?". Definitivamente, não

REPRODUÇÃO GIL ELVGREN

MAR-

fiel: será que estou
mulher?
maior apaixonado,
CE-

dade de …mento é …cil. Difícil para mim é não ter relações sexuais com outras pessoas
-LO

Ele fala arrastado e termina quase todas as frases com o indefectível "tá ligado?". Tem o sotaque mais carioca do mundo e chama as mulheres de "mulé". Estamos diante do clássico malandro, o sujeito cheio de ginga que gosta de cervejinha com pão e carne assada. Esse é Marcelo D2, líder do Planet Hemp, galinha mas "sangue bom".

Marcelo Maldonado, 33 anos, foi criado no morro do Andaraí, zona norte do Rio. Foi camelô e vendedor de móveis. Em 95, lançou seu primeiro disco com o Planet Hemp, *Usuário*, que vendeu 300 mil cópias. O segundo, *Os Cães Ladram mas a Caravana não Pára*, chegou a 350 mil. Virou celebridade, a ponto de já ter sido convidado a pisar a areia da fama na Ilha de Caras. Ficou tentado – "ilha é maneiro" –, mas negou. "Eu ia pagar o maior mico de sunguinha, sei lá, ao lado do Daniel, esses caras, tô fora!" Reconhecido no continente do rap como estrela de primeira grandeza, ele acaba de criar a própria gravadora, chamada Coletivo Records (selo do CD *Hip Hop Rio*, que acaba de ser lançado). Também é dono de um estúdio de nome menos engajado, a Casa do Caralho Produções.

Malandro, faz sucesso com garotas. E Marcelo já desfrutou – e muito – desse sex appeal. Assume que já transou com várias fãs. E até com mais de uma ao mesmo tempo. Não conta com quantas mulheres já ficou na vida, "para não arrumar confusão com a Camila" – ela, sua mulher há três meses e futura mamãe de seu terceiro filho, Lucas, que nasce em fevereiro. Dois, dois, dois: Lucas vem fazer companhia aos dois outros filhos de D2 – Estephan, 9 anos, e Lourdes, 2, frutos dos outros dois casamentos do rapper.

Hoje, Marcelo está mais do que nunca na fase "malandragem, dá um tempo". Acaba de se mudar para uma casa de três andares e quatro quartos em um condomínio de classe média alta no Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio de Janeiro, bairro escolhido por jogadores de futebol e estrelas de TV. Ainda não tirou a carta de motorista, mas já trocou o *buzum* por um Jeep Grand Cherokee. Durante a entrevista que você lê a seguir, tomou vários copos de Coca-cola e comeu um pote de geléia de mocotó – nada de maconha.

Tpm. Você está mais sossegado?

Marcelo D2. Eu gosto muito de beber, mas estou maneirando. Não bebo mais todo dia, só umas quatro vezes por semana *[risos]*. Até baseado, estou fumando menos.

Tpm. Você está fiel?

D2. Fidelidade de sentimento é fácil. Foda para mim é não ter relações sexuais com outras pessoas. Eu estou fiel agora, não tem me seduzido tanto uma bunda ou um peito passando na rua. Penso na bunda que tenho em casa. Mas ainda sou mulherengo pra caramba, gosto de ver uma foto de mulher nua... Adoro olhar uma *Playboy*, ver quem é a TRIP Girl do mês... No meu estúdio, ponho na parede um monte de foto de mulher pelada. Só não coloco em casa porque a Camila não deixa. Mas ela gosta de mim do jeito que eu sou. E adorar mulher faz parte disso.

"Mulher é um superamigo … lá e come. Não é ótimo?"

Tpm. Parece que para você é difícil controlar os instintos sexuais...
D2. Eu sempre quis ser fiel! Quando arrumava outra mulher, voltava com um enorme sentimento de culpa. Me achava um filho da puta, ou ficava pensando que a relação estava ruim. Muitas vezes cogitei abrir o jogo, mas não acredito em relacionamento aberto – não dá para contar que está tendo um caso fora do seu casamento... Tira todo o romantismo da história.

Tpm. Você já foi traído?
D2. Que eu saiba, não. Mas tenho algumas desconfianças.

Tpm. E qual seria a sua reação se isso rolasse?
D2. Chorar *[risos]*. Ia ficar muito triste. Ia virar as costas e sair fora. Nessas horas, prefiro me trancar, ficar na minha.

Tpm. Quando você traiu, não ficou paranóico pensando que podia ser traído também?
D2. Claro que sim, pensava que estava fodido. Mas, comigo, sempre achei que estava tudo às claras – todo mundo sabe que eu catei várias mulheres, mesmo estando casado ou namorando. Agora, sou muito orgulhoso. Acho que eu não desculparia quem me traísse, como já me desculparam várias vezes *[risos]*.

Tpm. Você acha que mulher tem tendência a desculpar mais?
D2. Mulher sempre acha que a coisa vai dar certo. Eu estava até falando com um amigo outro dia: "Pô, eu estou o maior apaixonado, fiel, será que estou virando mulher?".

Tpm. Você está casado pela terceira vez. Acha que um casamento pode durar para sempre?
D2. Hoje não consigo pensar em viver sem a Camila. Imagino comprar uma casa de praia para ficar velhinho com ela, encher o carro de criança. Acho que não vai acabar, mas a gente nunca sabe. Tive relacionamentos maneiros, mas todos acabaram horríveis, com um falando para o outro coisas do tipo: "Se você passar na minha frente, eu te mato!". Por isso, se não está dando certo, melhor não insistir e cair fora, tá ligado?

Tpm. Você está sempre namorando ou casado?
D2. Se eu ficasse sozinho, ia ficar maluco. Minhas namoradas sempre foram confidentes, companheiras. Mulher é um superamigo que você ainda vai lá e come. Não é ótimo? Namoro direto desde os 15 anos. Comecei e não parei mais. Nunca fiquei um dia sozinho. Sempre fui assim: conheci uma menina e terminei com a outra para ficar com ela. Não consigo ficar uma semana sem namorar de jeito nenhum.

Tpm. E já namorou mais de uma ao mesmo tempo?
D2. Ah, já. Mas é foda, porque na real sempre me senti culpado por isso. Tem carinho envolvido e, depois do sexo, você fica pensando: "Porra, o que eu fiz?". Mas já tive namorada no Rio, em São Paulo, Porto Alegre, Curitiba. Umas já sabiam que eu tinha mulher, pois sempre tive umas duas oficiais *[risos]*. Era muito louco. Uma namorada de São Paulo ligava para o Rio e eu falava: "Não, não vem para cá pelo amor de Deus!". Quem se envolveu comigo já sabia que eu não prestava, tá ligado?

Tpm. Você acha que dá para amar duas pessoas de uma vez só?

D2. Acho que sim, e ainda dá para trair as duas *[risos]*. Já fiz isso. Você não acha possível?

Tpm. Acho que mulher é diferente, somos mais exclusivistas.

D2. Mulher é mais apaixonada, né? Mas eu acho que, se são amores diferentes, dá para rolar. Você tem uma mulher que é mãe e companheira. A outra é sua amiga de drogas e uma foda incrível. Você gosta de cada uma de um jeito diferente.

Tpm. Você já transou com mais de uma mulher ao mesmo tempo?

D2. Já, cara. Realizei todas as minhas fantasias, tá ligado? Fiz essas paradas todas. Todo homem sonha em transar com duas mulheres, ver as duas transando. Na hora é legal, você acha o máximo. Mas essas transas não estão no meu top 10 de trepadas. Muitas vezes o sexo bem mais normal é melhor.

Tpm. Você já mediu o tamanho do seu pinto com uma régua? Se sim, quanto mediu?

D2. Já medi, mas não vou contar quanto deu. Posso dizer que tirei a maior onda no colégio. Se fosse pouco, eu ia dizer: "Não, isso não tem importância..." *[Risos.]*

Tpm. Você é muito assediado pelas mulheres?

D2. Muito. Antes, tinha que dar uma idéia nas minas. Hoje, muitas só faltam tirar a roupa. Tem mulher que chega beliscando a minha bunda, me puxando. Às vezes eu tenho vontade de falar: "Então, paga!". Elas parecem esses playboys que mexem com garota na rua.

Tpm. Acontece muita coisa absurda?

D2. Ah, acontece. Um dia, eu estava sentado no palco e chegou uma menina e falou: "Me dá alguma coisa. Me dá o seu relógio". E eu: "Não, esse relógio eu comprei, gosto dele". E ela: "Então me dá a sua camisa". E eu: "A camisa eu ganhei, gosto dela, não vou dar". Eu acabei dando para ela um pedaço de madeira do palco que estava no chão, de sacanagem. E a menina saiu comemorando. Absurdo! Fico pensando: "Será que as pessoas não entendem o que a gente fala?". A gente não é igual ao Daniel, não vai ao *Domingão do Faustão*, não sai na *Contigo*, na *Caras*... Não procuramos esse glamour...

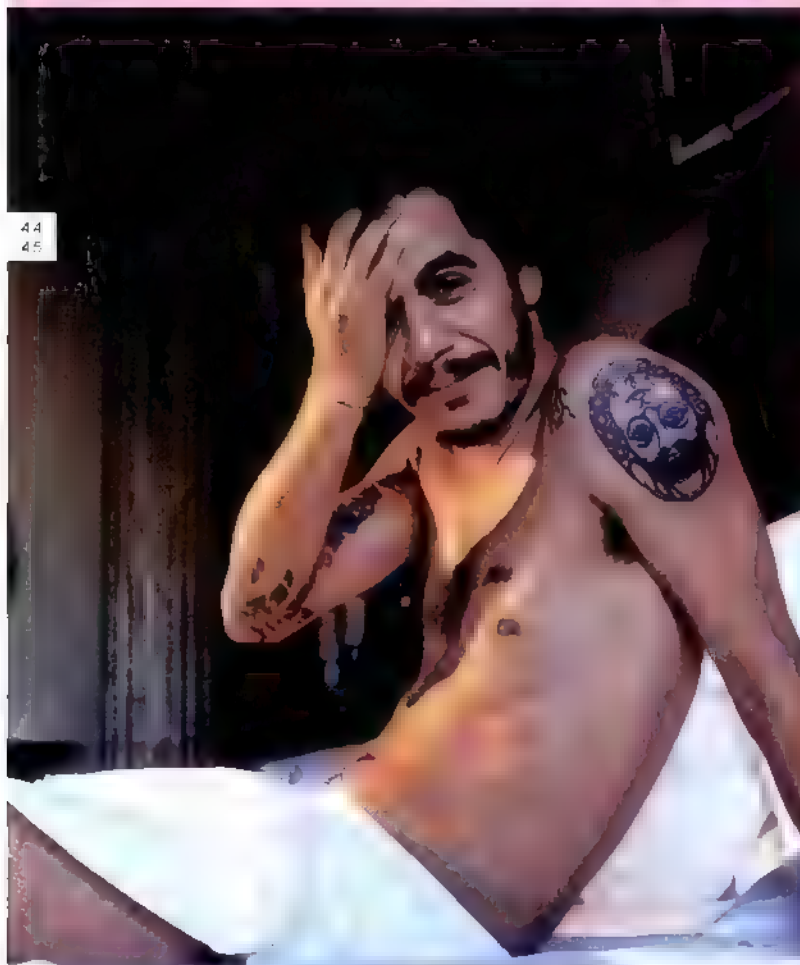
Tpm. É verdade que te convidaram para sair na *Caras*?

D2. Me convidaram para ir na Ilha *[risos]*. Eu até estava meio a fim, ilha é maneiro. Mas pensei que ia ser o maior mico: eu, de sunguinha, do lado do Daniel... Muito decepcionante, tá ligado?

Tpm. Você é um sujeito vaidoso?

D2. Pra caramba. Vaidade não é só ficar preocupado com o corpo, essas coisas, mas querer ter estilo. Gosto de comprar roupa, de fazer tatuagem. E tenho mania de tênis. Pode até ser trauma de infância, mas tenho mais de 100 pares, um monte que nunca usei. Sempre que eu viajo, trago uns três.

Tpm. Você já ganhou muito dinheiro?

D2. Em 97, quando o Planet lançou o segundo disco e a gente foi preso *[em Brasília, acusados de apologia ao uso de drogas]*, rolou muito dinheiro, mas a gente estava tão maluco que não guardou

nada. Detonamos tudo. Se me organizasse, estaria melhor financeiramente. Mas consegui comprar duas casas e um carro. Já é uma vitória!

Tpm. Você acha que amadureceu muito nos últimos tempos?

D2. Essa parada de ter 33 anos, esperando o terceiro filho, isso me deixa mais preocupado com eles. O Estephan está com 9 anos, precisando de mim para ser preparado para a vida adulta. A Lourdes está com 2 aninhos, agora vem o Lucas. Preciso sossegar.

Tpm. Se a sua filha namorasse um cara tipo você, qual seria sua reação?

D2. Acharia ótimo. Sou um cara carinhoso, tá ligado? E sou safo. Eu só não ia querer que a minha filha namorasse um cara que não corresse atrás das coisas. Não vou querer que ela sustente malandro...

Tpm. Você se acha machista?

D2. Um pouquinho. Queria que a Camila trancasse a faculdade agora e a gente curtisse o nosso filho como uma família normal, como os nossos pais. Mas não forço a barra. Tem umas coisas que não sei se é machismo ou ser homem, tipo chegar para a mulher e falar: "Fica aqui que eu vou pegar a cerveja". Não gosto quando a Camila pede a conta em um restaurante. Mas isso é cavalheirismo, sei lá. Uma cerimônia. Em todo caso, acho que a minha parcela de machismo não me compromete com as feministas.

Tpm. Você é ciumento?

D2. Sou ciumento até com o meu tênis, com o meu sofá, com os meus CDs, com os meus camaradas. Mas me controlo. Não sou daqueles que, por causa de qualquer coisa, já saem gritando.

Tpm. Já levou um pé na bunda?

D2. Uma vez, levei. Eu era muito a fim de transar com uma mina. Aí, quando rolou, a gente foi para o motel e eu broxei. Estava querendo tanto a parada que não consegui segurar. Aí, depois, o sexo não era muito bom, era meio caído, sabe? Ela acabou me dispensando. Disse que ia para a França ficar com um cara. Não sofri muito.

Tpm. Sexo com amor é diferente?

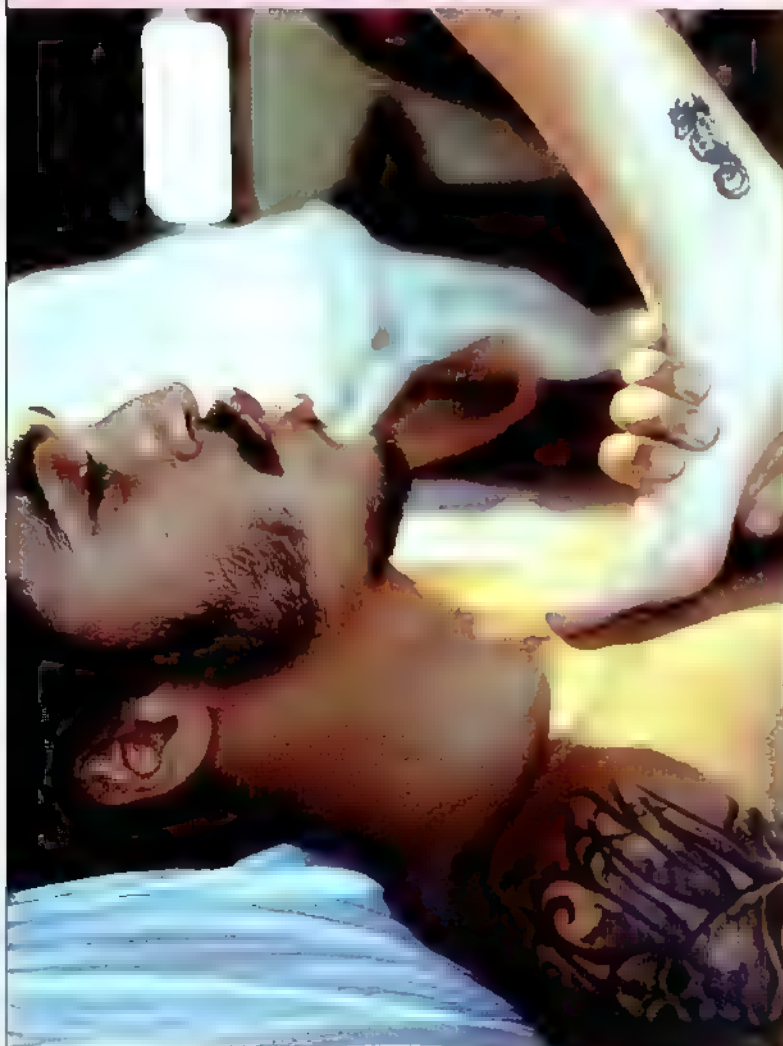
D2. No fundo, sou daqueles que acham sexo, mesmo quando é ruim, bom. Só que, agora, só a Camila está me satisfazendo. A gente tem uma vida sexual muito intensa. Procuramos fugir da rotina, vamos para motel, namoramos na praia.

Tpm. Você já fazia sucesso com as mulheres antes de ser famoso?

D2. Não, mas eu sempre fui muito atirado. Quando era moleque, morava no morro, tinha roupa e cara de garoto pobre. Ia nas festas na maior cara-de-pau para dar em cima das patricinhas. De algumas, eu ganhava um fora. Mas levava outras também.

Tpm. Já aconteceu de você ficar com alguém enquanto estava meio chapado, achar aquela pessoa o máximo e depois perceber que não tinha nada a ver?

D2. Já rolou de eu ficar um fim de semana todo viajando de ácido com uma pessoa, achando que estava apaixonado, que tinha encontrado o amor da minha vida. Depois que passou a onda, não era nada daquilo. Sinistro...

Coordenação de produção: Renata Grynszpan
Estilo: Roberta Stamatto
Locação: Hotel Glória
Assistente de fotografia: Paulo Gouveia
Roupas: Hugo Boss, Levi's, Hering, Zapping, Index, Duloren, Constança Basto e Físico&Forma

A dona do shopping

Os bairros descolados de Paris e Nova York têm uma *concept shop* em cada quarteirão. Esse é um tipo de loja que coloca nas vitrines, ao mesmo tempo, roupas, objetos de decoração, obras de arte e bugigangas diferenciadas. Inspirada nesse modelo, a paulistana Graziela Pereira, 32 anos, abriu a sua versão brasileira do negócio. Gra – a loja, não a dona – fica no Morumbi, em São Paulo, e vende peças de design dos irmãos Campana, vestidos do estilista Reinaldo Lourenço, biquínis da Rosa Chá e chocolates da doceira Paty Piva. "A variedade de produtos é grande", conta Graziela. "Assim, as pessoas compram e ainda poupam tempo."

O melhor do lugar, no entanto, é o atendimento. As vendedoras são treinadas para detectar o estilo da cliente, produzi-la dos pés à cabeça e depois ligar para saber se está tudo bem. Maravilha, não? "Se não for assim, é loja self service", explica Graziela. Ela trouxe o estilo vendedora-produtora dos tempos da Daslu, a badalada butique multimarcas de São Paulo, onde trabalhou por quase três anos. "A pessoa tem que se sentir confiante em relação ao que está pensando em comprar", ensina, com a experiência de quem "já escolheu muito vestido de festa para amiga".

Para a nova estação, Graziela pretende dar uma voltinha pelas Semanas de Moda, observar vitrines mundo afora e desembarcar nas araras de sua loja com criações de novos estilistas e designers, do Brasil e do exterior. Se você não estiver a fim de esperar pelas novidades, dê uma passadinha no Morumbi e aproveite para tomar um capuccino com a Gra – a dona, não a loja. *(por Giuliana Tatini; foto Rui Mendes)*

Vá lá:
Gra – R. Alberto de Oliveira Lima, 104. Tel.: (11) 3758 2565.

Competence
FLEXIBILIDADE COMEÇA
PELA CABEÇA.
DIADORAFLEX
PASSIONE

Collant **Zinia**, (51) 3328 5583
Colete **Ginga do Corpo**, (51) 3346 6463
Saia **C&A**, (11) 3224 8977
Bota **Diversi**, (51) 3332 5051
Cuia, bomba e mateira do **Mercado Público**

No passaporte de **Milene Zardo** há carimbos da Itália, do Japão, do Chile e de vários países que visitou nos 14 anos de trabalho como modelo. Hoje, aos 26, acumula uma atividade na área de Comércio Exterior com atuações na TV e no cinema.
"Não dá para perder a seqüência de sushi do restaurante japonês Saiko."

Fotos **Ado Henrichs** Reportagem **Juliana Morais** ((

Moda + Viagem

Título:
Sul Maravilha

Olho:

Se ■ seu objetivo é conhecer pessoas do bem, não envolvidas com terrorismo, armas biológicas e CDs de música sertaneja, precisa dar um pulo em Porto Alegre. Aqui, saímos às ruas atrás das mulheres que fazem da cidade uma das mais divertidas e interessantes do Brasil. Uma diversidade de estilo do tamanho das inúmeras alternativas de PoA.

Luciana e **Juliana** são irmãs e sócias de uma franquia da loja Contém 1g. Juliana, 24, estuda Direito, e Luciana, 27, Hotelaria. Dividem ainda ■ armário, a academia e o carro com o qual vão juntas à faculdade e saem à noite.

"Estamos sempre nos barzinhos da *[rua]* Padre Chagas, no bairro Moinhos de Vento, no Café do Porto e Z Bistrô."

por Carlos Gerbase*

Analisar pessoas de acordo com o bairro ou região da cidade em que vivem – ou que freqüentam – é uma idéia absolutamente não-científica e, do ponto de vista metodológico, destinada ao completo fracasso. Por isso, é uma idéia divertida. Porto Alegre tem mais de oitenta bairros, alguns com nomes maravilhosos, como Tristeza e Chácara das Pedras; outros bem estranhos, como Cavalhada e Lomba do Pinheiro; e outros que demonstram, com redundância inequívoca, nosso passado separatista: Farrapos e Farroupilha (onde moro). Seriam macambúzios os porto-alegrenses da Tristeza? Gostariam de montar os moradores da Cavalhada? Lutariam ainda contra o império os bravos habitantes do bairro Farroupilha? Duvido.

O centro de Porto Alegre – onde tudo começou, com a fundação por colonos açorianos no século XVIII – é uma espécie de cunha, que avança sobre o lago Guaíba. A partir do centro, poderíamos separar a cidade em mais três grandes zonas: a leste, que se estende "para trás" do centro, é antiga, altamente urbanizada e cheia de bairros charmosos, como Bom Fim, Cidade Baixa e Moinhos de Vento; a sul, onde estão as nossas praias (todas belas e quase todas poluídas), é uma região em crescimento acelerado, que reúne tanto mansões nababescas quanto conjuntos populares do tipo caixa de fósforo; e a norte, onde se concentram as indústrias e bairros de grande movimentação comercial, como Passo da Areia e Navegantes.

Vamos usar a divisão centro, leste, sul e norte para localizar a fauna humana nesta cidade cheia de meandros.

Ali elas se vestem com muitas cores

O centro de Porto Alegre, que já foi a sua área mais nobre, tanto para trabalhar como para morar, atravessou grave crise de identidade, mas, pouco a pouco, descobre novas vocações: a cultura e o lazer, principalmente nos fins de semana. De segunda a sexta, as espécies mais encontradas são office-boys e camelôs. Mas sábado e domingo, na eclética Usina do Gasômetro (onde rola o Mix-Bazar), na bela Casa de Cultura Mário Quintana, no novíssimo Santander Cultural, no vetusto MARGS e no maravilhoso Theatro São Pedro, circulam hordas de jovens ligados em artes plásticas, teatro, cinema, música e o que mais pintar.

Os descolados e as descoladas são, em sua maioria, de classe média, vestem-se com muitas cores e estão sempre dispostos a conversar sobre sua banda favorita dos últimos cinco minutos. Quem já passou dos trinta e se estabeleceu na vida guarda um segredo: o centro, com seus apartamentos imensos em edifícios altos, abandonados pela antiga elite social, também transformou-se num ótimo lugar para morar.

A zona leste poderia ser dividida em duas: a patricinha (mais no alto, onde a avenida Independência leva ao Parcão) e a boêmia (mais embaixo, cortada pelas avenidas Oswaldo Aranha e João Pessoa). Na leste/patricinha, concentram-se o comércio mais chique da cidade, as academias de ginástica e batalhões de louras oxigenadas, malhadas e leitoras de Paulo Coelho. Acompanhadas, é claro, de jovens executivos que dirigem BMWs e Audis ouvindo música tecno. Mas não sejamos preconceituosos: há boas livrarias e uma infinidade de excelentes cafés.

Aliás, Porto Alegre deve ter uma das maiores concentrações de cafés por habitante do mundo. No fim da tarde, a dica é percorrer a rua Padre Chagas e suas proximidades, e quem sabe esticar até o novo shopping Moinhos de Vento, não muito grande, mas muito bem freqüentado.

Onde está a rapaziada alegre?

A zona leste/boêmia tem dois bairros sensacionais: Bom Fim e Cidade Baixa. O Bom Fim, construído pela colônia judaica, hoje é um ponto de encontro para muitas tribos: punks e afins desfilam seus cabelos moicanos na frente do bar João; a comunidade GLS se encontra no bar Ocidente (que também é reduto etílico-intelectual de todos os sexos); jornalistas, músicos e loucos em geral enchem as mesas da Lancheria do Parque; multidões de todas as classes e estilos lotam, aos sábados e domingos, a rua José Bonifácio, atraídas pela feira ecológica, pelas bancas de artesanato e pelo tradicional Brique de antiguidades. E, finalmente, muita gente bacana trafega pelo mais democrático e antigo parque da cidade: a imbatível Redenção. A Cidade Baixa é, ao mesmo tempo, um prolongamento e uma antítese do Bom Fim. Mais reservada, mais tranqüila, é uma área para quem sabe exatamente o que quer. Cinéfilos e cinéfilas vão atrás dos filmes-cabeça do Guion; manos e manos de todas as raças sacodem-se em vários endereços da avenida José do Patrocínio; artistas e candidatos a artistas percorrem os pequenos bares da rua João Alfredo.

Quem prefere sol ■ muito espaço vai para a zona sul, que começa no maior parque da cidade, o Marinha do Brasil, e se estende até o longínquo Lami, onde, dizem, a água do Guaíba é cristalina. Aos fins de semana, muita gente vai para o calçadão ■ os barzinhos do bairro Ipanema, onde a água é muito mais poluída, mas a vista (geográfica e humana) é mais interessante. A zona sul também é reduto de muitas festas clássicas, como o Baile do Ridículo, em Belém Novo, ou as famosas reuniões-dançantes (pelo menos se chamavam assim, quando eu freqüentava...) da Hípica. O importante, na noite da zona sul, é saber exatamente onde está a rapaziada alegre, porque, do contrário, há um bom risco de dar milhares de voltas e voltar pra casa xingando Deus ■ todo mundo, sempre com a possibilidade de uma parada reconciliadora – com Deus ■ o mundo – nas centenas de barzinhos e restaurantes do bairro Menino Deus.

Hábitos esquizofrênicos

A zona norte é a vida real. Para chegar lá, o caminho mais óbvio é a avenida Farrapos. Depois das dez da noite, em qualquer dia da semana, começa ■ mais antigo dos comércios: sexo. Casas de prostituição de luxo, travestis entusiasmados, mariposas siliconadas, enfim, o de sempre, para quem gosta e tem dinheiro suficiente, o que, pelo menos em relação ao último item, não é o caso da maioria dos moradores das proximidades. Estes preferem uma festa mais familiar na Sociedade Gondoleiros ou coisa parecida. Circular à noite pela zona norte de Porto Alegre, principalmente nos bairros bem periféricos, como Sarandi ou Rubem Berta, é recomendado apenas para quem gosta de fortes emoções.

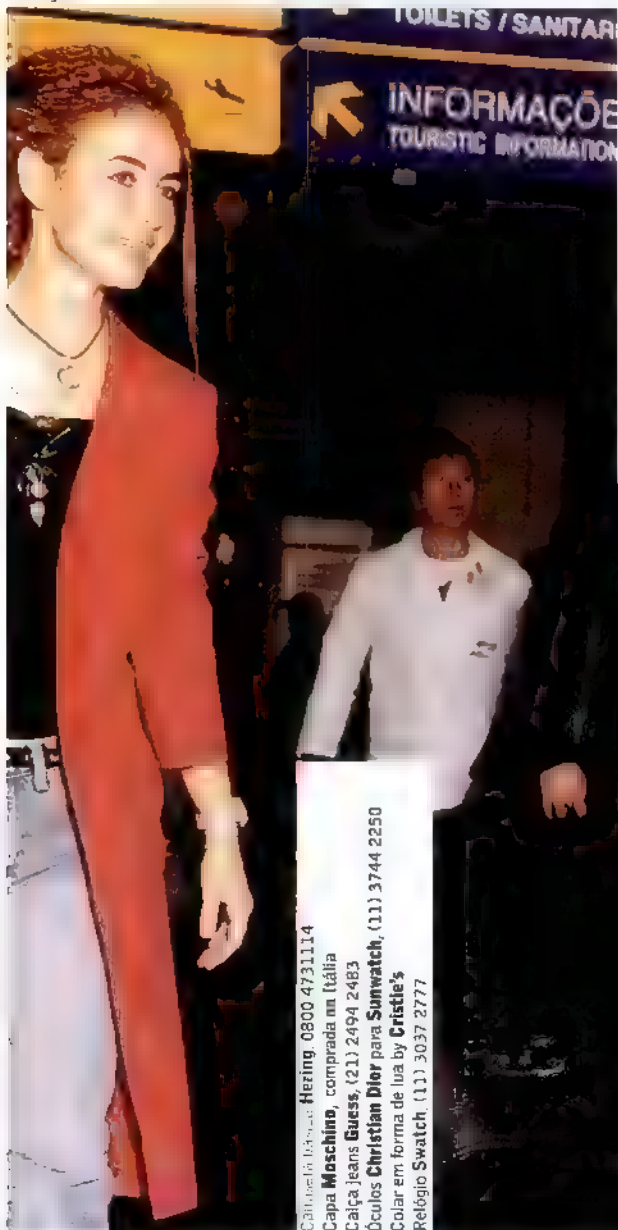
É claro que essa geografia humana porto-alegrense, conforme ■ previsto, é incompleta e fracassada. Mas, se o objetivo é simplesmente conhecer pessoas "do bem", não envolvidas com terrorismo, armas biológicas e CDs de música sertaneja, talvez sirva como um pequeno guia. Vale lembrar que os habitantes de Porto Alegre têm hábitos muito esquizofrênicos e podem, de acordo com a situação, revelar seu lado cosmopolita/super moderno ou sua face provinciana/ultracareta. Estamos no centro do mundo ou no umbigo do fim do mundo, dependendo do bairro, da conversa e da companhia. Explore com calma e siga as instruções de segurança, que aqui ninguém morde (a não ser que pisem no nosso pala ou dêem em cima das nossas *guria*).

* Gerbase é cineasta, diretor de *Intolerância* ■ vocalista da banda punk Replicantes

Blusa **Taiart**, (51) 3331 5410
Saia **Gang**, (51) 3334 2333
Tiara by Maurem Motta

Publicitária, **Maurem Motta** trocou as agências pelo jornalismo: em Nova York, trabalhou no programa *Manhattan Connection*, exibido pelo canal pago GNT e, em São Paulo, no *Fantástico*. Aos 30 anos, apresenta ■ *Patrola*, no canal RBS (retransmissor da TV Globo). "É uma revista jovem que vai ao ar aos sábados", conta.

"Ver o horizonte às margens do rio Guaíba me traz muita paz. Moro no centro só para poder ter essa vista."

Enquanto eram fotografadas para este ensaio, as gêmeas Boff, 24 anos, estavam prestes a embarcar para a Itália. **Greice** formou-se em moda pela Escola Polimoda, em Florença, e faz um estágio na grife Gap. **Cristie**, que é sua *room mate*, estuda design de jóias e está lançando uma marca com suas próprias criações: a Cristie's.

[illegible] **Hering**. 0800 4731114
Capa **Moschino**, comprada na Itália
Calça jeans **Guess**, (21) 2494 2483
Óculos **Christian Dior** para **Sunwatch**, (11) 3744 2250
Colar em forma de lua by **Cristie's**
Relógio **Swatch**. (11) 3037 2777

[illegible] **Guess**
Jaqueta jeans **Roberto Cavalli**, comprada na Itália
Casaco com pele **Kookai Jeans**, comprado na Itália
Echarpe de seda **Mercado de San Lorenzo**, Itália
Calça **E-play**, comprada na Itália
Óculos **Channel** para **Sunwatch**
Acessórios by **Cristie's**

Blusa **Dope**, (51) 9965 7024
Calça **Drop Sista**, (41) 224 540[illegible]

A vocalista da banda Groove James e La Bella Máfia é a guria mais hip hop da cidade. Aos 22 anos, **Lilian Tito**, a Lica, também estuda relações públicas e faz malabares com claves de fogo.

"Na 'finaleira' da balada, sigo para o Morro do Apamecor, onde de dia ou à noite a vista da cidade é demais."

A fotógrafa **Roberta Lima**, 26, fez um calendário com poses góticas dos moradores de PoA no ano passado.
"O viaduto sobre a Borges *[avenida Borges de Figueiredo]* tem uma vista linda do centro."

Calça, camisa e colete de vários brechós de PoA

Bata **Fiori** para Cris & Barros, (51) 3311 8627
Boina de veludo do Brique da Redenção

Musa dos músicos locais, **Maria da Graça Teixeira** já morou em Los Angeles e hoje, aos 27 anos, toca seu próprio negócio: o Cult Bar.

Capa da *Playboy* em março de 96, **Andréa Greco** é formada em educação física. É personal trainer e ainda corre com as aulas de alongamento e ginástica em quatro academias. Guarda energia para apresentar um programa local de leilões ao vivo na TV.
"A Dado Bier é um lugar superconhecido e que sobrevive na noite apesar dos modismos."

Top **Body Pump (Body Systems)**, disponível apenas para professores
Calça corsário **Ana But**, (51) 3328 7185
Tênis **Nike Shok**, 0800 166453

Jaqueta jeans **CH**, (51) 3231 3244
Calça **Marguerita**, (51) 3395 5616
Bota **Marguerita**
Relógio **Baum & Mercier**, Free Shop
... by Giovanna

Giovanna Baggio, 26, viajou pelas cidades de colonização italiana no interior gaúcho para arrecadar objetos de culinária típicos, como rolos de massa. Na volta, uniu-se a uma amiga e abriu seu próprio negócio: o charmoso restaurante Pupi Baggio, onde foi feita esta foto.

Luciane Schaun Castro, 29, sempre teve uma queda por roupas antigas. Hoje é dona de um dos melhores brechós da cidade, o Retrô, onde foi fotografada. Casada e mãe de Lucca, de 3 anos, mora e trabalha num casarão no bairro Moinhos de Vento. **"Bah, o pôr-do-sol no Guaíba tem muita energia!"**

Artista plástica e designer, **Joice Giacomoni**, 30, faz parte de um grupo chamado "Último Andar", que realiza vernissage e exposições.
"O Parque da Redenção, o maior da cidade, é o menos afetado, tem boa localização e ainda rola o Brique *[feira de antiguidades]* **aos domingos."**

Jamiroquai, Ben Harper, Manu Chao e muitos outros músicos conheceram Porto Alegre na companhia da produtora de eventos **Flávia Moraes**. Aos 29 anos, ela está em Londres desde julho "afinando o inglês".
"O café do Theatro São Pedro, no centrão, é bem especial. Tem uma sacada maravilhosa que fica de frente para a Praça da Matriz e à Catedral Metropolitana."

Blusa **Jorge Kaufmann** para Maria Helena, (51) 3395 3033
Saia **Spirit**, comprada nos EUA
Anel de cristal e crucifixo acervo pessoal

Regata **Pex Nex**, acervo pessoal
Calça **Renato Paiutto**, acervo pessoal
Corrente "Fuck" **Renner**, (11) 3814 6603
Brincos de strass e pulseira emprestados da irmã

Blusa de malha **Lucy in the sky**, 0800 166288
Calça **Mackenji**, (11) 6643 4017
Tênis **Pararato**, (51) 5937266
Coroa e pulseira acervo pessoal

Alessandra Marder, 23, é diretora de arte em cinema e publicidade. Baladeira, é conhecida na noite por organizar a festa itinerante drum'n'bass "Quarta Quebrada", que reúne gente moderna e os melhores DJs da cena local.

Rata de praia, **Paula Lima**, 24, vive nas areias de Garopaba (SC). Apesar de ser jornalista, não quer nem saber de comunicação. Trabalha como representante de várias grifes femininas, como Iódice, U Two e Corpo e Arte. "Dá mais grana", diz.
"O linguado com cenoura e batata cozida do Sanduíche Voador é divino."

Blusa **Iódice**, (11) 5094 3170
Calça **U Two** para **Trópico Surf Shop**, (51) 3330 9177

Onde se achar em Porto Alegre (DDD 51)

Comer

Ossip: Aberto em 1997, serve a ótima pizza de um só sabor – azeitona, tomate, cebola, requeijão e pimenta. Para beber, cerveja uruguaia Norteña.
Rua da República, 677, Cidade Baixa, tel. 3224 2422.

Saiko: Restaurante de comida japonesa que reúne os "novos ricos" da cidade. Mas os preços são bem em conta. A especialidade é o saiko maki (empanado revestido com alga e recheado com salmão e arroz).
Rua Ijuí, 668, Bela Vista, tel. 3388 1180 e 3388 7200.

Pupi Baggio: Com instalações charmosas, serve uma boa carne de panela (R$ 21 para duas pessoas), que leva umas boas cinco horas para ficar pronta.
Rua Dinarte Ribeiro, 36, 2º piso, Moinhos de Vento, tel. 3346 3630.

Sanduíche Voador: Mistura de sanduicheria e bistrô, é a casa do disco voador (R$ 14,50), um lanche feito com pão sírio, rosbife, queijos lanche e roquefort gratinados e cebola caramelada.
Praça Maurício Cardoso, 23, Moinhos de Vento, tel. 3395 4717.

Café do Porto: É um dos bares sempre cheios da badalada rua Padre Chagas. O blend (R$ 4,50), que leva expreso duplo, vinho do Porto, chantilly e raspas de chocolate, é boa opção.
Rua Padre Chagas, 293, Moinhos de Vento, tel. 3346 8385.

Z Café Bistrô: Concorrido, tem uma happy hour bem agradável e o cardápio muda a cada estação.
Rua Padre Chagas, 314, Moinhos de Vento, tel. 3346 6088.

Lancheria do Parque: Em frente ao Parque da Redenção, fica aberta até altas horas para quem quer saborear um "x", como os gaúchos chamam os cheeseburgers, *cheesesaladas* etc.
Av. Oswaldo Aranha, 1086, Bom Fim, tel. 3311 8321.

Cult Bar: Todos os dias tem show ao vivo, ora jazz, ora rock, ora MPB. Do cardápio, peça o filé a xadrez (R$ 11).
Rua General Lima e Silva, 806, Cidade Baixa, tel. 3221 6299.

Passear

Parque Marinha do Brasil: Tem uma ótima pista de skate. Se você é adepta do esporte, não pode perder. Mas, se você é adepta do esporte paquerar skatistas também não pode perder.
Av. Borges de Medeiros, 2 035, Praia de Belas, tel. 3231 0168.

Parque da Redenção: No centro, é enorme e ótimo para andar de bike, patins, patinete ou simplesmente caminhar. Os menos esportistas ficam deitados sob o sol e conversando. Aos domingos, acontece o famoso Brique da Redenção, uma feirinha de antiguidades.
Rua Oswaldo Aranha, s/nº, Bom Fim, tel. 3286 4458.

Café do Theatro São Pedro: Fica em frente à Catedral Metropolitana.
Praça Marechal Deodoro, s/nº, Centro, tel. 3227 5300.

Cine Guion: Com programação alternativa, a sala 2 tem poltronas que reclinam até quase deitar.
Rua General Lima e Silva, 776 (Centro Comercial Nova Olaria), Cidade Baixa, tel. 3221 3122.

Cachimbo: Espécie de prainha alternativa no rio Guaíba. Os sócios do Iate Clube praticam windsurfe e andam de jet ski. No fim de tarde, fica cheio de jovens conversando, tomando chimarrão e vendo o pôr-do-sol.
Vila Conceição, zona sul, na orla do Rio Guaíba.

Coffe Shop Fim de Século: Galeria moderninha que tem um café e lojas de roupas, discos e badulaques. Tem também um café. É uma ótima parada para quem quer pegar flyers e descobrir quais são as festas mais legais da cidade no dia.
Rua Santo Antônio, 430, Floresta, s/ tel.

Mercado Municipal: Foi reformado e tem vários restaurantes e lojinhas, como as casas de macumba e seus defumadores especiais.
Praça 15, Centro, tel. 3286 1811.

Dormir

Hotel Residence Plaza Catedral
Diária simples, R$ 84; apartamento duplo, R$ 99.
Rua Fernando Machado, 741, centro, tel. 326 806
Site: www.plazacatedral.com.br.

Porto Alegre Residence Hotel
Diária simples, R$ 116; apartamento duplo, R$ 134
Av. Desembargador André da Rocha, 131, centro, te
325 8644.
Site: www.residencehotel.com.br

Arvoredo Residence Hotel
Diária simples, R$ 77; apartamento duplo, R$ 87. Se você implorar – bem implorado –, os valores caem para R$ 65 e R$73!
Rua Fernando Machado, 347, centro, tel. 3287 4466.

Dançar

Dado Bier: Reúne choperia, restaurante, casa de shows e discoteca num mesmo ambiente.
Av. Nilo Peçanha, 3228, Chácara das Pedras, tel. 3378 3000.

G Power: O dono, o DJ G Power, lança mão de toda a sua coleção de vinis para sacudir o público, com muita black music.
Rua José do Patrocínio, 824, Cidade Baixa, s/ tel.

Neo: Clube de música eletrônica onde rola muito tecno e fumaceira.
Av. Plínio Brasil Milano, 427, Auxiliadora, s/ tel.

Garagem Hermética: Inferninho roqueiro para assistir a bandas ao vivo e encontrar toda a malucada.
Rua Barros Cassal, 386, Independência, s/ tel.

Ocidente: Há 21 anos é o lugar mais tradicional da noite porto-alegrense, com shows e festas temáticas, como as dos anos 80. Durante o dia, funciona como restaurante vegetariano (R$ 4,50 o PF). No almoço, há banquetes indianos por R$ 10.
Av. Oswaldo Aranha, 960, Bom Fim, tel. 3321 1347.

Camiseta **Cavalera**, (11) 3104 3721
Camiseta estampada **Deadh metal Place**, (51) 3395 2680

Virginia Debise, a Gica, é a dona da Beatnik, uma loja de acessórios multicoloridos. Aos 30 anos, é uma figura da noite porto-alegrense. Freqüenta assiduamente os botecos da rua Oswaldo Aranha, no Bom Fim e, aos domingos, durante o dia, costuma dar uma volta pelos parques de diversão da cidade.

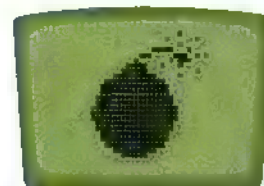
Ligue as pessoas da esquerda com os ícones da direita.

Namorada

Sogra

Síndico

Turma

Chefe

Saber quem está chamando agora é diversão. **BCP Diversão Online.**

NA COPA DO

PASSAR TRÊS HORAS SOBRE A COPA DAS ÁRVORES FAZENDO RAPEL, ESCORREGANDO NUMA TIROLESA E PRATICANDO A ESCALADA. Essa é a essência da verticália, esporte que chega ao Brasil este mês pelas mãos do alpinista francês Jean Claude Razel. Uma maneira de vencer o medo e estimular a autoconfiança. Uma forma de aliviar a alma

MUNDO

Pode parecer coisa de macaco, mas caminhar sobre árvores tem sido a principal ocupação do alpinista francês Jean Claude Razel, de 36 anos. Ele trouxe para o Brasil a verticália, atividade esportiva que reúne diferentes modalidades verticais, como técnicas de rapel, escalada e tirolesa – tudo praticado na copa e entre troncos de diferentes árvores. Também chamada de arvorismo, a prática já foi usada por ativistas que tentavam impedir a derrubada de uma pequena floresta na Inglaterra em 1997. Razel e a esposa, a brasileira Vivian da Cunha, 36, inauguram no dia 25 de novembro, em Brotas (SP), a primeira estação do esporte no país. Numa área de 125 mil metros quadrados, instalaram estruturas de eucalipto ao redor de dezenas de árvores. A essas armações, prenderam pontes, escadas, estribos, cabos de aço e telas feitas com corda. "Com essa estrutura, os troncos ficam protegidos", explica Vivian, que plantou mil mudas para reflorestar toda a área. "Nossa filosofia de vida não permite machucar a natureza."

Nesse circuito poderão ser praticados 36 exercícios diferentes, como deslizamento em tirolesa, subida em escada íngreme e caminhada entre cabos com estribos pendurados (do mesmo tipo que os das selas de cavalgada). "Eu me inspirei em modelos que vi na França, na Costa Rica e nos Alpes Suíços", conta Razel. Ele montou essa espécie de trilha suspensa bem próxima do rio Jacaré Pepira, onde acontece o *grand finale* da atividade: o bóia-cross, em que a pessoa volta para o centro da cidade em uma bóia impulsionada pelo fluxo da água. "Apenas adaptei o circuito ao gosto do brasileiro, que adora aventura, natureza e água."

Primeiro, o praticante sobe no tronco por diferentes tipos de escada – moles, duras, tortas ou retas – até uma das pontes, que têm alturas que ficam entre três e dez metros. Nessas plataformas, que têm em média 200 metros de comprimento, são percorridos os cinco trechos aéreos. A dificuldade aumenta ■ cada um deles. Com um kit de alpinismo, o participante faz as diferentes atividades e, após a chegada à outra árvore, volta ao chão por uma tirolesa. "O arvorismo ■ uma diversão que estimula a coragem, a concentração ■ o equilíbrio", diz Jean Claude Razel.

O percurso todo leva cerca de três horas para ser completado. Quem sentir dificuldade ou desequilibrar-se no meio do trajeto estará seguro pelo mosquetão. Com a ajuda de um monitor, poderá retornar à terra firme. "Andar em cima das árvores ■ praticar esportes longe do chão me excita", descreve Vivian. "Continuar ou não só depende de mim. Por isso, fico o tempo todo lutando contra mim mesma." Não é preciso ser nenhum triatleta para praticar a verticália. Segundo o casal, basta ter mais de 1,40 metro de altura. "O que mais importa é a coordenação motora e a concentração", diz Jean Claude. Vivendo no Brasil há cinco anos, ele é guia de montanhas formado pela ENSA (Escola Nacional de Esqui e Alpinismo), na França. Para ele, o arvorismo é uma maneira de se criar intimidade entre as pessoas e os esportes verticais. "No arvorismo você vence obstáculos", diz, "trabalha a coordenação e a percepção." E descansa a alma do estresse da cidade.

NESTA FOTO E NA DAS PÁGINAS ANTERIORES, A ESTAÇÃO DE VERTICÁLIA CONSTRUÍDA EM BROTAS (SP)

RAZEL E VIVIAN, QUE ESTÃO TRAZENDO O ARVORISMO PARA O BRASIL

Vá lá:

Brotas, cidadezinha a 242 quilômetros de São Paulo, tornou-se conhecida como a capital brasileira do ecoturismo por reunir uma imensa quantidade de cachoeiras (mais de 30), montanhas e um belo rio, o Jacaré Pepira. Diversas operadoras oferecem pacotes de esportes outdoor como rafting e cannyoning. A única a oferecer a verticália é a Alaya Turismo, que cobra R$ 35 por pessoa. Reservas: (14) 653 4113 ou 653 1499. Da capital paulista, o acesso a Brotas é feito pela rodovia Bandeirantes e, depois, Anhangüera. Após o pedágio de Limeira, no km 153, entre na Washington Luís e, na saída 206B, pegue a rodovia SP-225. Para atiçar os ânimos, visite os seguintes sites:

www.alaya.com.br/verticalia
www.brotas.sp.gov.br
www.brotasonline.com.br

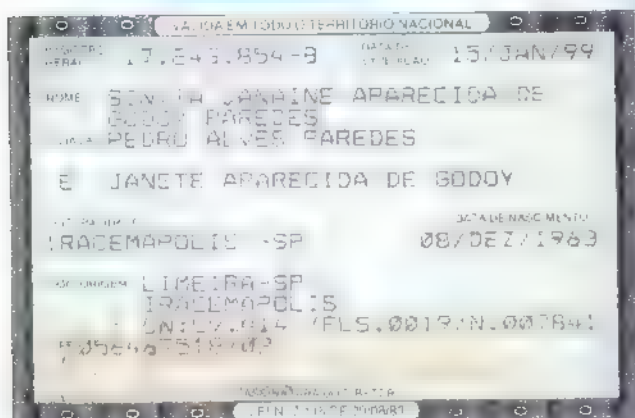
Onde ficar:

A Alaya Expedições tem um serviço de escolha de pousadas, aluguel de casas, alojamentos coletivos, chalés em fazendas ■ camping.

Na mochila:

- Protetor solar
- Tênis ou bota para caminhada
- Garrafinha de água
- Boné
- Biquíni
- Roupas leves

" Aqui fica nossa homenagem à surfista profissional, atleta e acima de tudo companheira e amiga."

Da equipe Oxbow

Transformer

Roberto é o homem certo no corpo errado. Mas ele está dando um jeito nisso. Nasceu mulher, batizada Sintia Paredes, e cresceu incomodada com as próprias formas e vestida como menino. Aos 36 anos, fez uma operação para retirar os seios. Planeja mudar de sexo, mas ainda não conseguiu juntar os R$ 50 mil reais da cirurgia. Enquanto isso, vive a vida de casado ao lado da mulher, Marilza

Fotos Kiko Ferrite Reportagem Renata Leão e Bia Labate
Para Roberto ser homem é
Poder andar sem camisa
Ter nome de homem na carteira de identidade
Ser ativo no sexo
Ter uma esposa fiel
Jogar futebol com os amigos
Fazer churrasco aos domingos
Lutar boxe
Usar cueca

Sintia e Roberto Paredes têm tudo e nada em comum. Para começar, são a mesma pessoa – corpo e alma de um mesmo indivíduo. Mas tão diferentes quanto o gênero masculino e o feminino que os separa. Explica-se: Roberto, transexual, nasceu Sintia há 36 anos. Um homem em corpo de mulher, fenômeno que não deve ser confundido com homossexualismo *[veja matéria assinada pela antropóloga Bia Labate nas páginas que se seguem]*. Uma doença que, justamente por resvalar em aspectos que envolvem a sexualidade, está coberta por uma cortina de tabus e informações truncadas que invariavelmente conduzem as suas vítimas a uma das piores experiências humanas no campo da rejeição.

A infância de Roberto, ainda Sintia, foi diferente da de suas amigas de Campinas, interior de São Paulo. Ela não gostava de usar a saia do uniforme da escola. E não usava. Também não achava graça em trocar papéis de carta. Aos 8 anos, já sabia que tinha nascido com corpo de mulher e personalidade de homem.

Sua mãe, Janete, chegou a matriculá-la no balé, mas Sintia escapou para a capoeira. Tudo ganhou contornos dramáticos quando os seios começaram a crescer. A mãe tentou obrigá-la a usar sutiã. Ela recusou. E abriu o jogo. Virou Roberto Paredes, nome que adotou em homenagem a Roberta Close. Ligeiramente gordo, nunca tomou hormônio masculino. Sua voz oscila entre a grossa e a fina. Hoje, dono de uma lanchonete em Campinas, é casado – embora a lei proíba o papel passado, já que seu nome continua Sintia em seu RG.

Em junho deste ano, Roberto submeteu-se à cirurgia para retirada dos seios depois de ter passado a vida escondendo-os com uma faixa apertada. Está juntando dinheiro para operar a genitália. "É tudo o que quero."

ROBERTO CAMINHA EM PARQUE DE CAMPINAS (SP): "QUANDO ACORDO, VOU ATÉ O VASO SANITÁRIO PARA FAZER XIXI E NÃO SENTO – PROCURO ALGUMA COISA PARA SEGURAR. É INSTINTO"

Adão, Eva

A antropóloga Bia Labate conheceu, na Alemanha, um transexual. Desde então, encantou-se pelo assunto: "A diversidade humana é mesmo pão para a alma". No texto a seguir, ela explica o fenômeno, questiona a ciência e lembra que, no fundo, o que todo o mundo quer é ser aceito

"Sabe aquela sensação de que você não vai morrer no mesmo corpo no qual nasceu?" Repeti a pergunta silenciosamente na cabeça, tentando compreendê-la. "Não", respondi. "Porque você não é transexual. Se fosse, saberia." Foi assim que conheci, na Suíça, o primeiro transexual "de verdade" da minha vida. Josh (nome fictício) nasceu menina na Alemanha. Magrinho, maçãs avermelhadas, barba por fazer e umas pequenas entradas na cabeça, típicas daquele que chega à casa dos 40. Um homem delicado, talvez gay, mas um homem, sem dúvida. Não sei por que me elegeu como confidente; fato é que me contou sua história e se tornou o primeiro transexual que conheci, experiência que me faria ter certeza de que a diversidade humana é mesmo pão para a alma.

Josh me contou que, desde criança, sentia enorme estranhamento

Tpm. Como foi sua infância?

Roberto Paredes. Eu era um menino e não admitia ser passado por menina. Minha mãe achava que tinha tido uma filha e então me vestia e me tratava como tal. Eu sabia que era diferente, mas não entendia o porquê – fui descobrindo aos poucos. Minha mãe insistia em me colocar no balé, mas eu fazia capoeira. Cresci assim, meio às escondidas. Sempre usei bermuda, camiseta, calça e camisa. Nunca saia, miniblusa, batom. Essas coisas me davam pavor.

Tpm. E na escola, como era?

Roberto. Faziam piadinha sobre mim porque eu não ia de saia, só de short e calça comprida. Aí o pessoal me irritava e eu quebrava a cara deles. Saía dando porrada em todo o mundo. Minha mãe já não sabia mais o que fazer. Ela dizia para as freiras: "Vocês querem que eu mate a criança?".

O que é, o que é?

Neste glossário, *Tpm* mostra o que há de comum e de diferente na sexualidade da fauna humana

Transexual: É quem nasce com um sexo, mas deseja ter ■ outro. É como uma pessoa que, fisicamente, tem o corpo de um homem, mas a cabeça diz que é uma mulher.

Transgênero: O uso do termo não é consenso entre pesquisadores. Em alguns países, transgender inclui apenas ■ travesti. Mas, para alguns teóricos e movimentos politizados, engloba todas as categorias de gente que transita entre um gênero e outro. Transexuais mais "tradicionais" e a comunidade médica e psiquiátrica, entretanto, não concordam com a inclusão dos transexuais na mesma designação genérica dos travestis e de outras categorias.

Andrógino: Pessoa que internamente se sente indefinido e que pode ser identificada tanto com o gênero feminino quanto com o masculino.

Hermafrodita: Pessoa que nasce com os dois sexos – ovário e testículos, completos ou não. O hermafrodita é infértil.

Travesti: É o cara que busca construir um corpo parecido ao feminino. Para isso, coloca silicone, faz depilação, cirurgias plásticas etc. Mas não se importa com seus genitais nem deseja tornar-se mulher.

**Todas as pessoas pertencentes a esses grupos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou assexuadas.*

e os outros

em relação ao próprio corpo e também ao mundo feminino. Mas achava que, quando crescesse, sua vagina se transformaria num pênis e estaria tudo resolvido. Na adolescência, os problemas se intensificaram. Não tinha apetite sexual – talvez porque sentisse que aquela genitália, que teimou em não virar pênis, não lhe pertencia.

Em pouco tempo, fiquei refém do assunto. O que mais poderia haver neste multicromático universo se logo em sua porta de entrada encontrei uma espiral a embaralhar o princípio que nos é mais caro, o sistema de classificação binário de gênero homem/mulher? A experiência de vida do meu novo amigo me causava enorme curiosidade. Josh decidiu, aos 23 anos, tomar hormônios masculinos. Em três meses, sua voz engrossou. Pêlos cresceram pelo corpo. A musculatura mudou e, dali a um ano, fez a mastectomia, operação para retirada dos seios. A ingestão dos hormônios fez crescer um minipênis na região do clitóris, que não pode ser utilizado para penetração, mas que é capaz de propiciar orgasmo.

Orgasmo duradouro

Josh, assim como a maioria dos transexuais mulher para homem, optou por não encarar a faloplastia, cirurgia de construção artificial do pênis, que ainda é bastante limitada. Trata-se de encompridar o minipênis com pedaços de tecido que podem ser retirados da própria vagina ou de qualquer outra parte do corpo. No seu interior, coloca-se uma prótese de silicone. O membro não tem capacidade de ereção, mas fica já moldado com condições de penetração, medindo de 10 a 12 centímetros. No fundo, tem caráter mais estético do que anatômico ou funcional

Tpm. Nessa época você usava cueca ou calcinha?

Roberto. Andava sem nada. Comecei a usar cueca com 15 anos. Antes da operação, vivi 20 anos com uma faixa que apertava, amassava e escondia meus peitos.

Tpm. Como foi sua primeira experiência sexual?

Roberto. Foi com uma vizinha da minha mãe. Eu tinha 9 anos! O transexual, por não aceitar a genitália, não se deixa ser tocado de forma alguma. Nenhuma mulher que eu namorei tocou em mim. Nem em cima nem embaixo. Eu nunca tiro o short nem a camiseta quando transo.

Tpm. E como você faz?

Roberto. Desde os 16 anos, uso prótese. Só sinto tesão quando penetro, assim como a mulher só sente tesão quando recebe. Como homem, tenho vontade de bombar, de ver entrar e sair, de colocar. Quando estou transando, me esqueço que não tenho um pinto. Para mim, é como se ele estivesse aqui.

Tpm. Como é essa prótese?

Roberto. É um pinto falso, comprado no Sex Shop. É preso com uma cinta. Custa uns 250 reais e tem de ser trocado de três em três anos.

Tpm. Já aconteceu de você estar com uma mulher e ela te tocar?

Roberto. Já, mas não deixo. Já vou falando: "Aí não". Já vou logo barrando: "Eu estou te fazendo feliz, não estou? Então está tudo bem. Aqui comigo está tudo certo, deixa que me entendo e não toca aqui". Antes de tirar esse volume *[aponta para a região onde ficavam seus peitos]*, não sentia nada. Para mim, não eram seios. Podia até bater, que não doía.

Tpm. Não doía nem quando você levava bolada no futebol, por exemplo?

Roberto. Nunca doeu. Não serviam para nada, só para atrapalhar. Doía

BETO, AOS 25 ANOS, NUM QUARTO DE MOTEL EM CAMPINAS

COM A MÃE, JANETE, AOS 8 ANOS

ILHABELA, 1972

– mas não menos importante para auto-afirmação de quem o implanta.

Por outro lado, na transformação homem/mulher a vagina original e aquela que é construída são bastante semelhantes. Da bolsa escrotal são feitos os grandes e os pequenos lábios. A pele do pênis é toda aproveitada para a composição do novo órgão. O clitóris não tem sensibilidade, apenas função estética – mas, ainda assim, a "mulher transformada", dizem, tem um orgasmo mais duradouro que o da "mulher verdadeira".

As primeiras operações desse tipo aconteceram nos anos 20, em Berlim. No Brasil, a cirurgia inaugural foi realizada em Valdirene Nogueira, em 1971, pelo dr. Roberto Farina. A operação era ilegal e o médico acabou condenado por crime de mutilação corporal. Em 97, o Conselho Federal de Medicina autorizou a prática, desde que realizada em hospitais públicos – atualmente, as intervenções são feitas apenas no HC da USP e no Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto.

Doença de gênero

Perguntei a Josh por quem ele sentia atração sexual, pensando, naturalmente, que seria por mulheres. Mas, para deixar tudo mais complicado, ele me disse que era bissexual. "Quando era 'mulher', não me sentiria lésbica se namorasse com outra mulher, porque sou, na verdade, um homem. E me sentia um pouco gay namorando homens." Se você está titubeando e relendo as frases em busca de sentido, é porque talvez ainda esteja associando três coisas que não andam juntas: sexo, gênero e orientação sexual. É hora de desassociá-las. A antropóloga

no saco. E como! Mas é aquela coisa: quando acordo, vou até o vaso sanitário para fazer xixi e não sento – procuro alguma coisa para segurar. É instinto. Sempre pus a mão na frente do saco para fazer a barreira.

Tpm. Você chega ao orgasmo quando transa?
Roberto. Não. Nunca gozei na vida.

Tpm. Quando você percebeu que era diferente?
Roberto. Desde os cinco anos era claro para mim que eu era um homem. Só não entendia por que não tinha nascido completo, por que não tinha um pênis. Ficava irritado com o meu corpo. Quando chegou a idade de crescer esse negócio aqui *[aponta para os peitos]*, minha mãe queria colocar sutiã em mim. Eu não colocava e ela me batia.

Tpm. Foi por causa desse tipo de coisa que você quis morar com seu pai?
Roberto. Desde os 3 anos, tudo o que eu mais queria na vida era conhecer meu pai. Com 11, consegui realizar o sonho e fui morar com ele. Era casado e tinha duas filhas. Eu me dei bem com elas, mas não demorou muito para meu pai invocar que queria que eu usasse aquelas blusinhas de mulher. Aí começaram as brigas.

Tpm. O que você esperava encontrar quando foi morar com ele?
Roberto. Ele era um mito para mim, tudo que eu mais amava na vida. Achava que ele ia me entender, me explicar o que acontecia comigo. Achava que, sendo ele um homem como eu, iria me entender. Uma noite, resolvi abrir o jogo sobre a minha situação. Sentamos na minha cama e contei tudo o que sentia. Eu tinha 16 anos, foi a primeira vez que falamos sobre isso. Ele disse: "Não te registrei até hoje e não vou registrar nunca porque não aceito você do jeito que é e nunca vou te aceitar". Nessa noite, ele me colocou para fora de casa.

Tpm. O que você sentiu?

AOS 23 ANOS, COM A MÃE, O IRMÃO MAIS NOVO E UMA AMIGA

ILHABELA, 72: "NUNCA USEI BIQUÍNI, MESMO CONTRA A VONTADE DE MAMÃE"

Anna Paula Vencato, pesquisadora de gênero da UFSC, explica: "A 'identidade de gênero' é como a pessoa se apresenta e é representada pelas outras a partir de noções culturalmente construídas do que é masculino e feminino; 'práticas sexuais' é aquilo que as pessoas fazem efetivamente na cama e 'sexo' diz respeito ao aparelho anatômico". Assim, o(a) transexual pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Na verdade, a confusão entre transexuais e homossexuais tem raízes históricas. Até o século XIX, explica Regina, o gay era visto como "uma alma feminina encarcerada em corpo masculino", o que não é a representação correta da homossexualidade. Mais tarde, passou-se a acreditar que o transexual era uma forma extrema de homossexualismo, na qual o indivíduo sofria de esquizofrenia e acreditava ser mulher

A ciência resolve. A Justiça, não

Transexuais conseguem mudar de sexo, mas a lei não permite que troquem de nome nem de RG

Um dos maiores problemas dos transexuais no Brasil é o seu status jurídico. Embora a cirurgia seja legalizada, não existe lei para a mudança de nome, o que traz problemas óbvios – como, por exemplo, a dificuldade de se sacar dinheiro no banco portando um RG, à primeira vista suspeito. Além do nome, não se consegue alterar a designação social "homem/mulher" no RG. Outra conseqüência da manutenção do registro original de sexo é que transexuais héteros não podem se casar com o sexo oposto, porque tecnicamente não se permitiria o matrimônio entre dois homens ou duas mulheres (seria um casamento "homossexual", proibido por aqui). Apesar do imbróglio, existem 20 casos isolados de pessoas que obtiveram permissão legal para a mudança de nome. Com relação à adoção de filhos, o transexual poderá adotar filhos como "homem" e apenas individualmente – mas terá dificuldades.

Roberto. Foi a pior noite da minha vida. Tive um tipo de surto psíquico. Tremia e me batia na cama a noite toda, sentia muita vontade de morrer. Para mim, o mundo acabou ali. Meu ídolo morreu naquela noite. Eu achava que nunca ia poder ver meu pai de novo, nunca mais poderia ter o nome dele.

Tpm. O que aconteceu no dia seguinte?

Roberto. Fui à igreja. Achava que a única coisa que me restava era rezar. Comecei a pensar porque eu era daquele jeito. Perguntava se apenas eu era assim no mundo. Ficou difícil aceitar ser homem e não ter corpo de homem. Se tivesse nascido gay, teria sido bem mais fácil. A vida do transexual é muito dura, é uma doença. A situação me desesperou ainda mais depois da briga com meu pai: pensava que, se ele não tinha me aceitado, era porque eu não prestava mesmo.

Tpm. Todos esses pensamentos vieram enquanto você estava na igreja?

Roberto. Cheguei a desmaiar. Foi aí que começou a maldita síndrome do pânico, que me levou a outro problema, a bebida. Bebi até os 34 anos, e só fui parar no dia 18 de abril de 98, quando comecei a fazer terapia. Hoje tomo o Prozac, conhece? Parei de beber e de fumar. Voltei aos meus 16 anos, comecei a viver de novo.

Tpm. A sua mãe entendeu que você era diferente das outras pessoas?

Roberto. Depois que saí de casa definitivamente, ela percebeu que não tinha mais jeito. Hoje ela me chama de Beto.

Tpm. Você ainda procura seu pai?

Roberto. Até hoje, mas não tenho mais esperanças de que vá gostar de mim um dia. Uma ocasião, quis levar um presente para ele. Mas ele disse que só me receberia se eu estivesse vestido de mulher.

Tpm. Antes da operação para retirar os seios, o que sentia ao se olhar

BETO, AOS 9 ANOS E HOJE: "QUANDO FIZ A OPERAÇÃO DE RETIRADA DOS SEIOS, ME SENTI A PESSOA MAIS FELIZ DO MUNDO"

para poder aceitar melhor sua condição – visão também superada.

O homossexual, masculino ou feminino, sente-se perfeitamente bem com seu corpo e o utiliza para o prazer próprio. O transexual, ao contrário, tem repulsa pela própria genitália – há casos, inclusive, de automutilação. Nada impede que um homem transexual heterossexual viva como uma lésbica, mas nesse caso ele deseja – mesmo que secretamente – mudar de sexo e não se identifica com o próprio corpo, ao contrário de gays e lésbicas. *Capisce?*

O médico Alexandre Sader, 40, desenvolve doutorado na USP a respeito do assunto. Ele acompanha, semanalmente, uma terapia de grupo entre transexuais. No momento, existe um grupo de homem para mulher com 18 pessoas, e outro de mulher para homem com 6 participantes. "Trabalhamos com a idéia de chegar o mais próximo possível da mulher ou do homem que se gostaria de ser. A cirurgia não é um passe de mágica, ninguém vai dormir José e acordar Sheila." De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o transexualismo é um tipo de "transtorno mental" e, portanto, doença.

"O cérebro é que é trocado"

A transexual (ela prefere ser chamada disfórica de gênero) Martha Freitas, 49, carioca, é sexóloga e terapeuta de gênero. Realizou sua operação de mudança de sexo há apenas 5 anos, mas, ainda como homem, teve duas companheiras diferentes e um filho com cada uma. Os filhos a aceitam "na medida do possível", mas continuam chamando-a de pai. "É mentira que, ainda criança, aprende-se a identidade de gênero", diz.

no espelho?

Roberto. Nunca tive espelho em casa. Comprei um agora, depois da operação. Para que eu olharia? Na minha cabeça, tinha um corpo. No espelho eu veria outro.

Tpm. Você quer fazer a operação para mudar de sexo?

Roberto. É tudo o que quero. Quando fiz a que retirou os peitos, me senti a pessoa mais feliz do mundo. Mais ainda quando soube que os médicos os jogaram no lixo. Mas, para essa outra operação, preciso emagrecer 30 quilos e conseguir R$ 50 mil.

Tpm. Seu corpo de mulher é virgem?

Roberto. Que pergunta! Eu sou homem! Sempre ignorei minha genitália. Para mim, ela não existe.

"Estou com um homem ou uma mulher?"

Marilze Vieira, 31 anos, mulher de Roberto há 3, conta como é a vida ao lado de um transexual.

Tpm. Você é lésbica?

Marilze. Não. Nunca tive atração por mulher, jamais namoraria uma mulher. Sou totalmente heterossexual.

Tpm. Como você se interessou por ele?

Marilze. Foi paixão mesmo. Começamos a conversar e um dia ele me beijou. Depois de um mês, estávamos morando juntos.

Tpm. Qual foi a sua reação quando ele contou que era transexual?

Marilze. Fiquei assustada, sem entender nada. Já estava muito envolvida, apaixonada. Pensava: "Estou namorando um homem ou uma mulher?". Deu um nó na minha cabeça. Mas aí ele me explicou que era como a Roberta Close, só que ao contrário.

Tpm. E o sexo, você não pensou nisso quando ele te contou?

Marilze. Fiquei muito curiosa. Juntou a fome com a vontade de comer.

Tpm. Como foi a primeira vez de vocês?

Marilze. Fiquei tensa, com muito medo. Nem sabia o que fazer, como fazer. Com um homem, você sabe como se comportar. Com ele, eu não sabia. Ele só me deixava tocá-lo nas costas e do pescoço para cima.

Tpm. Como vocês transam?

Marilze. Ele impõe muitas barreiras. Eu nunca vi, nunca toquei. É tudo feito na escuridão.

BETO COM A ESPOSA, MARILZA, COM QUEM SE CASOU HÁ 3 ANOS: "NUNCA TIVE ESPELHO EM CASA"

"O cérebro masculino e feminino são diferentes. É claro que o meio social modula a identidade de gênero, mas não a define." De acordo com ela, o transexualismo é um caso extremo de "intersexualidade", semelhante ao fenômeno do hermafroditismo. "Só que, em vez de terem os genitais 'trocados'", explica, "é o cérebro que é 'trocado'".

De acordo com Martha, 0,1 a 0,2% da população sofre com o problema da transexualidade. Estudos tentam apontar as causas físicas da doença, mas ainda não há consenso a respeito, muito antes o contrário. "Transexualismo não é patologia", afirma a antropóloga Anna Paula Vencato. "Não se pode atribuir causa genética a comportamento social nem valores a caracteres genéticos. Não estou dizendo que a cultura determina a decisão de mudar ou não de sexo, mas é a cultura que torna mais ou menos legítima uma ou outra mudança realizada no corpo, ou seja, legitima que uma mulher aumente seus seios com silicone e deslegitima o mesmo implante quando realizado em um travesti."

Juliana Jayme, outra antropóloga que se especializou no estudo de transgêneros, desta vez pela UNICAMP, acha que pouco importa se a origem do transexualismo é biológica ou cultural. "Transgêneros embaralham a dualidade sexo e gênero", conclui. "Eles alucinam a estrutura binária homem/mulher, mas, ao mesmo tempo, porque a oposição entre masculino e feminino está sempre presente, reafirmam tudo isso, reorganizando este binarismo". Seja como for, a palavra final fica com Bárbara Keller, paulistana de 27 anos, que aos 21 mutilou o próprio pênis: "Não quero ser explicada. Quero simplesmente ser aceita."

O Xico, picadinho

"Cozinho em troca de amor. Se a pessoa não gosta de mim, prefiro não cozinhar para ela." É com esse lema que o paulistano Ricardo Rafaelli, o Xico, 34 anos, comanda o seu restaurante Felice, em São Paulo. Mesmo sem suportar críticos de gastronomia, é hoje um dos mais bem avaliados chefs da cidade, considerado como nova revelação do setor. Sua comida, criada a partir de massas que confecciona de próprio punho, é divina. "Crítico é aquele tipo que não tem dinheiro para jantar fora todos os dias", polemiza, enquanto fuma o seu cachimbo sabor chocolate.

Xico sabe que tem fama de esquisito. Já expulsou clientes do restaurante porque se sentiu ofendido por eles. Uma plaquinha na porta avisa: "Crianças, só as educadas". Em um dia de apagão, serviu as mesas usando um capacete com lanterna na testa, tipo alpinista. O adorno é herança da época em que fazia expedições na Antártida. Sim, além de bonito e de saber cozinhar como quase ninguém, ele já teve o seu lado aventureiro. Passou. Hoje mora sozinho nos fundos do restaurante, em um apartamento de madeira que construiu. Jura que está solteiro, mas confessa que tem um caso despretensioso. No mínimo, ela deve estar comendo bem...
(por Nina Lemos; fotos Marcos Vilas Boas)

Vá lá: Felice. Rua Antônio Bicudo, 116, Pinheiros, São Paulo, SP'A

)) Reportagem Eduardo Lagullo Fotos Cristiano Mascaro

O SEGREDO DE FÁTIMA

Ela já comandou mais de 300 homens quando esteve à frente do Sindicato dos Madeireiros, em plena Floresta Amazônica. Na época, não tinha a menor preocupação com o meio ambiente e colaborava para a devastação da mata. Hoje, aos 30 anos, dirige uma das grandes empresas que extraem madeira no Acre. Detalhe: aprendeu a fazer tudo sem desmatar nada

LEGENDA

— aldeia - Campinas

— aldeia - Martins

— aldeia - Samaumeira

— aldeia - Samaumeira

— colocação

— BR-364

— igarapé i Rio

— lago

— DEMARCAÇÃO

— plantio da aldeia

→ pintura Katuquina

AS ILUSTRAÇÕES DESTA MATÉRIA SÃO DE ÍNDIOS QUE VIVEM NA REGIÃO ONDE FUNCIONA A MADEIREIRA DE FÁTIMA

FÁTIMA DE OLIVEIRA: "SE CHICO MENDES ESTIVESSE VIVO, LUTARIA COM ELE"

Com 13 anos, ela foi fazer coisa de homem: trabalhar no comércio de extração de madeira no Paraná. Junto com a empresa, mudou-se para Sena Madureira, no Acre. Casou com o filho do dono e, porque o marido, Ciro Machado, não entendia patavinas do assunto, assumiu o comando e logo se tornou líder do Sindicato dos Madeireiros. Sob suas ordens, no interior do Amazonas, centenas de "cabras-machos" trabalhavam na extração predatória da nossa (ainda) farta matéria-prima. Adelaide de Fátima de Oliveira, a Fátima, já foi um dos agentes desmatadores de nossas florestas, que derrubam árvores sem planejamento ambiental algum. Não mais. Como um personagem de desenho animado, ela trocou de lado e hoje, aos 30 anos, anda com a turma do bem, fazendo o que quase ninguém faz: extrai madeira apenas das áreas de manejo florestal (veja box), tipo de atitude que deixaria o líder seringueiro Chico Mendes orgulhoso.

Já estava cansada de ser tratada como bandida. Minha filha tinha vergonha de dizer que era filha de madeireira, seus colegas falavam que éramos bandidos. Hoje é diferente. Meu filho disse estar feliz por eu fazer o que faço.

O que ela faz, no comando dos marmanjos, é andar pelas florestas mais remotas do país, motosserra em riste, calçada em botas que chafurdam, deslizam e grudam na pesada lama das chuvas, para trabalhar com madeira na Amazônia. Mas, ao adotar práticas de exploração cujo objetivo é reproduzir a dinâmica natural da floresta, a Alvorada Madeiras –

[illegible] APENAS DUAS OU TRÊS ÁRVORES RETIRADAS POR HECTARE

FUNCIONÁRIO DA MADEIREIRA PREPARA A SERRA PARA O CORTE DAS TÁBUAS

uma empresa que negocia 12 mil metros cúbicos de madeira por ano e que é chefiada por Fátima – legitima a atividade.

Minha vida sempre foi em torno de madeira. Brinquei de carrinho de circular em serrarias e de fazer boneca com pó de serra. Sempre quis estudar engenharia florestal, mas só vim a concluir o ensino médio no ano passado. Saio de casa de manhã e volto à noite. No verão, vou para o mato e fico dois ou três dias. Minha vida é madeira, madeira, madeira e madeira.

Entre uma derrubada e outra, correndo o risco de encontrar ninhos de cobras nos empilhamentos de troncos – coisa que, aliás, já aconteceu com ela –, Fátima ainda achou tempo para ter dois filhos: Mayara, 12, e Ciro, 7. A primeira quase não criou, porque passava os dias na floresta; e Ciro, por pouco, não nasceu na sede do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, o Ibama.

Há quatro anos fechamos o escritório do Ibama. Eu era líder do Sindicato dos Madeireiros. Eles têm enorme respeito por mim, mesmo agora que adotei o manejo, prática que a maioria não aceita. Então a Polícia Federal chegou, por achar que estávamos armados. Um deles disse: "Seu lugar é em casa, não aqui". Respondi que lutávamos por nossos direitos, exigindo coerência na fiscalização. Havia mais ou menos 300 homens sob o meu comando. Avancei para cima dele, o pessoal me acompanhou, o agente atirou para o alto. Não nos intimidamos e o policial teve que correr para buscar reforço. Depois, pediram desculpas pelo incidente, mas nem se dirigiram a mim, que havia sido ofendida. Atitudes arbitrárias assim ajudaram a me convencer de vez que o lado político ligado ao manejo florestal era o melhor.

O Acre tem o segundo menor desmatamento do Brasil, depois do Amapá. Mas, apesar da aplicação de práticas alternativas de exploração florestal e de soluções de sustentabilidade, o estado se mantém em frágil equilíbrio entre as oligarquias latifundiárias, as picuinhas dos poderes regionais e a boa intenção dos que buscam preservar a floresta. O contrabando de madeiras nobres, principalmente do mogno, que tem extração proibida, ainda corre solto. No lado "oficial" do setor, sobram argumentos para ampliar as áreas de abate. Por causa desse tipo de entrave comercial e ideológico, Chico Mendes foi assassinado em 1988 – ano em que Fátima chegava ao Acre.

Chico Mendes foi uma pessoa incompreendida por mim, por um grave erro que não cometerei jamais: julgar pessoas sem conhecê-las. O que me falavam dele eram coisas absurdas. Mas parte do que está acontecendo de bom no Acre se deve à luta de Chico Mendes. Se ele estivesse vivo, talvez eu estivesse lutando com ele agora. Por isso, nunca mais ouço idéias preconcebidas de ninguém.

O nome do rejeitado Chico Mendes é hoje a maior referência da cultura acreana. Aqui e no mundo. Mas a história do Acre é complicada desde o início. Primeiro porque a porção territorial que agora compõe o Estado pertencia à Bolívia até o início do século XX, quando o ciclo da borracha atraiu para lá milhares de brasileiros, principalmente cearenses que fugiam das secas. Em três décadas de disputas bilaterais, o território chegou a declarar-se uma república independente. Mas logo essa utopia desandou e o Brasil comprou o Acre dos bolivianos.

Da maneira como trabalho agora, protejo o futuro da floresta e de meus filhos, netos e tataranetos. Mas ainda existe injustiça em relação aos madeireiros. Não somos nós que acabamos com as florestas: são os fazendeiros que tocam fogo no que existe. O mundo precisa e quer a Amazônia explorada racionalmente. A floresta é como uma poupança: tiro uma parte e deixo outra lá para que possa render mais.

MANEJO MANEIRO

Saiba como funciona o "manejo madeireiro", técnica de exploração que tem como objetivo "reproduzir a dinâmica natural da floresta"

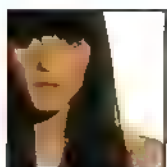
1. Não se trata de reflorestamento. O novo método permite que árvores sejam cortadas alternada e planejadamente, respeitando-se, assim, o ecossistema da região.

2. Cada área da floresta a ser explorada é dividida em lotes, onde as diversas espécies de árvores são assinaladas, medidas e avaliadas. Abate-se apenas de duas a três árvores por hectare. Os lotes são explorados um por vez. E só são visitados novamente depois de vários anos, quando ocorre a regeneração das espécies.

3. Além de utilizar mão-de-obra dos povos da floresta (moradores de áreas isoladas da região que devem obter benefícios sociais e econômicos do processo), o manejo madeireiro está baseado em três premissas: ser socialmente justo, ambientalmente correto e economicamente viável.

Colaborou: Altino Machado e Antonio Carlos Guinoza
Agradecimentos: Comissão Pró-Índio / AC

O CORTE DA MADEIRA: AMBIENTALMENTE CORRETO

BRASIL
2000
FM 107,3
O melhor toca aqui.

)) Fotos **J.R. Duran** Maquiagem **Saulo Fonseca** Reportagem **Giuliana Tatini**

Sombra preta Colorfocus 110, **Lancôme**, 0800 7017327: R$ 75
Lápis preto 01 Kholstyler, **Helena Rubenstein**, 0800 7017327: R$ 41
Gloss transparente Cristal – aplicado sobre a sombra –, **Natura**, 0800 115566: 13,90
Base em bastão – na boca –, **Maybelline**, 0800 240111: R$ 21
Top **Triton**, (11) 3085 6269

A menina no espelho

A top Jeísa faz como toda modelo: diz que não liga para beleza. Mesmo assim, convocamos seu rostinho para um test drive com as últimas novidades em maquiagem. O resultado está aí: você pode copiar, se inspirar – ou fazer totalmente diferente

Sombra liquida Fusion 04, **Bourjois**, 0800 7043440: R$ 25,30
Sombra tangerina – aplicada sobre a sombra liquida, **O Boticário**, 0800 413011: R$ 23
Batom lilás Aerial 110, **L'Oreal**, 0800 7016992: R$ 12,10
Blush cremoso Rosa 84335, **Contém 1g**, (19) 634 1376: R$ 8,90
Blusa **Reinaldo Lourenço**, (11) 3856 7534

A modelo gaúcha Jeísa Chiminazzo é uma adolescente – tem 16 anos –, mas já desfila por aí como gente grande. Está escolhendo um apartamento em São Paulo, onde vai trabalhar duas vezes ao ano, e tratando uma gastrite, resultado da sua primeira temporada em Paris, setembro passado. "Nas duas semanas, trabalhei todo dia das seis à uma da manhã, sem comer direito", conta. Como se vê, a beleza é garantia dos seus sonhos e também dos pesadelos.

No sofá da casa da Lica Kohlrausch, dona da agência L'Equipe, acompanha as últimas notícias da guerra pela CNN ao lado do namorado, o modelo Fernando Bicudo. "Não queria voltar para os Estados Unidos agora porque as coisas ainda não estão tranqüilas", reclama. "Mas não tenho escolha, as campanhas *[publicitárias]* são decididas até dezembro."

A estrela dos perfumes Christian Dior e promessa da moda brasileira diz que não gasta nem tempo nem dinheiro com o seu ganha-pão, a beleza. Mas, aos poucos, revela que existem mais cosméticos entre a sua nécessaire em Nova York e a sua penteadeira em Muçum (RS) do que na mais vã das revistas femininas. "Gosto de um sabonete com mel *[sabonete Honey Milk,* ***O Boticário****, R$ 10,25]* para lavar o rosto de manhã, sou ligada nessas coisas naturais. Minha pele fica mais macia. Nas viagens, não costumo levar xampu nem condicionador, porque sempre traza na mala. No Brasil, uso a linha Elsève *[xampu Elsève para cabelos secos,* ***L'Oreal****, R$ [illegible]]* e nos Estados Unidos gosto da Redken *[xampu All Soft,* ***Redken****, R$ 23, 0800 237237]*. Na nécessaire, só levo um óleo para o corpo, da Biotherm *[óleo Aqua Relax Elixir,* ***Biotherm****, R$ 81, 0800 7017323]*, que uso no cabelo também. Como não posso tomar muito sol, passo o protetor fator 50, encomendado em farmácia de manipulação. Na temporada de desfiles, passo um creme antiolheiras da Helena Rubenstein toda noite *[creme ForceC Premium For Eyes,* ***Helena Rubenstein****, R$ 97]*. Na bolsa, só carrego o demaquilante da Lancôme *[demaquilante Bi-Facil,* ***Lancôme****, R$ 63]*, para tirar a maquiagem pesada das fotos."

Batom roxo 702, **Givenchy**, 0800 170506: R$ 56
Gloss uva 80007, **Versace**, 0800 216601: R$ [illegible]
Sombra preta Colorfocus 110, **Lancôme**: R$ 75
Lápis preto 01 Kholstyler, **Helena Rubenstein**: R$ 41
Regata **Triton**

JEÍSA NA CAPA
Sombra Clear Water Cora Cool Effect, **Maybelline**: R$ 7,30
Rimel Voluminous, **L'Oreal**: R$ 13,70
Pó bronzeante 01 Terracotta, **Gerlain**, 0800 170506: R$ 77
Gloss cor de boca 10019, **Contém 1g**: R$ 12,50
Saia **Index Jeans**, (54) 522 1155
Top Imitation of Christ para **Andrea Bilinski**, (11) 3088 2524

MENTIR É MAIS ACEITÁVEL DO QUE SER HOMOSSEXUAL?

por Milly Lacombe*

“Por quê?” “Para quê?” “Você acha que vai mudar o mundo?” Essas indagações, todas, claro, em referência a esta colunazinha aqui e também à “esquizofrênica” postura de ter assumido publicamente minha homossexualidade, foram o tema de uma reunião entre amigos, que deveria servir apenas como agradável “boas-vindas” para mim, que acabo de chegar de uma temporada de cinco anos nos Estados Unidos.

O quorum do jantar daquela noite era composto por gays, todas mulheres, vivendo dentro do armário, pelo menos aos olhos da sociedade. O assunto veio à tona quando uma delas, celebridade de pequeno porte, disse que, ao ler um artigo discriminatório em um dos maiores jornais do país, mandou uma carta à publicação, só que não a assinou por ter “telhado de vidro”. E é por causa dos “telhados de vidro” de nossa metrópole social que vozes como as do autor preconceituoso ecoam sem ser questionadas, servindo apenas para disseminar este que é, afinal, o grande mal da nossa era: a intolerância.

“Não posso sair do armário, perderia clientes.” “Não posso dizer que sou gay, o pessoal do banco é superpreconceituoso.” “Nunca faria isso, trabalho com crianças.” Essas foram algumas das frases que ouvi naquela noite. **O assunto da homossexualidade perturba, e, pelo visto, mais a gays do que a héteros.** Afinal, será o preconceito que nos achata causa ou conseqüência desse comportamento acasulado?

Fato é que, desde que comecei a escrever neste espaço, tenho sido criticada por amigos e parentes em doses diárias e cavalares. A explicação é sempre a mesma: tudo bem ser gay, a gente gosta de você assim mesmo, mas não precisa se expor dessa forma. Fique na sua. Ficar na minha significa, claro, viver clandestinamente com minha companheira. Significa desconversar ou mentir quando uma amiga de minha mãe pergunta se já casei. Significa ler artigos intolerantes sem questioná-los ou rebatê-los. Ser quem sou apenas da porta de casa para dentro. Parar de envergonhar, com minhas observações testemunhais e em artigo assinado, aqueles que me cercam. Assistir aos discriminados discriminando e achar que está tudo bem.

Ficar na minha?

É exatamente porque a maioria dos gays está na sua há décadas que a intolerância e o preconceito não deixam de existir. Ficar na sua é o que os judeus tiveram de fazer para não morrer nas mãos dos nazistas. É o que os negros tinham de fazer quando obrigados a usar outro banheiro ou outro bebedouro. É o que fazem centenas de personalidades deste país; gente que prefere contratar um companheiro(a) do sexo oposto para posar a seu lado em revistas semanais para se encaixar nos padrões sociais.

A recomendação para que eu fique na minha é equivalente a pedir a um negro que saia na rua pintado de branco para assim evitar ser discriminado, ou, pior, para não envergonhar amigos e parentes. Esse ficar na sua funciona, claro. As pessoas fazem isso há anos. Se eu aceitasse passar apenas por uma balzaquiana solteirona, não seria alvo dos intolerantes e, certamente, seria figura mais popular no homouniverso em que vivo.

Mas esqueçamos por algumas linhas o preconceito que vem de dentro e falemos um pouco da visão extremista do assunto, a preferida por fanáticos religiosos e maniqueístas.

Se o problema é o pecado que envolve minha vida e a decisão de revelá-la, qual será então o peso entre pecados? Mentir é mais aceitável do que ser homossexual? E não estaria o gay que não diz quem é cometendo dois pecados ao invés de um? Não aos olhos religiosos, naturalmente. Religiosamente, mentir é mil vezes melhor do que dizer a verdade. Mais apropriado ainda é quem mente até para si mesmo, suprimindo anseios e desejos para viver uma aceitável relação heterossexual.

Covardia = intolerância

Afinal, de quem é a responsabilidade pelo hábito homossexual de não se expor? Da clandestinidade historicamente voluntária dos gays ou do preconceito de que são vítima? São culpados os que se acovardam e decidem levar vida dupla? São vítimas os que preferem mentir por medo de perder o emprego? Ou são eles apenas agentes discriminatórios, gente que, com sua atitude covarde, acaba legitimando a intolerância?

Há alguns dados que podem nos ajudar a encontrar essas respostas. O número de adolescentes homossexuais que comete suicídio é três vezes maior do que a quantidade de teens héteros que faz o mesmo (18% dos adolescentes gays consideram a possibilidade ou tentam se matar). Esses são jovens que preferem morrer a dizer quem são. Porque sabem que homossexualidade não é opção, mas característica, e que tentar mudar isso seria viver sem coração. Porque o recado social e moral que recebem é direto: amar uma pessoa do mesmo sexo é doença e sentimento que deve ser combatido.

A luta, sei bem, é dura, e é natural que alguns desistam exatamente quando ela se mostra mais difícil: na adolescência. Mas não estará o pecado com ícones sociais que continuam omitindo sua homossexualidade, enquanto adolescentes envergonhados interrompem suas vidas? Olhemos a questão sob um ponto de vista menos altruísta. Ao optar por falar a verdade sempre que a situação vier à tona – porque, claro, não estou recomendando que o cara vá à padaria e, ao pedir um café, diga, “ah, a propósito, sou gay” –, o homossexual está não apenas sendo sincero, mas assumindo que é normal e que não tem vergonha do que é. Ao se esconder, ao fugir de perguntas como “você não vai casar?”, ao ouvir piadas discriminatórias sem dizer nada, ao criar “pseudonamorados” a fim de manter aparências, ao falar do parceiro sem conferir-lhe sexo, estamos confirmando o que pregam os intolerantes, concordando com os que dizem que somos doentes, sedimentando o preconceito do qual somos vítimas.

Uma coisa é ser politicamente correto e discursar anonimamente sobre os males da intolerância; a outra é dizer a verdade sobre sua própria vida. Publicamente. Há várias e curiosas explicações para o homossexualismo, todas plausíveis, todas dignas de discussão. Mas não há explicação cabível para a negação dele. No fim, a covardia é um mal tão nocivo quanto a intolerância.

*A carioca Milly Lacombe, 34 anos, é jornalista. Seu e-mail: millylacombe22@aol.com

Sofás **Confort House**
Mesa de mármore feita por Juarez Fagundes
Cortina em forma de vela de fornecedores de vela para embarcações

Na outra página
Tapete de palha **Agavee,** (11) 3088 9722
Cadeira giratória **Tok Stok,** (11) 5041 2944
Mesa de mármore com rodinhas por Juarez Fagundes
Bancada de madeira herdada do avô Juarez

Casa própria

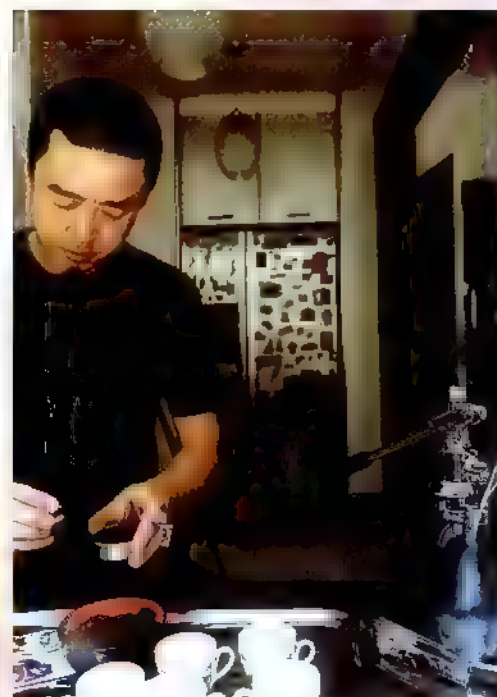
Um loft, um sobrado, um apartamento. Um escritório, uma cozinha, um quarto. Um artista plástico, um estilista e uma arquiteta exibem os ambientes ■ as peças mais especiais de seus lares. E mostram que escolher os móveis do lugar em que se vive é muito mais que seguir regras impessoais dos decoradores da vez. É um prazer

por Miguel Icassatti
fotos Douglas

O LOFT: NO ESCRITÓRIO

Depois de três anos cuidando e planejando as melhores formas de chegar a ela, apaixonou-se de vez. Só falava nela. Quando finalmente terminou de construir e montar a casa, já à beira dos 40 anos, ele fez um festão e a apresentou para seus 500 melhores amigos. "Só pensava na casa", diz o artista plástico e diretor de criação paulistano Juarez Fagundes, 41. "Virei um chato de galocha." No loft onde mora há dois anos e meio, a integração entre os ambientes é total. Difícil, portanto, experimentar a sensação de aconchegar-se em um canto quando se vive em um galpão com 350 metros quadrados, nove metros de pé-direito e sem paredes internas. "Aqui só tenho o canto de dentro e o canto de fora", resume Fagundes.

Instalado numa rua tranqüila de um condomínio no bairro do Morumbi, o loft foi inspirado nos antigos galpões de fábrica da região central de São Paulo e de Espírito Santo do Pinhal (SP). Juarez fez todo o projeto, pesquisou tijolos, vidros e acompanhou ■ obra, que levou três anos para ser construída. "É, literalmente, a casa by myself", diz. Nesse tempo, calcula, gastou entre R$ 400 mil e 500 mil, mas já ofereceram bem mais pela casa pronta. Apesar do alto custo no valor total, Juarez fuçou bastante até encontrar os melhores preços. Se tivesse comprado pronta a escada que vai até o mezanino, teria pago 23 mil reais. Mas ele foi à serraria, botou a mão no aço escovado ■ gastou 9 mil. "Também vi o milheiro de tijolos por 400 paus, mas paguei 180", conta. "Se estiver duro, vale a pena chorar um descontinho."

Para ajeitar ■ escritório que fica no mezanino, Juarez encontrou boas soluções. Juntou a paixão com a praticidade: sobre a mesa de mármore que ele mesmo fez, colocou uma estatueta herdada do "vô Colletti". "Gosto desse convívio entre o superficial e ■ místico", diz ele, que fica todas as manhãs ali desenhando, passando e recebendo fax e e-mails. "É o meu espaço de contato com o planeta", resume. O computador, o fax e os instrumentos de trabalho ficam sobre uma bancada de madeira dos anos 20. Herança do outro avô, seu xará de nome e profissão.

Cozinha:
Cafeteira Pavoni de Florença (Itália)
Pia **Mekal**, (11) 3043 9062
Geladeira **DCS**, (11) 3064 0626
Lustres **Antiquário Minha Avó Tinha**, (11) 3865 1759

Sobre a cristaleira:
Rádio em forma de Cadillac – trazido da Califórnia, 1992
Insetos de metal **Garden Center**, (11) 3645 2777
Velas de São Jorge e Jesus da Feira de Antiguidades do Bexiga (SP)

Na parede:
Anjinhos da Praça Benedito Calixto (SP)
Flores de madeira balsa da Rua 25 de Março (SP)
Velas **Benedixt**, (11) 3068 0285
Quadro Santa **Ceia da** Feira de Antiguidades do Bexiga (SP)

Lustre de três bolas **Antiquário Azul Cobalto**, (11) 3813 7340

O SOBRADO: NA COZINHA

Sobre pernas finas, bem ao estilo palito dos anos 50, a mesa retangular de madeira-marfim foi a primeira a chegar, vinda de um antiquário. Junto vieram as cadeiras, cujo forro original deu vez a outro com motivos de oncinha. Das Casas André Luiz desembarcou logo depois a cristaleira, também de madeira-marfim. "Paguei barato, uns 30 reais", diz o estilista Jum Nakao, 34, sobre o achado que se destaca em sua cozinha. "Mas gastei cem vezes mais na troca das prateleiras." Comprar e restaurar móveis e objetos é o grande barato de Jum, que trabalhou seis anos na Zoomp e agora lança sua própria marca, que leva o seu nome. "Essa é uma forma diferente de cultuar a arte", diz ele. "Cada objeto tem a sua maneira de interagir com a gente."

Há dois anos, Jum vive com a mulher Lelê, o filho Alan e a beagle Sade numa casa de dois andares, construída em 1959, em São Paulo. Mas, para ele, o lugar está sempre em transformação. Em 1989, bem antes da mudança, Jum rodava por uma avenida no centro da cidade e viu mendigos com uma luminária de ferro. Parou, fez uma oferta por ela e reformou-a. Hoje a luminária está na cozinha, o local em que o casal passa mais tempo – "fora a cama" – e organiza jantares para os amigos. "É nosso espaço de celebração", diz Jum. Num dos batentes, o estilista exibe o moedor de café dos anos 30, um presente do tio Lelo – no qual, todas as manhãs, põe os grãos e tira o pó na hora. "Tomo um café na moagem exata", diz. "Ele ainda me dá a chance de compartilhar um ritual com as pessoas de que gosto."

O APÊ: NO QUARTO

Tudo aconteceu muito rápido para a arquiteta e designer Julyana Bortolotto, 26. Após um ano em Milão, na Itália, rolou o casamento em Curitiba, em maio. Depois, veio a mudança para São Paulo e, com Fábio, o marido, quarenta dias na procura do apê para alugar. Quando encontrou, mais uma semana entre pintura e reparos na parte elétrica. Por fim, distribuiu os objetos já comprados – antes de saber se caberiam em cada um dos ambientes – e as peças sob medida. Por ser o primeiro apartamento e não saber até quando ficará nele, Julyana optou por não investir em reformas. "Gastei melhor no design", explica. Ao todo ela gastou em torno de 20 mil reais.

Nos móveis em que pretende aproveitar mais para a frente, colocou rodinhas. Foi assim com quase todos do quarto: as mesinhas de cabeceira, encomendadas ao marceneiro, e a cama king size. Apenas o ventilador de teto e as luminárias são do "pronto-socorro" Tok Stok. "Elas são funcionais e decorativas", diz Julyana. No quarto, aliás, optou por pintar as paredes de branco. Segundo ela, fica a sensação de que o ambiente é maior. "Criei, ao mesmo tempo, um lugar para relaxar durante a noite e que fica luminoso e suave durante o dia."

Nas demais áreas do apê, de três quartos, Julyana teve a ajuda do marido. Ao transformar um deles em escritório, por exemplo, eles juntaram peças necessárias à ocupação de ambos. "Chegamos a um resultado bom para os dois", diz. Na sala, dispôs uma mesa triangular e um sofá que acomodam, cada um, até seis pessoas numa área bem reduzida. "Apostei em poucos móveis", conta. "Todos de design e funcionais." Um casamento que costuma dar certo.

Quarto:
Cama king size **Sonosul**, (41) 222 7176
Mesas de cabeceira do marceneiro **Gilberto Maestrelli**
Luminárias **La Lampe**, (11) 3082 4055

Sala:
Luminária **Dominici**, (41) 343 3703
Mesa **Tok Stok**, (11) 5041 2944
Cadeiras **Desmobilia**, (41) 322 9890
Sofá **Novorumo**, (11) 3043 9153
Tapete **Empório Beraldin**, (11) 3030 3956
Quadro da artista plástica **Jussara Age**
Mesinha de centro do marceneiro **Gilberto Maestrelli**, (41) 283 1492

Passageira do Futuro

A primeira pilota do Brasil fez muito mais do que cruzar continentes em um monomotor. Um merecido documentário registra o feito de Anésia, precursora da ponte aérea Rio–São Paulo

Difícil algum tabu ter sobrevivido à passagem de Anésia Machado por esse mundo. Precoce, só não foi sua morte. Anésia partiu depois de 95 anos de peripécias aéreas e terrestres. Agora, todo o seu pioneirismo poderá ser visto no documentário da cineasta Ludmia Ferolla, *Anésia – Um Vôo no Tempo*, no Rio e em São Paulo em novembro.

Foi no ano de 1920 que o maior companheiro da pioneira, o avião, aterrissou em sua vida. Eles se conheceram durante uma festa em Itapetininga, onde a pilota nasceu e passou infância quase miserável. Aos 16 anos, ultrapassou uma multidão disposta a degustar o primeiro encontro com as nuvens. Arrumou 50 contos de réis e decolou em vôo duplo. Quando aterrissou, estava decidida a largar os estudos e os rígidos padrões de comportamento da época, num tempo em que modernismo era, na melhor das hipóteses, sinônimo de movimento artístico. Foi para São Paulo, passou fome e solidão, mas voltou aviadora.

ANÉSIA MACHADO FALECIDA AOS 95 ANOS; NA ÉPOCA GLORIOSA EM [illegible]; POSSUÍA O BREVÊ MAIS ANTIGO DO MUNDO; TROCOU MEDALHAS COM SANTOS DUMONT

Uma feminista antes de a própria palavra existir, a mulher que só usava calças compridas antecedeu a moda em pelo menos uma década. Também não dispensava um copo de uísque, palavrões, cabelos curtos e, para piorar tudo, o cigarro. Só queria saber de freqüentar ambientes masculinos e não agüentava papo de mulher. "Este tipo de conversa não me interessa", disse há alguns anos a Ferolla.

Apesar disso, era bastante vaidosa. Estava sempre bem penteada, com as mãos feitas e o rosto pintado. Casamento ou filhos, não teve. "Não combina com meu estilo de vida", comentou à diretora. Mas viveu uma grande paixão com o militar e aviador Marechal Appel Netto, que largou a mulher para morar com Anésia quando o divórcio ainda nem constava da Constituição. Ficaram juntos 30 anos e, reza a lenda, na hora do vôo, o comandante era ela.

Anésia foi a primeira mulher a realizar o trecho Rio–São Paulo. Participou da Revolução de 24: em missão voluntária de paz, jogava pétalas de rosa do céu nas prisões da cidade. Inaugurou a profissão de repórter aeronáutica de São Paulo e manteve durante 1927 e 1928 uma coluna semanal no jornal *O País*. Foi precursora também ao ligar as três Américas, num vôo de Nova Iorque ao Rio de Janeiro e ao cruzar os Andes em um monomotor. Além disso, foi a única representante do sexo feminino a dar instrução especializada numa corporação militar de vôo.

Em 1954, era portadora do brevê mais antigo do mundo ainda em atividade e foi condecorada pela Federação Aeronáutica Internacional. Aproveitou as influências extraterritoriais para acertar uma dívida do passado: retribuir uma homenagem a Santos Dumont.

A troca de reverências teve início em 1922, quando o primeiro aviador do mundo impressionou-se com a determinação daquela menina. Foi cumprimentá-la, entregando-lhe uma carta e uma medalha, igual a que o acompanhava. Quatro décadas depois, Anésia encontrava-se à altura de devolver a gentileza. Conseguiu, por meio da NASA, que uma cratera da lua fosse batizada com o nome de Dumont. A pilota fez sua parte na história da aviação e do feminismo. E bateu asas.

Do armário para a tela

Festival Mix Brasil leva a três cidades brasileiras 153 filmes com temática gay

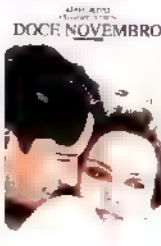
CENA DE A PÍCARA CONFUSA

Porto Alegre, Brasília e São Paulo abrem suas salas – dez, ao todo – para 153 filmes com temática homossexual produzidos em 14 países. É o Festival Mix Brasil, que acontece de 13 a 23 de novembro. Este ano, entra em cena uma retrospectiva do ator alemão Udo Kier – sob a direção de cineastas como Paul Morrisey, Wim Wenders, Lars Von Trier e Gus Van Sant. O pai do Mix Brasil, André Fischer, extraiu a polpa do festival. **Tome nota: *I.K.U.*, de Shu Lea Sheang; *A Pícara Confusa*, de Quentin Lee; *Minha Vida de Trolha*, de Dominick Brascia; *Flufer – Nos Bastidores do Desejo*, de Richard Glatzer; *Km. 0*, de Yolanda García Serrano e Juan Luis Iborra; *Animalada*, de Sergio Bizzio e *As Damas de Ferro*, de Yongyoot Thongkontoon.**

Filme	Câmera	Ação	Pérola	Opinião
Rock Star (Rock Star, EUA, 2001). Drama. ★★★	Direção de Stephen Herek. Com Mark Walhberg, Jennifer Aniston, Dominic West, Timothy Spall e Timothy Olyphant.	Nos anos 80, um cantor de rock é despedido do grupo que ele mesmo fundou. Mas seu destino se inverte ao ser chamado para substituir o vocalista da banda de seus sonhos.	Crítica ao estrelato repentino, inspirada na trajetória da banda Judas Priest, que trocou o líder original por um cantor cover.	Sexo, Drogas e Rock'n'roll (ou Na Era do Disco ou The Show Must Go on).
Caramuru, a Invenção do Brasil (Brasil, 2001). Comédia. ★★★	Direção de Guel Arraes. Com Selton Mello, Camila Pitanga, Débora Secco, Tonico Pereira, Débora Bloch, Luís Mello, Pedro Paulo Rangel e Diogo Vilela.	Ficção ■ realidade se misturam no retrato da antiga lenda brasileira: a história do português Diogo Álvares, o Caramuru, que chega ao país em 1500, se apaixona pela terra ■ pelas duas irmãs: as índias Paraguaçu e Moema.	Divertida ■ muito bem produzida, é uma adaptação da microssérie homônima exibida pela TV Globo na época das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.	Entre Dois Amores.
Hedwig – Rock, Amor e Traição (Hedwig and the Angry Inch, EUA, 2001). Drama. ★★★	Direção do estreante John Cameron Mitchell, que atua ao lado de Miriam Shor, Theodore Liscinski e Stephen Trask (também autor da trilha sonora).	Uma drag queen, cantora de rock, é frustrada no amor. Trabalha sem cessar, enquanto o ex brilha à sua custa: antes de largá-la, ele roubou todas as suas composições. Para se vingar, ela abre sua vida ao público e à imprensa, em meio a monólogos, canções e lamentações.	Levou o prêmio Teddy no festival de Berlim 2001, concedido a produções de temática homossexual. É uma adaptação da peça homônima aclamada do circuito off-Broadway.	Quem vai ficar com Mary? (ou Bela Donna).
Apocalypse Now Redux (Apocalypse Now Redux, 1979/2000, EUA). Ação. ★★★★	O clássico de Francis Ford Coppola tem atuação de Marlon Brando, Martin Sheen, Robert Duvall, Laurence Fishburne, Harrison Ford, Scott Glenn e Dennis Hopper.	A obra-prima de Coppola sobre ■ guerra do Vietnã, na qual o capitão Willard é enviado à selva para executar o coronel Kurtz, volta às telas remasterizada, com 53 minutos a mais de duração.	Ganhou a Palma de Ouro em Cannes (1979) e quase deixou Coppola louco. Brando deveria ser um tipo atlético, mas engordava. Sheen teve infarto e o diretor, crise de epilepsia.	Maré Vermelha (ou A Volta dos Mortos Vivos).
Milagre em Juazeiro (Brasil 1999). Documentário. ★★★	Direção de Wolney Oliveira, que assina o roteiro com Verônica Guedes. Com José Dumont, Marta Aurélia, Roberto Bonfim, entre outros.	Em 1889, Cícero Romão Batista, pároco da Vila Juazeiro (CE), dá comunhão ■ uma beata e ■ hóstia se transforma em sangue: farsa ou milagre? O filme refaz ■ trajetória do padre Cícero, maior símbolo religioso do Nordeste.	Eleito o melhor documentário do Festival de Montevidéu. Também levou o prêmio especial do júri e de melhor atriz coadjuvante (Maria Aurélia) no 32°. Festival de Brasília.	À Espera de um Milagre.
O Olhar da Inocência (Les Enfants du Marrais, França, 1999). Drama. ★★★★	Direção de Jean Becker. Com Jacques Villeret, Jacques Gamblin, André Dussollier, Michel Serrault, Isabelle Carré e Eric Cantona.	Crônica sobre um grupo de amigos que vive na França rural pós-Primeira Guerra, na região de Marais, ao longo do rio Loire. Um filme sobre amizade, que envolve um ex-soldado, um condutor de trem, um leitor incansável, um casal com seus três filhos e um velho rico.	Jean Becker dá sua visão inocente e masculina do mundo. Faz um contraponto ao ebulitivo *Verão Assassino* (1983), ■ primeira produção que revelou a nudez de Isabelle Adjani.	Os Bons Companheiros (ou Tempo de Inocência).
História Real (The Straight Story, EUA, 1999). Drama. ★★★★	Direção de David Lynch. Com Richard Farnsworth, Sissy Spacek, Harry Dean Stanton.	Road movie em slow motion, inspirado em caso verídico: o viúvo Alvin Straight, 73, faz uma viagem lenta e longa pelos EUA. Dirigindo um cortador de grama, vai visitar seu irmão mais velho e doente, que não vê há mais de dez anos.	Garantiu a David Lynch sua terceira indicação ao Oscar – as outras foram por *Veludo Azul* e *O Homem Elefante*. Foi inspirado num artigo do *The New York Times*, de 1994.	Velocidade Mínima (ou Em Busca do Tempo Perdido).

Videoclube

Os melhores lançamentos do mês

Círculo de Fogo
Jean-Jacques Annaud, o diretor de *O Nome da Rosa*, reconstitui a batalha de Stalingrado – na mais cara produção européia (95 milhões de dólares).

Doce Novembro
Um água-com-açúcar potável que traz às telas o mesmo casal de *Advogado do Diabo*: Charlize Theron e Keanu Reeves.

Final Fantasy
Marca a nova era do realismo digital no cinema. É inspirado no videogame homônimo e protagonizado por personagens humanos criados por computador.

Planeta dos Macacos
Cinco filmes, duas séries de TV e 100 milhões de dólares depois, os macacos voltam às telinhas com toda a tecnologia atual de Hollywood.

Miniatura Erótica

Orgia, bacanal, pornografia, sodomia, heresia, estupro e incesto – agora ao alcance de suas mãos em uma série de livrinhos de arrepiar

Já estamos no terceiro milênio, mas não é por isso que os representantes da literatura erótica da língua francesa dos séculos XIX e XX parecem menos depravados. Orgia, bacanal, pornografia, sodomia, heresia, estupro e incesto continuam arregalando olhos modernos e, agora, por poucos, pouquíssimos reais.

A editora Imaginário publicou uma série de quatro livrinhos de arrepiar – discreta apenas no formato (pocket), no preço (R$ 4,50 cada) e nas capas (reproduções de quadros bem comportados de Fragonard e Boucher).

O mestre do surrealismo Guillaume Apollinaire (em *As Façanhas de um Jovem Don Juan*), o pop Marquês de Sade (em *Contos Libertinos*), o célebre Alfred de Musset (em *Gamiani ou Duas Noites de Orgia*) e o inspirador intelectual de Buñuel, Pierre Louÿs (em *Manual de Civilidade Destinado às Meninas para Uso nas Escolas*) tecem baixarias para depravado ou literato nenhum botar defeito.

Os quatro mosqueteiros da literatura européia são prova cabal de que debaixo da pompa francesa vigorava uma perturbada (saudável?) libertinagem. Luís XIV, por exemplo, foi o rei que mais teve amantes. Chegava a se conceder a "honra" de experimentar as mulheres de seus empregados antes dos próprios, na noite de núpcias. Ainda assim, morreu com a fama de bissexual.

Esse bacanal pornográfico pode ter chegado ao fim, mas publicações pertinentes por poucos reais estão apenas começando.

Saiu do forno

Os melhores lançamentos do mês

Valerie Solanas foi a feminista mais bizarra de que se tem notícia. Nova-iorquina, lésbica, atriz, dramaturga – autora da peça de teatro *Up your ass* –, viciada e, em tempos de vacas magras, mendiga e prostituta. Ganhou seus 15 minutos de fama ao atirar, em 1967, no papa da pop art, Andy Warhol – fato que inspirou o filme *Um Tiro Para Andy Warhol*, de Mary Harron. Foi imortalizada como fundadora e único membro do ***Scum Manifesto – uma proposta para destruição do sexo masculino***, clássico do feminismo, recém-publicado pela Conrad livros (64 páginas, R$ 9,90). No hilariante documento, Solanas diz o óbvio: que sexo forte é o nosso. E surpreende ao pregar o fim dos homens. O macho para ela é "um acidente biológico, uma fêmea incompleta". Ideologia que revive, é verdade, a antiga guerra dos sexos, mas que, em condição anormal de temperatura e pressão, vem a calhar.

Peixe Dourado é uma brilhante oportunidade para conhecer **J. M. G. Le Clézio**. O autor já foi considerado o maior escritor francês vivo, mas por aqui passa por principiante: apenas três das suas trinta obras foram traduzidas para o português. No livro, lançado recentemente pela Companhia das Letras (216 páginas, R$ 26), ele ensina uma menina negra a nadar. Contra a correnteza de seu destino, em busca de si mesma. É a protagonista quem narra seus malogros. Roubada da família e vendida no Marrocos a uma velha judia, ela aceita a crueldade da vida, que lhe removeu as origens, até que se surpreende sozinha. Vê-se de repente obrigada a encarar a liberdade, conceito outrora tão distante. Parte para uma viagem de descobertas na França e nos EUA, onde aprende a lidar com a solidão, com o medo e com suas raízes orientais – temas recorrentes na literatura de Le Clézio.

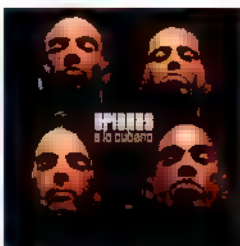
Zélia Gattai publica aventuras cotidianas de Jorge Amado. No livro ***Códigos de Família*** (ed. Record, 189 páginas, R$ 25), a escritora apodera-se da fama de contadora de histórias para relatar deliciosos "causos" vividos por sua prole e agregados, como João Cabral de Melo Neto e Dori Caymmi. Conta gafes, lembranças de viagens e da intimidade cotidiana, que renderam expressões incorporadas ao vocabulário do clã Gattai Amado. Ali, para comunicar a decepção de um presente recebido, deve-se dizer que ele é "todo cultural" – código de autoria de Pablo Neruda, herança de sua festa de 50 anos, quando o poeta lamentou só ter recebido presentes literários. O livro é assim, todo humano. Desmistifica personalidades e convida às singularidades do ambiente familiar. Pedida obrigatória para quem tem parentes, ou o Jorge Amado, no coração.

O romance de estréia do norte-americano **Chris Offutt** é um atentado à mediocridade americana. Offutt empresta a linguagem e os pensamentos limitados de seu protagonista para construir uma sociedade rural – situada nos dias de hoje e ditada por um valor medieval: a honra. ***O Irmão Bom*** (Ed. Rocco, 335 páginas, R$ 34) é Virgil Caudill, motorista de um caminhão de lixo nos arredores de Kentucky e cuja maior ambição é satisfazer suas necessidades básicas e mundanas. A passividade de Virgil é ameaçada pelo assassinato de seu irmão. Condenado ao próprio destino, ele se vê obrigado a limpar o nome da família, vingando-se. O revide não decepciona nem a justiça nem a violência exacerbada do sistema americano.

Greatest Hits

Uma coletânea do que há de melhor na opinião de quem você nem desconfia

Tiempo Transcurrido **– Café Tacuba** (WEA Music)
Eu tenho orgulho de ouvir um disco de música pop que respeita o umbigo cultural do seu próprio país – no caso, o México. Por ser uma coletânea, o CD mostra várias fases da banda, que foi formada em 1989, e a forte influência da música nativa. Os americanos bombardeiam os ouvidos do mundo há muito tempo, mas daqui em diante teremos que respeitar a produção musical de cada país. As bandas latinas estão arrebentando. *Tiempo Transcurrido* reúne 22 dos maiores sucessos do quarteto e ainda traz uma inédita, "El Baile y El Salon".
Marcelo Yuka, líder da banda O Rappa

The Id **– Macy Gray** (Sony Music)
O disco todo dessa americana tem um ar retrô bacana, uma sonoridade soul típica dos anos 60. Mas os melhores resultados são as músicas mais introspectivas, como "Sweet Baby" (balada soul que cita LouReed) e "Don't come around". Apesar de não trazer nenhum grande hit, como "I Try", do primeiro CD, eu gostei. A melhor faixa é "Gimme all your lovin' or I will kill you" – poderosa!
Eugênio Lima, DJ de black music

A Lo Cubano **– Orishas** (Universal Music)
Quatro garotos cubanos que resolvem estudar em Paris e acabam fazendo raps que falam da vontade de voltar para a miséria e beleza de Havana. Diferentemente da maioria dos rappers, que abusam de temas violentos, os Orishas afirmam a importância de valores espirituais, a começar pelo próprio nome do grupo – que aqui no Brasil não precisa nem de tradução. A música, meio salsa, meio merengue, tem algumas quebradas, mas pouca ousadia. Tudo bem: batidas e rimas em línguas calientes são sempre bem-vindas. Saravá, Orishas!
Cris Couto, repórter do Vídeo Show, da Globo

Comigo **– Rita Ribeiro** (Abril Music)
Nada menos que Zeca Baleiro abre esse disco, dando uma palha em "Comigo" – a faixa de trabalho do terceiro CD da artista maranhense. Depois de tanto engolir abacaxi sem descascar, já era tempo de Rita gravar um disco tão bem mixado. Meio mutante, tropicalista, ela tem uma voz gostosa, brasileira. A cada música, uma surpresa: acordeons, pífanos, gaitas e tambores permeiam todo o disco, além de sanfoninhas e teclados.
Brasília, mestre de capoeira em São Paulo

Vá lá:
ZeitGeist: (11) 222 8173
Flórida (11) 223-8359
Spider (21) 521-8967
Modern Sound (21) 548-5005
www.trama.com.br
www.universalmusic.com.br

Cool Steps - Drum'n' bass grooves **– Patife** (Trama)
O Patife é um cara de bom gosto, jazzy. Suingado, o moço sabe o que vai bem nas pick-ups. Legal de ouvir em casa, no carro, na pista. A pianaria cubana em "Torch of Freedom", com violão solto e dedilhado doce, abre bem. A faixa 12 tem canja do percussionista João Parahyba e do trombonista Bocato, somados a um belo solo do Daniel Alcântara no trompete. Como se não bastasse, o disco ainda conta com vocais brazucas como no track-hit "Sambassim", da sempre presente Fernanda Porto.
Cibelle Cavalli, cantora e compositora, está no disco *São Paulo Confessions*, do produtor Suba

Mad Cat and the Cats **– Mad Cat** (Blues Time Records)
Peter "gato louco" Ruth já era conhecido como um dos mestres da harmônica. Depois de "Mad Cat & the Cats" também será lembrado pela feliz idéia de reunir alguns gênios do blues para comemorar o aniversário de seus 50 anos. A festa da banda de seus sonhos foi em Minessota, Estados Unidos. O resultado é um CD daqueles para ser ouvido na estrada, em noite de lua cheia.
Caco Barcellos, jornalista e escritor

Aqui, ali, em qualquer lugar **– Rita Lee** (Abril Music)
O simples fato de a roqueira maior do Brasil lançar um disco já é motivo suficiente para comprá-lo. Este CD, composto por canções dos Beatles, torna-se indispensável. Rita nos apresenta versões calmas, muitas vezes acústicas, de alguns clássicos dos rapazes de Liverpool. Mesmo as cantadas em português, que normalmente são bem inferiores que as originais, aqui se encaixam perfeitamente no contexto, de uma maneira simples e despretensiosa. Perfeito para escutar com a namorada.
Gus Bozzetti, diagramador da *Tpm*

Fetiche

Peças básicas que são tudo

Nas pontas do lápis

A Borjois Paris inovou com esse superlápis. Ele pode ser usado para fazer o simples contorno dos olhos e também como sombra, para dar aquele efeito esfumaçado. O mais legal é que vem com duas cores na ponta. Você pode usar cada uma delas separadamente ou as duas juntas. Em versões prata e preto, dourado e preto ou – para as mais corajosas – verde e azul, é encontrado em megastores ou nas grandes perfumarias por R$ 22,80. Tel.: 0800 7043440.

Cabeça de vento

Nem sempre chapéu é sinônimo de trambolho que nunca cabe na mala que você vai levar para a praia. Este, de tiras de bambu forradas com uma tapeçaria psicodélica, protege contra o sol e ainda pode ser dobrado como um leque. Se falta uma peça meio hippie entre seus acessórios, você só precisa desembolsar R$ 32,50 no Espaço Aldebaran. Tel.: (11) 3816 6453.

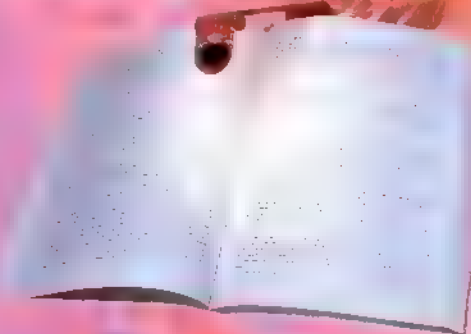
Apoio cultural

Incremente aquele canto moribundo do apê com esse banco que serve para quase tudo – menos para sentar. Feito de madeira, é revestido de um mosaico de pequenos objetos, como chaveiros, correntes e bichinhos de plástico. Quando um chato aparecer no seu doce lar sem ter sido convidado, apresente-o ao assento. Ele vai ver que não é nada fácil se acomodar sobre um monte de bugiganga sem ficar com o bumbum corroído. À venda na Sobral, por R$ 200. Tel.: (21) 2274 3495.

Radioatividade

Cole o ouvido nesse radinho AM/FM sem pilha. Companheiro inseparável de quem não sai de casa sem som, ele é uma pequena pérola tecnológica: mesmo que fique funcionando direto, a sua bateria – como aquelas de relógio – vai deixá-lo ligado por meses. Falta grana para comprar aquele super-hiper-microsystem turbo? Junte R$ 58, vá até a Art Mix e ponha esse radinho na mochila. Se bobear, cabe até no porta-moedas. Tel.: (11) 3064 8991.

O iluminado

Se seu namorado, sua irmã ou companheira de quarto armam aquele barraco toda noite quando você insinua que vai deixar a luz acesa até a última linha do novo romance do Umberto Eco, a solução para um convívio pacífico já existe. Além de marcar a página na hora em que o sono bater, a luminária dobrável não incomoda o vizinho de cama. Invista na tolerância desembolsando R$ 47,30 na Zona D. Tel.: (11) 3085 6588.

Tiursinha

A carinha inocente e o ar blasé dos cachorrinhos, gatinhos e ursinhos de pelúcia guardados desde os cinco anos de idade não combinam com certo conceito, bastante moderno, de "bicho de estimação". Essa ursa madura, desinibida e segura de si não abre mão das próprias fantasias por peludo nenhum – a começar pelo *style* sadomasô. Custa US$ 30 no www.gadgetshop.com, ótimo endereço para encontrar pequenas excentricidades.

Pitanguy

Seus óculos vivem jogados em cima da mesa, entre as almofadas do sofá ou dentro da bolsa? Está na hora de pedir ajuda ao pinocchio portátil. Este porta-óculos de alumínio fundido segura qualquer par de lentes e pode mantê-las livre de riscos ou dedos engordurados. Mais: ele fica te paquerando o dia inteiro com um sorriso sacana nos lábios. Apareça na Stilarredo e leve por R$ 36. Tel.: (11) 3043 9711.

Passe a bola para o pingüim

Já que ainda não inventaram uma colher de pegar sorvete para leigos que faça bolas perfeitas, encare com bom humor uma eventual lambança na hora de servir a sobremesa. Bote a culpa nesse pegador-pingüim que, de tão bonito, não precisa ficar escondido na gaveta nem ir para o freezer até ser usado novamente. Leve um por R$ 34, na Art Mix.

Barbiquíni

Esse biquíni vem estampado com nossa boneca preferida, a Barbie. Frente única, a parte de cima é um luxo, e a calcinha traz acoplada uma bolsa a tiracolo, assim você vai para a praia bem equipadinha e, melhor, sem aquela bolsa gigante pendurada nos ombros. Agora, é só esperar o sol chegar, guardar R$ 148 e dar um pulo lá na Rosa Chá. Tel.: (11) 3081 2793.

Good hair day

Este óleo da Alfaparf Milano é para aqueles dias em que o cabelo acorda meio rebelde, meio desajeitado, meio "pelo amor de Deus, o que faço agora?" o famoso *bad hair day*. Ele hidrata os fios e dá brilho e forma a – acredite! – cada um deles. O segredo são as sementes de linho, seu principal componente. Pode ser usado diariamente e ajuda aquela escova a ficar impecável, além de dar um upgrade na chapinha. É encontrado nas principais perfumarias do Brasil e custa, em média, R$ 18,90. Tel.: 0800 212652.

Cereja

Essa bolsinha de mão pode, entre outras coisas, te animar a ir ao casamento daquela prima que você evita a todo o custo. De veludo vermelho e bordada com miçangas pretas, ela dá um tom mais chique para qualquer vestidinho básico preto. Perfeita para noites de gala, comporta bem o batonzinho, o lápis de olho, a carteira e *otras cositas*. Em Sampa, custa R$ 278, na R.S.V. Purse. Tel.: (11) 3061 3423.

Em tempos de guerra...

Nada mais apropriado do que prestar homenagem aos homens e às mulheres da vez, aqueles que estão lá na frente de batalha. Ah, pára com isso! Que não seja para homenagear ninguém, apenas para entrar na moda. Os colares inspirados nas plaquetinhas de tipo sanguíneo dos soldados viraram acessórios, feitos com strass. São importados de Nova York e podem levantar o astral do velho e bom jeans e camiseta. Tudo isso por R$ 72, na Beth Salles, em SP. Tel.: (11) 3032 3292.

Boca a boca

Quer experimentar esse batom? Nenhuma mulher resiste ao convite. Por isso, montamos uma banquinha na redação e chamamos as meninas da casa para um teste. Confira em nossos beijos os últimos lançamentos para o verão

1. Andréa Bueno, estagiária de produção da *TRIP* – Lip gloss Aldeído, **O Boticário**, 0800 413011: R$ 19

2. Carla Gonçalves, executiva de contas do Departamento Comercial – Gloss Impression Lèvres, **Clarins**, (11) 3846 3699: R$ 46,40

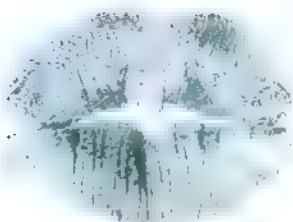
3. Anita Castanheira, assistente de produção da *Tpm* – Gloss tridimensional Surreal, **Natura**, 0800 115566: R$ 13,90

4. Thaila Moreira, estagiária da *Tpm* – Batom LCG 66, **OPI**, (11) 5181 4449: R$ 31

5. Renata Grynszpan, coordenadora de produção da *TRIP* – Batom Miss Sporty 25, **Coty Girl**, (21) 2517 8090: R$ 4

6. Renata Leão Bavaresco, repórter da *Tpm* – Batom Moisture Surge Lipstick, **Clinique**, (11) 3846 3699: R$ 66,91

7. Bianca Bertolaccini, produtora da *TRIP* – Batom 150, **L'Oreal**, 0800 701 6992: R$ 15

8. Paola Bianchi, diretora de arte da *Tpm* – Gloss Effect 3D 66, **Bourjois**, 0800 704 3440: R$ 31

9. Camila Oliveira, atendimento ao leitor – Batom 170, **Contém 1g**, (19) 634 1376: R$ 9,80

10. Vanessa Marçal, assistente administrativa – Batom 87, **Artdeco**, (19) 3251 0088: R$ 30

11. Milly Lacombe, colunista da *Tpm*, não usa batom.

E-mails e cartas

Diga tudo o que você pensa sobre a ***Tpm*** no revistatpm@uol.com.br

YES, NÓS AMAMOS LENNY

A matéria do Lenny Kravitz está maravilhosa. As "dez razões para amar Lenny Kravitz" dizem tudo. Mas fora de série foi a frase do jornalista Fernando de Barros e Silva sobre o fato de as mulheres já poderem ter tesão num cara como ele, enquanto os namorados, "coitados", pensam nas malandrinhas. Genial.
Daniela, por e-mail

Gostaria de parabenizar as jornalistas Mariana Sgarioni e Nina Lemos pela reportagem "Dez razões para amar Lenny Kravitz". O sex symbol foi abordado da maneira que uma revista pós-moderna deve tratar artistas gatos como ele: com tesão, mas sem fanatismo ou sensacionalismo.
Paula Carteado, Salvador (BA)

TERRY RICHARDSON

LENNY KRAVITZ, "COM TESÃO E SEM FANATISMO"

DOUTOR EM SEXO

Quando li e vi o Jairo... Uau... Eroticamente correto, perfeito. Mais uma vez vocês me surpreenderam. Continuam acertando.
Claudiane Oliveira, Curitiba (PR)

DONA CARMELA

Este mês fui surpreendida pela revista. Logo nas primeiras páginas, vejo a reportagem "O que é isso, companheira ?". Me deparo com uma foto bem grande da minha própria avó – caso a encontrasse na rua não reconheceria. Bom, é melhor eu contar toda a história: Minha mãe Sonia (que também participou da luta armada) conheceu o "Murilinho [filho de Carmela Pezzuti]" na França. Fizeram planos de ter filhos, mas minha mãe só conseguiu engravidar dez anos depois em Cuiabá. Quando nasci, a relação dos dois já não era boa e estavam prestes a se separar. Me separei do Murilo aos três anos, a minha única recordação são as fotos. Depois disso, minha mãe veio morar em Curitiba e conheceu o Luís, que me adotou como filha. Aos 10 anos descobri que meu pai estava morto, mas só soube aos 17 que havia se matado. De minha avó Carmela também não tenho lembranças. Faz dez anos que gostaria de encontrá-la, mas me faltava coragem. Com a reportagem, que não consigo terminar de ler pois começo a chorar, resolvi procurá-la. Por favor, façam contato comigo pois me faltam os números dela. VOCÊS SÃO A MINHA ÚNICA SAÍDA!
Mayra, Curitiba (PR)

Nota da Redação: A leitora já foi informada por nós dos números de telefone de Carmela Pezutti. Boa sorte, Mayra.

Apesar de *Tpm* ser direcionada às mulheres, com certeza alguns homens devem identificar-se principalmente com o profissionalismo e a seriedade de vocês. Palmas para a entrevista das páginas vermelhas com a Carmela Pezzuti, que está demais, de arrepiar.
Ademir Correa, por e-mail

FACÍLIMOS

Estou com a *Tpm* deste mês em mãos. Na seção Badulaque, vocês mostram os caras que estavam, e parecem ainda estar, "facinhos". Achei interessante a nota. Adorei tanto o conteúdo quanto a parte gráfica da seção.
Leticia, por e-mail

A DECLARAÇÃO DE MILLY

Adorei o artigo "A revolução do casamento", da Milly Lacombe. Sou hetero, vou me casar em maio do próximo ano e sou completamente a favor da legalização da união entre pessoas do mesmo sexo. Acho um absurdo que duas pessoas que se amam, se cuidam, se respeitam e são fiéis – para mim, isto é casamento – sejam desamparadas no momento em que precisam. Linda a declaração de amor que ela fez para sua namorada.
Andreah, por e-mail

IH, NÃO GOSTEI...

Acho que a revista precisa de algumas melhoras. A segunda e terceira edição foram muito fracas. Cores "clubber" demais para o meu gosto – apesar de já ter notado que isso diminuiu nos dois últimos números. Os ensaios estão muito bons. O do Fábio Assunção [*Tpm*#4] ficou bem louco.
Ana, por e-mail

OBRIGADO, OBRIGADO

Olá, Paulo Lima,
Neste final de semana comprei pela primeira vez a *Tpm* e tive uma grata surpresa. Que bom saber que existem revistas femininas de bom gosto e com boas matérias para um público que não quer saber só de sexo e moda. Achei tudo de muito bom gosto inclusive a qualidade de impressão. Jornalismo honesto. Parabéns.
Elaine Novais, por e-mail

Elaine,
Talvez você não imagine a importância de mensagens como essa sua, para que continuemos "na luta". Superobrigado pelo carinho de suas palavras.
Um beijo, Paulo Lima

Atendimento ao leitor: (11) 3081-4511, das 9 h às 18 h
Endereço: Rua Lisboa, 78, 05413-000, São Paulo, SP
Para assinar: www.revistatpm.com.br ou ligue para (11) 3038-1480, de 2ª a 6ª, das 8 h às 20 h

ADVERSIDADE É PARA CONTEMPLAR

por Mara gabrilli*

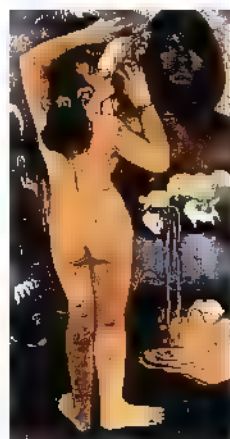
Sabe um sentimento desabitado do tipo depois do assalto, com o carro sem o som, a casa sem os móveis? E aquela nostalgia irrecuperável de quando se tira do armário os cadernos do colegial? Venho sentindo essas coisas a cada pensamento meu roubado por Nova York. Você conhece seu museu de arte moderna, o MoMA? Nossa, como ele é resplendoroso! Por influência da minha mãe e do meu amigo Rafael, desenvolvi uma satisfação muito especial em visitar museus de arte. Algumas obras, principalmente pinturas e esculturas, ingressaram na minha vida com deleite, compondo arranjo no meu olhar e repondo cores e formas no meu imaginário estético.

Algumas vezes o MoMA ganhou status de prolongamento do meu ambiente, e seus quadros já receberam horas de minhas palavras e do meu olhar embevecido... É, palavras. Eu sempre gostei de escrever para pinturas. Entrar numa sala do MoMa e aguardar o chamado de alguma tela que queira ser escrita é escolha singular que atende uma inclinação vital. Essa espécie de "psiu" transcendental me coloca diante de uma das facetas de Deus. Depois é só deixar nossa energia, ou alucinação, ou espírito em plenitude, ou conhecimento metafísico se entenderem. A obra me mostra o tempo, escorre e colore estilo, releva afetos, revela fatos, respinga história e ainda se emoldura na personalidade do autor. O meu papel é ficar ouvindo tudo isso, com extrema atenção flutuante, deixando pintar a sinestesia, processar pela emoção e esboçar palavras no papel. É uma espécie de transe artístico onde empresto o meu ser à psicanálise das artes plásticas. Isso não tem nada a ver com crítica. Trata-se de, no mínimo, dois monólogos conversando.

O amor pelas minúcias

Tudo isso só para te contar do meu medo de que o MoMA sofra um atentado e vire pó, levando minha memória e os meus insubstituíveis "clientes" notáveis e fiéis ao amor que sinto por minúcias. Espero que este choque na hegemonia gigante transforme vertiginosamente pontos de vista e condutas humanas, semeando benevolência. Algo muito diferente daquela atitude "solidária" que lança mísseis e depois joga ração.

Sonho com algo mais parecido com alimentar e depois levar um cafezinho com cookies. Quando a gente permite que a mente experimente penetrar a obra e olhar através da tela, faz-se um repentino momento de beleza. Reside aí a nossa infinita fonte criativa.

Agora eu queria ir com você até o MoMA e juntos admirarmos *Dance*, de Henri Matisse, e *Birthday*, de Marc Chagall. Não me importa quem você seja, estou sentindo empatia. Quero passear com você! Que tal se fôssemos transcender as montanhas do leste e enxergar além da nossa própria cultura, sem julgar preceitos, somente prezando o bem-estar e a felicidade humana? Isso pode nos dar um imenso prazer de sermos pessoas, a ponto de deflagrar reconhecimento das próprias habilidades. Nos tornaremos cúmplices da sabedoria da não-agressão. Contemplaremos adversidades.

Ouvi que é ignorância rejeitar partes do mundo, pois vencer abrange todos os aspectos. (Que sincrônico ilustrar esta última frase com a tela *The Conquest of the Air*, de Roger de La Fresnaye). Talvez o álibi das frases caladas, aquelas sentidas no âmago ainda ingênuo, tenha desabado com as torres. Talvez a empáfia ocidental tenha sido soterrada. Talvez a possibilidade de olhar para os olhos daquele sujeito próximo e enxergar um sujeito próximo tenha se consagrado. Talvez tanta dor não tenha sido completamente em vão... Socorro, a minha cabeça está girando... Talvez a pessoa terrorista tenha dentro de si o mesmo que a pessoa jurista, ou até a pessoa dentista, sambista, balconista.

Chega, pois você pode odiar riminhas, e basta de não nos incomodarmos com o sentimento alheio. A intolerância é uma falta grave. Talvez, atentos a isso, respingaremos menos sangue nas páginas da história que escrevemos agora.

Eu adoraria te presentear com uma pintura do Paul Gauguin que muito me encanta: *The Moon and the Earth* e mais o meu desenho predileto, chamado *Sleeping Peasants*, de Picasso. Se você se interessar em eternizar esse nosso passeio, viaje neste valioso universo: www.moma.org

*Mara Gabrilli é publicitária e psicóloga. Dirige a ONG Projeto Próximo Passo (PPP), ligada à qualidade de vida do deficiente físico – ela é tetraplégica e foi *TRIP* Girl na *TRIP* #82. Seu e-mail: maragab@uol.com.br

onbongo
tel: 3845.3747